

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Christiane Miranda Buthers

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DE
CONSTRUÇÕES COM XPs PRÉ-VERBAIS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A
PARTIR DA FATORAÇÃO DE EPP**

**Belo Horizonte (MG)
2018**

Christiane Miranda Buthers

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DE
CONSTRUÇÕES COM XPs PRÉ-VERBAIS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A
PARTIR DA FATORAÇÃO DE EPP**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva.

Linha1(F): Estudos de Sintaxe Formal

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

**Belo Horizonte (MG)
Faculdade de Letras da UFMG
2018**

B983a

Buthers, Christiane Miranda.

Aspectos morfossintáticos de construções com XPs pré –
verbais no português brasileiro [manuscrito] : uma análise a partir
da fatoração de EPP / Christiane Miranda Buthers. – 2018.
xvii, 263 f., enc. : il., grafs., tabs., p&b.

Orientador: Fábio Duarte Bonfim.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos de Sintaxe Formal.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 255-263.

1. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 2. Língua portuguesa
– Verbos – Teses. 3. Língua portuguesa – Sujeito e predicado –
Teses. 4. Gramática comparada e geral – Sintagma nominal –
Teses. 5. I. Duarte, Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



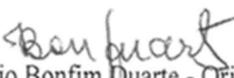
FOLHA DE APROVAÇÃO

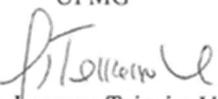
Aspectos morfossintáticos de construções com XPs pré-verbais no português brasileiro: uma análise a partir da fatoração de EPP

CHRISTIANE MIRANDA BUTHERS

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos em Sintaxe Formal.

Aprovada em 20 de novembro de 2018, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Fabio Bonfim Duarte - Orientador
UFMG


Prof(a). Lorenzo Teixeira Vitral
UFMG


Prof(a). Eloisa Nascimento Silva Pilati
UNB


Prof(a). Jaqueline dos Santos Peixoto
UFRJ


Prof(a). Joaquina Aparecida Nobre da Silva
IFNMG

Belo Horizonte, 20 de novembro de 2018.

Amor de Mãe

*Simples, exato, incomparável,
inenarrável, incondicional,
imensurável, e o único que
atravessa as portas
do infinito e se eterniza
no pergaminho inviolável
do tempo como poema divina.*

Edna Frigatto

*Aos meus amados filhos,
Guilherme e Gabrielle,
razão do meu viver.*

AGRADECIMENTOS

*É melhor ter companhia
do que estar sozinho,
porque maior é
a recompensa do trabalho
de duas pessoas. Se um cair,
o amigo pode ajudá-lo a levantar-se.
Mas pobre do homem que cai
e não tem quem o ajude a levantar-se!*
(Eclesiastes 4.9,10)

A Deus, por tudo que Ele fez e faz por mim... Pela proteção constante, pelo cuidado com minha vida, pela inspiração de todos os dias, por me permitir chegar até aqui e conquistar mais este grande sonho.

Ao meu amado marido, Carmindo, pelo seu amor incondicional, por toda a sua compreensão, por me aceitar como sou, por ter lutado por mim, comigo e por ter torcido por mim, ajudando-me em todos os sentidos para que eu alcançasse a finalização deste trabalho.

Aos meus amados filhos, Gui e Gabi, sempre minha fonte de inspiração, por terem compreendido a mamãe naqueles momentos que eram para ser dedicados a eles e que foram permutados pelas incontáveis horas de estudo e escrita.

À minha norinha, Rafa, por fazer minha vida mais feliz, por ser a companheira do meu filho, por ser mais uma filha que ganhei e por saber que sempre posso contar com ela em todos os momentos.

À minha querida mamãe, que sempre me ajudou em tudo, a vida inteira, e por ter me feito uma pessoa persistente, de caráter... e que me ensinou a ter fé em Deus, e a acreditar no meu esforço para alcançar tudo o que quisesse...

Ao meu amado cunhado Tuca, que sempre me incentivou, em qualquer circunstância, a seguir meus caminhos acadêmicos. E a sempre me indicar possibilidades de crescimento profissional.

A todos os meus irmãos, cunhados, cunhadas, sobrinhos, porque sei que sempre torceram por mim.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Fábio Bonfim, um verdadeiro amigo, atencioso, cuidadoso com as análises, paciente em meus momentos de crise. Obrigada por tudo! Foi com você que aprendi a ser uma professora melhor, uma aluna dedicada e uma pesquisadora fascinada.

À minha avozinha Sélia (*in memoriam*), que sempre dobrou seus joelhos em terra em favor de seus familiares e, principalmente, em meu favor, sabendo que o Doutorado sempre meu grande sonho.

À querida amiga Zezé, minha companheira, mais que irmã, pelas leituras e análises compartilhadas, pela amizade incondicional, pela força, pela animação, pela confidencialidade, pelo apoio que sempre me ofereceu.

À amiga Aninha, que foi a responsável pelo meu ingresso no meio acadêmico. Sem seu apoio, seu incentivo e sua amizade, nunca teria chegado aonde hoje me encontro.

A todos os amigos conquistados no Poslin: Elizete, Ricardo, Juliana, Ana Luíza, Ceriz, Joana, Mariza, Quesler, Guilherme... enfim, a todos aqueles que passaram em minha vida nos nossos queridos encontros na UFMG. São amizades que desejo levar para sempre!

Aos queridos professores, Dra. Eloísa Pilati, Dra. Jaqueline Peixoto, Dra. Joaquina Nobre, Dr. Lorenzo Vitral, por aceitarem participar de minha banca e pelas valiosas contribuições para o meu trabalho.

Às minhas queridas amigas conquistadas em meu tempo de trabalho no CEM, pelos encontros agradabilíssimos de todos mês, pelas risadas, pela descontração e por saber que nossa amizade é verdadeira!

Ao Centro Educacional de Manhuaçu, na pessoa do diretor Walter Vargas, pela confiança depositada em todo o tempo que lá trabalhei, bem como por todo o incentivo dado para que eu crescesse como profissional.

À FACIG, por me dado a oportunidade de me tornar uma profissional de primeira linha, amparada pelo exemplo de qualidade, de respeito pelo corpo docente e discente, e pelo compromisso com a educação.

À DOCTUM, primeira instituição de Ensino Superior que me abriu as portas e que me ensinou a ser a professora dedicada que sou. Pelo exemplo de valorização profissional e pelos grandes amigos que ali conquistei.

À Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, pela concessão de licença para eu cursar o Doutorado.

Aos amigos e amigas, minha segunda família, da Escola Estadual de Martins Soares... Amo vocês! Obrigada por sempre acreditarem no meu trabalho... Obrigada pela paciência pelas horas de trabalho perdidas em prol da minha pesquisa, pelo interesse por "mim", acima de tudo, independente da minha pessoa enquanto profissional.

Ao Colégio Santa Teresinha, especialmente à Irmã Maria do Carmo, à coordenadora Marilene Leite, às demais coordenadoras, professores e alunos. Obrigada, queridos, por me receberem novamente de braços abertos nessa escola tão amada. Vocês também fazem parte desta minha vitória.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste meu grande sonho. MUITO OBRIGADA!!!!

Agir, eis a inteligência verdadeira.

Serei o que quiser.

Mas tenho que querer o que for.

O êxito está em ter êxito,

e não em ter condições de êxito.

Condições de palácio tem qualquer

terra larga, mas onde estará

o palácio se não o fizerem ali?

Fernando Pessoa

RESUMO

O objetivo desta tese é apresentar a descrição e a análise de XPs na posição argumental ou não-argumental à esquerda dos verbos, quais sejam Spec-TP ou Spec-CP, no português brasileiro (doravante PB). Outro objetivo é categorizar sintaticamente esses XPs, estabelecendo o seu estatuto a partir das propriedades morfossintáticas a eles inerentes. A hipótese deste trabalho é que elementos de natureza sintática diversificada – como sujeitos convencionais, sujeitos expletivos e tópicos – ocupam a posição à esquerda do verbo em PB para valorar o traço EPP. No entanto, essa valoração pressupõe a fatoração desse traço em quatro traços de margem ativos no núcleo C° ou no núcleo T° – os traços [*uD*], [*uP*], [*uTop*] e [*uFoc*]. A forma como esses traços são valorados no PB justifica os preenchimentos analisados. Na posição de Spec-CP, elementos topicalizados e focalizados valoram os traços [*uFoc*] ou [*uTop*] do núcleo C°; na posição de Spec-TP, os XPs valoram os traços [*uP*], além dos traços [*uD*], [*uFoc*] e [*uTop*], que podem ser transferidos do núcleo C° ao núcleo T°, em conformidade com Chomsky (2008) e Miyagawa (2010). Uma conjectura paralela desta tese é que traços de margem se ativam no PB em contextos inusitados da posição de sujeito, Spec-TP, devido à mudança na propriedade referencial do traço [*uD*] do núcleo T°. Essa mudança é engatilhada pelo enfraquecimento da morfologia de concordância verbal nessa língua. Assim, o resultado da ativação de traços de margem no núcleo T° é o preenchimento da posição canônica de sujeito por categorias sintáticas distintas. O quadro teórico deste trabalho, de linha gerativa, ancora-se em Chomsky (2001, 2005, 2008), em Holmberg (2000, 2009, 2016) e em Miyagawa (2010). A pesquisa é de natureza qualitativa, e os dados utilizados para a análise são retirados de trabalhos já desenvolvidos sobre o tema e selecionados também de *corpora* de língua oral. Como efeito colateral dessa proposta para a análise dos dados do PB, comportamentos sintáticos distintos nas línguas, como, por exemplo, o preenchimento fonológico da posição de sujeito, a topicalização, o fronteamo estilístico, o *scrambling*, entre outros, podem ser explicados à base da relação existente entre os traços de margem resultantes da fatoração de EPP.

PALAVRAS-CHAVE: EPP; traços de margem; fatoração de traços; preenchimento fonológico

ABSTRACT

The objective of this thesis is to present the description and analysis of XPs in the argumental or non-argumental position to the left of verbs, namely Spec-TP or Spec-CP, in Brazilian Portuguese (hereinafter BP). Another aim is to syntactically categorize these XPs, establishing their status from the morphosyntactic properties inherent to them. The hypothesis of this work is that elements of a diversified syntactic nature — such as conventional subjects, expletive subjects and topics — occupy the position to the left of the verb in BP to assess the EPP feature. However, this valuation presupposes the factorization of this feature in four active edge-traces in core C° or in core T° - the features $[uD]$, $[uP]$, $[uTop]$ and $[uFoc]$. The manner in which these features are valued in BP justifies the fillings analyzed. In the Spec-CP position, topicalized and focused elements value features $[uFoc]$ or $[uTop]$ of core C° ; in the Spec-TP position, the XPs value feature $[uP]$ in addition to features $[uD]$, $[uFoc]$ and $[uTop]$, which can be transferred from core C° to core T° , in accordance with Chomsky (2008) and Miyagawa (2010). A parallel conjecture of this thesis is that edge-features are activated in BP in unusual contexts of the subject position, Spec-TP, due to a change in the referential property of core T° 's feature $[uD]$. This change is triggered by the morphology weakening of verbal concordance in that language. Thus, the result of the activation of edge-features in core T° is the filling of the canonical position of subject by distinct syntactic categories. The theoretical framework of this thesis, of generative line, is anchored in Chomsky (2001, 2005, 2008), Holmberg (2000, 2009, 2016) and Miyagawa (2010). The research is of a qualitative nature, and the data used for the analysis are taken from works already developed on the subject and also selected from oral language *corpora*. As a side effect of this proposal for the BP data analysis, different syntactic behaviors in languages, such as the phonological filling of subject position, topicalization, stylistic frontage, scrambling, among others, can be explained on the basis of the relationship between the edge-features resulting from EPP factorization.

KEY WORDS: EPP; edge-features; factorization of features; phonological filling

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Emergência de pronomes fracos (adap. KATO 1999)	93
QUADRO 2: Fatoração de EPP (cf. BOTHERS 2009)	162
QUADRO 3: Fatoração de EPP	163
QUADRO 4: Natureza dos traços gramaticais constitutivos de EPP	166
QUADRO 5: Flexão de pessoa na morfologia verbal	176
QUADRO 6: Preenchimento de Spec-CP/TP e traços de margem	183

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Tipos de preenchedores à esquerda do verbo (VITÓRIO 2013).....85

TABELA 2: Porcentagem de pronomes não-fortes, conforme o número do verbo (cf. RAMOS 2006, p. 77).....95

TABELA 3: Perfil da impessoalidade como gradação (cf. SOUZA 2013, p. 116)
.....103

TABELA 4: Ocorrência de sujeitos em PB (cf. GONÇALVES 2004, p. 232) .112

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Porcentagem de julgamentos SIM em função das condições experimentais (cf. COSTA; AUGUSTO; RODRIGUES 2014, p. 271)91

GRÁFICO 2: Sujeitos referenciais expressos em PE e PB (cf. DUARTE 1995) ...
..... 114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A - argumental

Agree – Concordância à longa distância (*Long Distance Agreement*)

Agr – Concordância

AgrP – Sintagma de concordância verbo-sujeito (*Agreement Phrase*)

C^o – Núcleo da categoria funcional CP

Cf. - conforme

CI – Sistema conceitual-intencional

Comp - Complementizador

CP – Sintagma complementizador (*Complementizer Phrase*)

D - Determinante

D/NP – Sintagma nominal que projeta sempre uma categoria funcional DP

DP – Sintagma determinante (*Determiner Phrase*)

e – Categoria vazia

EF – Traço de margem (*Edge Feature*)

EM – *Merge* externo (*External Merge*)

EPP – Princípio de projeção estendida (*Extended Projection Principle*)

Ex. - exemplo

Foc - Foco

FL – Faculdade da linguagem (*Faculty of Language*)

GU – Gramática Universal

I^o – Núcleo do sintagma flexional

Infl – Flexão

IM – *Merge* interno (*Internal Merge*)

IP – Sintagma flexional

LF – Forma lógica (*Logical Form*)

LI – Item lexical (*Lexical Item*)

Loc – Locativo

MD – Marcador discursivo

Nom - Nominativo

NP – Sintagma nominal (*Noun Phrase*)

NTC – Condição de não mudança (*No Tempering Condition*)

NURC – Norma Urbana Culta

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PF – Forma fonológica (*Phonological Form*)

PIC – Condição de impenetrabilidade de fase (*Phase Impenetrability Condition*)

p. – pessoa

Pl – plural

pp. – pessoa do plural

PP – Sintagma Preposicional (*Prepositional Phrase*)

Pres – Tempo presente

pro – Categoria vazia pronominal

ps – pessoa do singular

S - singular

SF – Fronteamento estilístico (*Stylistic Fronting*)

Sing – singular

SM – Sistema sensório-motor

SMT – Hipótese Minimalista Forte (*Strong Minimalist Thesis*)

SN – Sintagma nominal

SO – Objeto sintático (*Syntactic object*)
SP – Sintagma preposicional
Spec – Posição de especificador
Spec-TP – Posição de especificador do sintagma de tempo
Spec-CP – Posição de especificador do sintagma complementizador
Spec-vP – Posição de especificador do sintagma verbal
T^o – Núcleo da categoria funcional TP
*u*D – Traço ininterpretável de determinante
*u*P – Traço ininterpretável P (=phonological)
T^o – Núcleo do sintagma de tempo
TP – Sintagma de tempo (*Tense Phrase*)
Top – Tópico
TopP – Sintagma de tópico (*Topic Phrase*)
UG – Gramática Universal (*Universal Grammar*)
V – Verbo
v^o – núcleo do sintagma verbal
VS – Ordem Verbo-Sujeito
vP – Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo leve
VP – Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo lexical (*Verbal Phrase*)
Wh – categorias interrogativas
XP – Sintagma de qualquer natureza semântica

SUMÁRIO

PARTE I – ESTRUTURA DA TESE

1 INTRODUÇÃO	24
2 HIPÓTESES	33
3 OBJETIVOS	35
4 METODOLOGIA	37

PARTE II – QUADRO TEÓRICO

CAPÍTULO 1:

APORTE TEÓRICO	38
1.1 O MODELO DE DERIVAÇÃO POR FASES	39
1.1.1 A fase C-TP	47
1.1.2 O traço EPP	50
1.2 <i>STYLISTIC FRONTING</i> E O SUJEITO NULO PARCIAL	53
1.2.1 Sobre o <i>Stylistic Fronting</i>	53
1.2.2 Sobre as línguas de sujeito nulo parcial	59
1.3 A PROJEÇÃO α P E A HERANÇA DE TRAÇOS	65
1.3.1 Por que as línguas concordam?	66
1.3.2 Por que existe o movimento?	69
1.3.3 A projeção α P	72
1.4 RESUMO DO CAPÍTULO	75

PARTE III – APRESENTAÇÃO DOS DADOS

CAPÍTULO 2:

DA EMERGÊNCIA DE SUJEITOS NÃO-CONVENCIONAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO77

2.1 CONSTRUÇÕES IMPESSOAIS 78

2.1.1 Predicados existenciais 78

2.1.1.1 A proposta de Avelar (2009) 80

2.1.1.2 A proposta de Avelar e Callou (2011)..... 82

2.1.1.3 A proposta de Vitório (2013)..... 83

2.1.2 Predicados atmosféricos 86

2.1.2.1 A proposta de Costa, Augusto e Rodrigues (2014)

..... 87

2.2 PRONOMINAIS 92

2.2.1 Pronomes fracos 93

2.2.2 A proposta de Souza (2007; 2013) 100

2.3 RESUMO DO CAPÍTULO 106

CAPÍTULO 3:

DAS ESTRATÉGIAS DE TOPICALIZAÇÃO NO PB 108

3.1 O FENÔMENO DO REDOBRO 108

3.1.1 Redobro de sujeito 109

3.1.1.1 A proposta de Costa, Duarte e Silva (2006) 110

3.1.1.2 A proposta de Kato e Duarte (2014) 117

3.1.2 Redobro de locativo	119
3.2 ELEMENTOS TOPICALIZADOS	126
3.2.1 A proposta de Avelar e Cyrino (2009)	131
3.2.2 A proposta de Avelar e Galves (2011)	134
3.2.3 A proposta de Avelar e Galves (2013)	136
3.2.4 A proposta de Pilati e Naves (2012)	138
3.2.5 A proposta de Munhoz e Naves (2012)	139
3.2.6 A proposta de Pilati, Naves e Salles (2017)	141
3.3 RESUMO DO CAPÍTULO	144

PARTE IV – PROPOSTA TEÓRICA

CAPÍTULO 4:

FATORAÇÃO DE EPP	146
4.1 DA MOTIVAÇÃO DA PROPOSTA	147
4.1.1 A insuficiência da fatoração de EPP nos traços [uD] e [uP]	149
4.1.2 A insuficiência da fatoração de EPP nos traços [uφ], [uFoc] e [uTop]	156
4.2 FATORANDO EPP NOS TRAÇOS [uD], [uP], [uFoc] E [uTop]	161
4.3 VALIDANDO [uD], [uP], [uTop] E [uFoc] COMO TRAÇOS DE MARGEM	166
4.3.1 Da natureza do traço [uD]	167
4.3.s Da natureza do traço [uP]	168
4.4 RESUMO DO CAPÍTULO	172

CAPÍTULO 5:

VALORAÇÃO DE TRAÇOS DE MARGEM EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	174
5.1 DA VALORAÇÃO DE TRAÇOS DE MARGEM EPP NO PB	174

5.2 DA CATEGORIZAÇÃO SINTÁTICA DE XPs PRÉ-VERBAIS NO PB	182
5.2.1 Tópicos prototípicos	185
5.2.2 Sujeitos convencionais ou expletivos sintáticos	186
5.2.3 Tópicos-sujeito ou tópicos argumentais	189
5.2.4 Do estatuto do traço de margem [<i>u</i> D] em PB	190
5.3 RESUMO DO CAPÍTULO	194
CAPÍTULO 6:	
ESTATUTO DE SUJEITOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	196
6.1 SUJEITOS TEMÁTICOS	197
6.1.1 Pronomes fracos	197
6.1.2 Pronomes genéricos/arbitrários	200
6.2 SUJEITOS EXPLETIVOS SINTÁTICOS	203
6.1.1 Pronomes em construções com redobro de XP	204
6.2.2 Predicados com ‘ter’ existencial	206
6.2.3 Predicados atmosféricos	209
6.2.4 Predicados transitivos sem agente/tema e inergativos sem agente	213
6.2.4.1 Sobre a validação de construções a partir de um locativo ...	214
6.2.5 O redobro de locativo	218
6.3 RESUMO DO CAPÍTULO	223
CAPÍTULO 7:	
ESTATUTO DE TÓPICOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	225
7.1 XPs INICIANDO CONSTRUÇÕES COM REDOBRO DE SUJEITO E LOCATIVO .	226

7.1.1 XP redobrado por pronome em construções com redobro de sujeito	226
7.1.2 DP antecedendo o sujeito expletivo em construções com redobro de locativo	230
7.2 DERIVANDO CONSTRUÇÕES COM PPs LOCATIVOS	232
7.2.1 Construções inacusativas	232
7.2.2 Construções inergativas	234
7.3 DERIVANDO CONSTRUÇÕES COM LOCATIVOS E GENITIVOS	236
7.3.1 XPs locativos	236
7.3.2 XPs genitivos	238
7.4 RESUMO DO CAPÍTULO	241

PARTE V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS	243
1. PREVISÕES DA FATORAÇÃO DE EPP PARA AS LÍNGUAS NATURAIS	245
2. O PB E O PREENCHIMENTO DE SPEC-CP/TP	249
REFERÊNCIAS	254

PARTE I

ESTRUTURA DA TESE

ESTRUTURA DA TESE

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta tese é descrever e analisar os elementos XPs que ocupam a posição de Spec-CP ou de Spec-TP no português brasileiro (PB). Esses XPs apresentam características que os distinguem de tópicos/focos ou de sujeitos convencionais, as categorias prototípicas que ocupam a posição à esquerda do verbo. Em razão disso, outro objetivo deste trabalho é investigar esses XPs a partir de suas propriedades morfossintáticas, categorizando-os e estabelecendo o seu estatuto sintático.

A hipótese que motiva o desenvolvimento deste trabalho é que o preenchimento à esquerda do verbo no PB ocorre devido à ativação de traços de margem nos núcleos gramaticais C^o e T^o. Esses traços de margem são o resultado da fatoração do traço EPP. O traço EPP é considerado, na literatura gerativista, o responsável por vários tipos de preenchimento da posição à esquerda do verbo na sentença. Nesta tese, assumo que esse preenchimento lexical é alcançado a partir da relação entre os traços de margem resultantes da decomposição de EPP.

A pesquisa inicia-se a partir da descrição dos contextos que apresentam o preenchimento da posição à esquerda dos verbos por XPs variados. Pesquisas

quantitativas atuais têm evidenciado que essa posição (qual seja, Spec-TP; ou Spec-CP) tem aparecido cada vez mais preenchida por elementos sintáticos diversificados.

Os dados expostos abaixo, retirados de um *corpus* de língua falada¹, são alguns dos exemplos que utilizaremos para ilustrar esse fenômeno no PB:

- (1) Todo dia **eu** venho aqui, porque **eu** preciso ver como anda a situação.
(CORPUS DE FALA DE MATIPÓ).
- (2) **Você** chega aqui pra **você** ver quanta gente boa **nós** conhecemos.
(CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (3) **O tempo** tá chovendo pra caramba. (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (4) **Lá** tem de tudo que **ocê** pensar... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Os dados (1) e (2) evidenciam a realização fonética de pronominais sujeitos em contextos nos quais, na frase encaixada, a posição não necessitaria aparecer preenchida em PB, como em (5) e (6), a seguir:

¹ Os *corpora* de língua oral utilizados nesta tese, oriundas das cidades mineiras de Itaúna e de Matipó, foram gentilmente me cedidos por suas organizadoras, Fernanda Cunha e Andréia Almeida Mendes, em 2009, data em que concluí o Mestrado. Agradeço imensamente a Fernanda e a Andréia pela gentileza.

(5) b. Todo dia **eu**_i venho aqui, porque **(e)**_i preciso ver como anda a situação.

(6) b. **Você**_i chega aqui pra **(e)**_i ver quanta gente boa **(e)** conhecemos.

Além disso, como é possível observar nos dados (3) e (4), construções chamadas de impessoais pela tradição gramatical também têm apresentado a posição à esquerda dos verbos preenchida lexicalmente por DPs ou locativos.

Para Duarte (2003), a ocupação lexical da posição que normalmente é preenchida pelo sujeito da oração reflete uma mudança por que passa o PB quanto ao parâmetro do sujeito nulo. Em relação aos dados (1) a (4), pergunta-se:

- (i) Como justificar a ocorrência cada vez mais frequente de XPs de natureza sintática variada à esquerda do verbo no PB?
- (ii) Como são licenciados XPs na posição à esquerda do verbo em construções com predicados impessoais nessa língua?

Tem se tornado cada vez mais comum, também, que o preenchimento lexical à esquerda do verbo ocorra com pronomes fracos ou com pronomes genéricos ou arbitrários, como a seguir:

- (7) **Cês** tá querendo jogar fora os lixo. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (8) **Ô** tô só querendo vê no que vai dá. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (9) **Ês** vai tudo jogá bola no domingo. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (10) Aqui no São Lourenço, **eles** vive assim. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (11) **Você** podia fazer muita coisa antigamente. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (12) No Colégio **eles** andam cogitando isso. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

Nos dados de (7) a (9), a posição de sujeito aparece ocupada por formas pronominais fracas. Já nos dados de (10) a (12), pronomes genéricos/arbitrários é que preenchem essa posição. Quando o pronome fraco parece o sujeito da sentença, muitas vezes não existe o engatilhamento da concordância entre ele e o verbo. Fato análogo acontece quando o pronominal genérico/arbitrário se apresenta em forma reduzida. Frente a esses dados, é pertinente questionar:

- (i) Qual a correlação entre o aparecimento de XPs pronominais fracos e genéricos/arbitrários e a tendência de preenchimento da posição de sujeito em PB?

Outro contexto curioso de ocupação pré-verbal tem a ver com ocorrências em que um elemento introduzindo a sentença aparentemente redobra outro, como se pode ver abaixo, em (13) a (16):

- (13) **Vocês, cês** aprontam a maior bagunça. (RAMOS 1997, p. 56).
- (14) **O Pedro, ele** acabou de telefonar. (COSTA, DUARTE; SILVA 2006, p. 135).
- (15) **Lá** vou **pro colégio**. (FALA ESPONTÂNEA)
- (16) **Lá** vai ele **lá**. (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Em (13) e (14), o XP inicial da sentença, possivelmente o sujeito, é redobrado pelo elemento pronominal com o mesmo valor semântico. Já em (15) e (16), o locativo inicial parece também redobrar o locativo com mesmo valor semântico presente na posição final da sentença. Esses contextos não são triviais em línguas de concordância e também despertam o interesse em averiguar quais seriam os fatores motivadores desses tipos de preenchimento. Assim, cabe a indagação seguinte:

- (i) Qual a implicação do aparecimento de construções com redobro na posição de sujeito ou de locativo para a sintaxe do PB?

Além dos contextos acima, é pertinente destacar outros muito recorrentes no PB, e já bastante estudados pelos linguistas. Esses contextos também parecem corroborar essa tendência de preenchimento de Spec-TP – as construções que

envolvem um XP à esquerda do verbo, interpretado como tópico ou tópico-sujeito. Vejamos:

- (17) a. **O pneu dos carros** furou.
b. **Os carros** furaram o pneu. (GALVES; AVELAR 2011)
- (18) a. **A pele das minhas pernas** rachou.
b. **As minhas pernas** racharam a pele. (GALVES; AVELAR 2011)
- (19) a. Está nascendo dente na Sarinha.
b. **A Sarinha** tá nascendo dente. (PONTES 1987)
- (20) a. Há sombra na varanda.
b. **Na varanda** tem sombra./ **A varanda** tem sombra.
- (21) a. Bate bastante sol nas casas.
b. **As casas** batem bastante sol.

As sentenças em (a) de (17) a (21) constituem a ordenação formal predita pelas gramáticas tradicionais, com verbos monádicos inacusativos ou com verbos impessoais, com a devida concordância entre o verbo e o sujeito. Já nas sentenças em (b), o elemento à esquerda do verbo – de natureza genitiva [cf. (17), (18), (19)] ou locativa [cf. (20), (21)] – não é o sujeito prototípico em alguns casos e/ou não é o esperado em outros casos. No entanto, a concordância ainda se

estabelece entre esse elemento à esquerda e o verbo da sentença, o que nos chama à atenção, uma vez que as gramáticas tradicionais conceituam o sujeito como aquele que está em concordância com o verbo (cf. PERINI 2007). Então, apesar de não prototípico, esse elemento em posição pré-verbal estabelece concordância com o verbo e parece fazer as vezes do sujeito da sentença.

De posse dessas evidências, buscam-se respostas para as questões:

- (ii) Como pode ser interpretada a recorrência cada vez maior (apontada desde PONTES, 1986) de construções com tópicos-sujeito no PB?
- (iii) XPs de natureza sintática diversificada à esquerda da sentença são juntados, de fato, a Spec-TP ou a alguma projeção intermediária entre CP e TP? Ou, ainda, são juntados diretamente a Spec-CP?
- (iv) Qual o estatuto sintático desses XPs?
- (v) Esses XPs são requeridos na gramática para a valoração do traço de margem EPP?
- (vi) Se forem, como se daria a valoração desse traço em qualquer um dos núcleos da estrutura sintática onde ele está presente?

Para dar suporte à investigação pretendida, foram selecionados como referenciais teóricos autores da tradição gerativista. Esses autores incluem Chomsky (2001, 2005, 2008), com apresentação dos pressupostos minimalistas atuais com respeito à herança e valoração de traços nos núcleos fásicos;

Holmberg (2000, 2009, 2016), que apresenta o fenômeno do fronteamento estilístico encontrado em línguas escandinavas e a análise do sujeito nulo a partir da ϕ -(in)dependência de T^o; e Miyagawa (2010), que estipula a presença de traços funcionais no núcleo T^o, herdados do núcleo C^o. Com a seleção desses autores, o objetivo é retomar as justificativas teóricas usadas por eles para explicar fenômenos variados e correlatos nas línguas em geral. E, a partir de suas propostas, encontrar uma explicação teórica coerente para o aparecimento de determinados XPs na posição à esquerda dos verbos no PB.

Esclareço que, independente do fator motivador do preenchimento, a proposta de investigação ora apresentada refere-se à forma de processamento que está sendo operada na sintaxe estrita do PB nas construções em que esse fenômeno é evidenciado.

Esta tese divide-se em **5 partes**. Na **PARTE I**, apresento a estrutura da tese, composta da introdução, das hipóteses de pesquisa, dos objetivos propostos para testar as hipóteses e da metodologia utilizada para a análise dos dados. A **PARTE II** refere-se à exposição do quadro teórico que embasará a pesquisa. Essa parte contém o **capítulo 1**, no qual o aporte teórico é exibido. Na **PARTE III**, apresento o objeto de estudo. Essa parte se compõe dos capítulos 2 e 3. No **capítulo 2**, descrevo as construções sintáticas nas quais a posição de sujeito – Spec-TP – aparece preenchida por XPs não convencionais. No **capítulo 3**, descrevo as

estratégias de topicalização no PB, que incluem XPs ocupando as respectivas posições de especificadores de CP e de TP. A **PARTE IV** é reservada à apresentação da proposta teórica que assumo para a explicação dos contextos de preenchimento da posição pré-verbal. Essa parte é constituída pelos capítulos 4, 5, 6 e 7. No **capítulo 4**, explico a motivação para assumir a fatoração de EPP a partir dos estudos de Holmberg (2000, 2016) e de Miyagawa (2010). Adicionalmente, apresento a proposta de fatoração do traço EPP em traços de margem, a qual possibilita a explicação de fenômenos sintáticos variados nas línguas naturais. No **capítulo 5**, argumento sobre como se processa a valoração dos traços de margem, produtos de EPP, especificamente no PB, além de categorizar sintaticamente os XPs que ocupam a posição de especificador de CP ou TP nessa língua. No **capítulo 6**, estabeleço o estatuto dos XPs sujeitos no PB. E, finalmente, no **capítulo 7**, discuto o estatuto sintático dos XPs topicalizados no PB. Na **PARTE V** desta tese, insiro as Considerações Finais. Nessa parte, além das respostas encontradas para os problemas que motivaram a realização desta tese, também são apresentadas possíveis consequências oriundas da proposta de fatoração de EPP em relação às características do PB frente a outras línguas que compartilham as mesmas propriedades sintáticas. Na sequência às considerações, são apresentadas as referências bibliográficas utilizadas.

Na próxima seção, apresento as hipóteses que são testadas neste trabalho.

2 HIPÓTESES

A primeira hipótese que investigo nesta tese é a de que XPs de natureza sintática variada em Spec-CP/TP emergem na gramática do PB, como sujeitos, expletivos e elementos topicalizados (e até redobrados, como sujeitos e/ou locativos), consequência do reflexo da ativação de traços de margem nos núcleos C° e T°. Conjecturo ainda que os resultados qualitativos a serem alcançados por essa pesquisa sinalizem para uma maior variação de XPs à esquerda do verbo, inclusive apresentando características de expletivização. Além disso, pressuponho que determinados preenchimentos de Spec-TP refletem a necessidade de reclassificação do PB como uma língua de concordância, mas também com orientação para o discurso. Isso é sugerido a partir da proposta que apresentarei, em consonância com Miyagawa (2010), de transferência de traços de tópico/foco para T° em PB, que culmina no aparecimento de elementos focalizados/topicalizados na posição de sujeito – Spec-TP.

As hipóteses desta tese coadunam-se com a proposta teórica de Buthers (2009) no que concerne à dissociação de EPP nos traços [*uD*] e [*uP*] no núcleo T°. Nesta tese, assumo que, além de [*uD*] e de [*uP*], esses traços se juntam a outros – [*uFoc*] e [*uTop*] –, também como constituintes formadores de EPP.

Minha proposta é que todos os traços que são produto da faturação de EPP são traços de margem, podendo estar ativos no núcleo C° ou no núcleo T°. O traço [uP], inerente a T°, está ativo nesse núcleo nos contextos de sujeito obrigatório. Por outro lado, se os traços [uD], [uFoc] e [uTop] estão ativos no núcleo T°, são resultado de sua transferência a partir do núcleo C° (cf. CHOMSKY 2008; MIYAGAWA 2010). Dessa maneira, esses traços no núcleo C° e a sua eventual transferência para o núcleo T° justificam os casos de topicalização, foco (se houver) e demais preenchimentos por XPs à esquerda do verbo. Da interação entre tais traços resultantes da faturação de EPP, justifica-se o preenchimento por XPs de natureza sintática distinta nas posições de Spec-CP ou de Spec-TP nas construções sintáticas do PB. A presença de traços de margem na região de CP reflete, então, alterações no nível TP, já que pode haver a transferência desses traços entre os núcleos C° e T°. Isso significa que o estatuto gramatical das categorias que aparecem juntadas à esquerda do verbo na sentença não representa o traço definidor da análise. Em outras palavras, independente da categoria sintática do XP que apareça na posição pré-verbal – seja ela um clítico, um sujeito convencional, um expletivo, um tópico-sujeito, um foco ou um tópico prototípico – sua função nessa posição é a de possibilitar a valoração de um traço de margem no núcleo C° ou do núcleo T°.

Na sequência, explicito os objetivos que pretendo alcançar com este trabalho.

3 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é descrever e analisar qualitativamente a ocorrência de XPs pré-verbais no PB a partir de suas propriedades morfossintáticas. A intenção é relacionar a ocorrência desses XPs com a necessidade de valoração de traços de margem que se ativam nos núcleos C^o e/ou T^o no PB.

Especificamente, para alcançar o objetivo geral, temos como propósitos:

- (i) Descrever os dados que apresentam o preenchimento à esquerda do verbo por XPs de natureza sintática diversificada;
- (ii) Aplicar a proposta de fatoração de EPP, adequando-a às intenções deste trabalho;

- (iii) Proceder à análise qualitativa de XPs à esquerda do verbo, especificamente daqueles que apresentam expletivização e topicalização (e secundariamente redobros);
- (iv) Determinar a categorização desses XPs que são suscetíveis à ocupação da posição à esquerda do verbo, seja ela Spec-CP ou Spec-TP;
- (v) Estabelecer o estatuto sintático dos XPs que ocupam as posições pré-verbais;
- (vi) Investigar se a fatoração do traço EPP é suficiente para explicar todos os contextos de preenchimento à esquerda dos verbos no PB.

Para alcançar os objetivos, utilizaremos a Metodologia descrita na próxima seção.

4 METODOLOGIA

Esse trabalho será desenvolvido dentro do quadro teórico da gramática gerativa, de Chomsky, assumindo os pressupostos do Programa Minimalista, por meio da valoração de traços e dos tipos de traços. A escolha por esta parte da teoria, a que trabalha com traços, emerge de questões de economia. Quanto mais econômico um sistema, maiores as chances de convergência. Nesse sentido, assumo que a cartografia, tal como proposta por Cinque e Rizzi (2010), por ser muito mais elaborada para a aquisição, não deve, pois, por ora, ser a visão teórica adotada. Além disso, faremos uso da proposta de análise de Chomsky (2005, 2008), em seu Modelo de Derivação por Fases. Usaremos também as propostas teóricas de Holmberg (2000, 2016), em relação ao fronteamto estilístico e à presença do traço [uP] em T^o . E, adicionalmente, recorreremos a Miyagawa (2010), que argumenta que T^o pode herdar de C^o traços- ϕ , traços de foco e traços de tópico.

O primeiro recurso metodológico utilizado será a pesquisa ou revisão bibliográfica acerca dos conceitos que existem para as variáveis do problema focalizado, que tem por finalidade permitir ao pesquisador "o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações" (TRUJILLO, 1974, p. 230).

Na sequência, a pesquisa abrangerá a investigação de dados de intuição, bem como de dados retirados do trabalho de autores que já procederam ao estudo do fenômeno. Valho-me também de dados retirados de um *corpora* de língua oral, proveniente das cidades mineiras de Itaúna e Matipó. Esse *corpora* me foi gentilmente cedido por suas organizadoras, em 2009, Fernanda Cunha e Andréia Almeida Mendes. Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva/interpretativa (qualitativa), pois tem como característica principal a observação, a descrição e a análise dos dados.

Na parte II desta tese, a seguir, que inclui o capítulo 1, apresentamos os pressupostos teóricos que dão embasamento à pesquisa. Todos os capítulos desta tese apresentam independente numeração dos dados.

PARTE II

QUADRO TEÓRICO

CAPÍTULO 1: APORTE TEÓRICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar o aporte teórico que servirá de base para sustentar a proposta de análise que desenvolverei doravante. As teorias adotadas se baseiam no modelo de fases de Chomsky (2001, 2005, 2008), na teoria de Holmberg (2000, 2009, 2010, 2016) e no modelo sintático proposto por Miyagawa (2010).

No intuito de alcançar os objetivos a que me proponho neste capítulo, organizo-o da seguinte maneira: na **seção 1.1**, apresento os pressupostos teóricos do Modelo de Derivação por Fases (cf. CHOMSKY 2001, 2005, 2008), que embasam nossa análise. Na **seção 1.2**, descrevo a proposta de Holmberg (2000, 2009, 2010, 2016) para os fenômenos do fronteamto estilístico encontrado nas línguas escandinavas e também para o fenômeno do sujeito nulo. Ainda nessa seção, resenho brevemente mais dois trabalhos do mesmo autor, que analisa construções com sujeito preenchido em línguas de sujeito nulo parcial, inclusive o PB. Na **seção 1.3**, discorro sobre o trabalho de Miyagawa (2010), que estipula a presença de um nóculo funcional extra na estrutura sintática (αP), com traços gramaticais [ϕ], de [foco] e/ou de [tópico] herdados do núcleo C^0 , permitindo o preenchimento de posições argumentais à margem esquerda dos verbos em

línguas orientadas para o discurso. A abordagem desse autor contribuirá com a nova linha de raciocínio que estou seguindo para explicar o aparecimento de determinados XPs na posição de Spec-CP/TP no PB. Na **última seção**, faço o resumo do capítulo.

1.1 O MODELO DE DERIVAÇÃO POR FASES

Nesta seção, apresento, sinteticamente, as principais ideias do Modelo de Derivação por Fases, tal como proposto por Chomsky (2001, 2005, 2008). Elejo como parte relevante desse modelo teórico aquela que trata dos traços sintáticos presentes nos núcleos gramaticais e que, na relação Sonda-Alvo, promovem a formação de objetos sintáticos. Esse é o recorte da teoria que dará suporte à proposta teórica que desenvolvo na parte IV desta tese.

Em conformidade com Chomsky (2005, p. 1), a perspectiva biolinguística considera a faculdade da linguagem (FL) como um “órgão do corpo humano”. A linguagem é tratada como um estado da FL, e a língua-I (LI, ou UG) é a “teoria dos traços distinguíveis da linguagem humana”. Três são os fatores que entram no desenvolvimento desse sistema: (i) os dados externos, i.e., a experiência; (ii) a herança genética; e (iii) os princípios da arquitetura estrutural, ou seja, restrições sobre o desenvolvimento e maturação que são específicos à FL.

A tese defendida por Chomsky (2005) – conhecida como “Tese Minimalista Forte” – é considerada pelo autor como um programa de investigação. Essa tese prevê que a língua deve ser uma solução ótima para as condições de interface a serem satisfeitas pela FL. Isso significa dizer que “som e significado” são ligados pela linguagem de uma maneira ótima. Conforme essas assunções, o que legitima a linguagem é a interface estabelecida entre os sistemas conceitual-intencional (CI) e sensorio-motor (SM). Para Chomsky (2005, p. 4), a linguagem humana “é um sistema de infinidade discreta, consistindo de objetos organizados hierarquicamente”. Dessa maneira, objetos sintáticos (SOs) são formados por meio de uma operação que junta outros objetos sintáticos já prontos. Essa operação é chamada de *Merge*. A operação *Merge* de X e Y permite a formação do objeto {X,Y}, com os dois elementos permanecendo invariáveis, segundo a NTC (Condição de Não-Mudança – *No Tampering Condition*, cf. CHOMSKY 2008). Essa condição prevê que *Merge* de X e Y deixa os dois objetos sintáticos inalterados. Se assim for, então, *Merge* de X e Y pode ser tomado para produzir o conjunto [X, Y], a possibilidade mais simples que vale a pena considerar (CHOMSKY 2008).

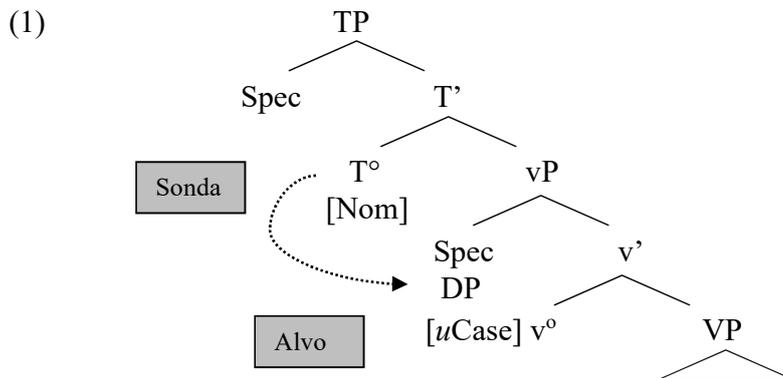
Objetos sintáticos são formados por sucessivas aplicações de *Merge* entre uma sonda (elemento sintático com traços ininterpretáveis) e um alvo (elemento sintático com traços combinantes aos da sonda). As aplicações de *Merge* estão

sujeitas aos traços presentes na sonda. Segundo Chomsky (2001), a computação sintática se opera a partir de três tipos de traços: (i) **interpretáveis**, que são aqueles categoricamente inerentes aos elementos sintáticos; (ii) **ininterpretáveis**, presentes na sonda ou no alvo, vistos como dispositivos que implementam a formação dos objetos sintáticos pelas operações de *Merge* interno e de *AGREE* (concordância à longa distância entre a sonda e o alvo); (iii) e **traços de margem (EF)**, presentes nos núcleos, capazes de juntar, por *Merge* interno ou Externo, categorias nas suas respectivas posições de especificador (Spec-vP/VP; Spec-TP/CP).

Os traços ininterpretáveis podem ser: (i) fonológicos; (ii) traços- ϕ de T; (iii) traço-EPP (EF) e (iv) traço de Caso estrutural². Esses traços ativam a

² É importante destacar que, uma vez que Chomsky (2001): (i) dissocia os traços ininterpretáveis de margem (EPP) e de Caso; (ii) delimita que apenas traços de margem (EPP) promovem a junção por *Merge* interno ou Externo; e (iii) esclarece que traços de Caso não são traços ininterpretáveis da sonda, mas sim do alvo (*ibid.*, p. 8), algumas consequências são previstas para a computação na sintaxe estrita. A principal delas é a conclusão de que o traço de Caso ininterpretável, embora aparentemente deva ser valorado também por meio da operação de *Merge* interno, não é ele sozinho capaz de juntar elementos sintáticos. Quando supostamente o traço de Caso é valorado por meio de *Merge*, outro traço ininterpretável está na sonda; qual seja, o traço EPP. É esse traço que promove a junção do elemento sintático alvo na posição capaz de valorar os traços da sonda. Quando esse alvo se junta, sendo ele o portador do traço ininterpretável de Caso, tal traço já foi valorado pela operação *AGREE*. Então, na posição derivada, ocorre a valoração do traço EPP da sonda, somente possível numa relação *Spec-Head* (núcleo-especificador). Em síntese: traços de Caso nunca promovem nenhum tipo de movimento (fato é que devem ser também valorados à distância, por meio de *AGREE*). Essa constatação pode se tornar bastante esclarecedora para os estudiosos daqueles fenômenos sintáticos observados nas línguas em geral intimamente relacionados à valoração do traço de Caso estrutural na margem de TP. Muitos deles justificam o *Merge* interno de DPs por questões de valoração de traço de Caso estrutural. Sob a ótica que acabo de apresentar, isso é teoricamente impossível. Essa análise também desmistifica situações de relativização do movimento devido a Caso estrutural: se o traço de Caso pode ser valorado à distância, por que, em algumas situações, ele motiva o *Merge* interno? Na visão minimalista

concordância sintática entre itens envolvidos na derivação, ou seja: se esses traços contêm subpartes combinantes na sonda e no alvo (esclareça-se que essa combinação não se estabelece em termos de “identidade” entre as subpartes, mas de “não-distinção”), a concordância se ATIVA. Em suma: traços ATIVOS são aqueles aptos a estabelecerem concordância com a sua subparte combinante. Se os traços estão ativos na sonda, promovem o *Merge* interno ou externo de um elemento para a posição de especificador; se estão ativos no alvo, são valorados por meio da operação *AGREE*. É isso o que ocorre, por exemplo, no processo de valoração do traço de Caso de um item lexical, como se vê a seguir:



incipiente, isso era garantido por assegurar que os traços apresentavam natureza relativa de força: traços **fortes** motivavam o movimento (*Merge* interno); traços **fracos** podiam ser valorados por *Attract* (*AGREE*). Essa forma de justificar os fatos foi atualizada.

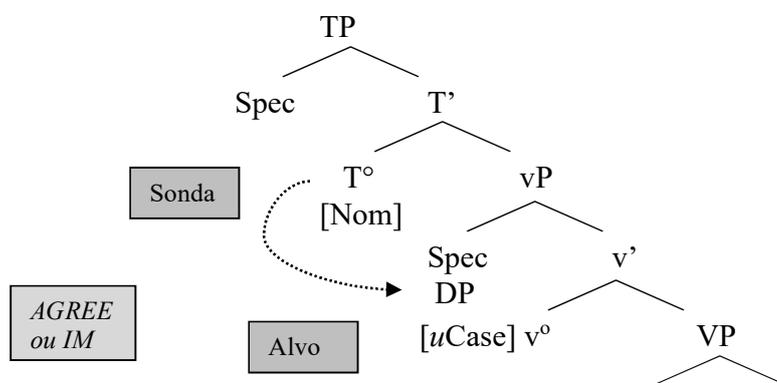
Em (1), acima, o DP alvo tem seu traço de Caso valorado *in situ* como Nominativo, por meio da operação *AGREE* com o núcleo T°.

Segundo Chomsky (2001, 2005), o que capacita a entrada de um item na computação sintática é a propriedade chamada por ele de “traço de margem” (EF), ou traço EPP (cf. CHOMSKY 2001), conforme visto em parágrafo anterior. A presença desse traço na sonda possibilita que um item seja juntado à computação, caracterizando a linguagem como um sistema recursivo infinito. Isso permite concluir que não basta que o traço da sonda tenha a característica de ininterpretabilidade para que seja possibilitada a inserção de um item na sintaxe. Mais que isso, esse traço precisa ser um traço de margem (EF), ou seja, capaz de possibilitar os dois tipos de *Merge* apresentados. Dessa maneira, define-se o traço de margem como um traço sempre ininterpretável. Trata-se de um traço ATIVO presente na sonda, capaz de mover um item com especificações categóricas comuns para a sua devida valoração. Caso esse traço não seja valorado, a computação não converge.

Em síntese, todas as operações sintáticas envolvem uma relação entre uma sonda (*probe*) e um alvo local (*local goal*), que é suficientemente próximo à sonda. A sonda busca o alvo para operações internas ao objeto sintático, que

podem ser uma operação *AGREE*³ ou o *Merge* interno. A posição mais próxima possível para o alcance da sonda é a “margem” (*edge*), conforme a configuração arbórea (1), repetida a seguir como (2):

(2)



Na estrutura em (2), o DP em Spec-vP contém um traço ininterpretável de Caso, que precisa ser valorado. A sonda T°, com o traço de Caso Nominativo, mira o alvo em Spec-vP e, por meio da operação *AGREE*, a concordância se estabelece, com a valoração do traço do DP-alvo como Nominativo. Nesse sentido, o *Spellout* do DP ocorre no alvo. Caso a sonda T° possua um traço de

³ *AGREE* (*Long Distance Agreement*) foi chamada, por Chomsky (1995), de *Attract*. Segundo Radford (1997), “Attraction involves movement of a set of grammatical features carried by a head on their own (without movement of the corresponding phonetic features) – more specifically, movement of those grammatical features which could not be checked otherwise” (RADFORD 1997, p.230).

margem (EF), o alvo tem de se juntar (*Merge* interno) à posição de especificador dessa sonda para garantir a convergência da sentença, numa relação Spec-núcleo. Isso quer dizer que, numa relação de concordância entre uma sonda e um alvo com um traço de Caso a ser valorado, o *Spellout* do DP com o Caso valorado só se dará na posição de especificador se, na sonda, além do traço de Caso nominativo, houver também um EF motivando o *Merge* interno para essa posição. Nesse caso, o *Spellout* do DP ocorreria na posição de especificador da sonda. Após a valoração do traço de Caso do DP, este não está mais acessível ao componente semântico.

As operações mostradas acima ocorrem em etapas, as quais Chomsky (1999, p. 9) denomina de fases⁴. De acordo com o autor, fases são os mecanismos que permitem a derivação ocorrer em etapas internas separadas. No modelo de fases, os objetos sintáticos já formados são enviados aos componentes fonológico e semântico, com o resultado de que a parte relevante da estrutura fica inacessível a operações sintáticas adicionais a partir desse ponto. Essa inacessibilidade é garantida pela “Condição de Impenetrabilidade de Fase” (PIC)⁵. Radford (2004), com referência a Chomsky (2001), formula essa condição da seguinte maneira:

⁴ As fases incluem o CP e o vP transitivo, com um argumento externo. CP representa um complexo oracional completo e vP representa um complexo temático completo. (RADFORD 2004, p.381).

⁵ *Phase Impenetrability Condition* (PIC).

(1) *Phase Impenetrability Condition/PIC*: o domínio de c-comando de uma fase é impenetrável a uma sonda externa (i.e. um alvo que é c-comandado por um núcleo de uma fase é impenetrável para qualquer sonda c-comandando a fase)⁶ (p. 382).

De acordo com Chomsky (1999), quando uma fase é completada, a estrutura relevante do domínio da fase é enviada, concomitantemente, ao componente fonológico (onde recebe uma interpretação fonológica apropriada) e ao componente semântico (onde recebe uma representação semântica apropriada). Daí em diante, a estrutura não está mais acessível à sintaxe estrita.

Segundo Chomsky (2001, 2005, 2008), as fases são, minimamente, CP e vP. Essas duas categorias compreendem, *respectivamente*, duas estruturas paralelas na língua: (i) a estrutura da expressão e (ii) a estrutura argumental (cf. MIYAGAWA 2010, p.10). Interessa-nos, em questão, a fase CP, também chamada por Chomsky (2005) de fase C-TP.

Na subseção a seguir, apresentarei mais detalhes sobre a fase C-TP, já que ela se correlaciona diretamente com o fenômeno em estudo nesta tese, qual seja o do preenchimento à esquerda dos verbos por XPs de natureza sintática variada.

⁶ *Phase Impenetrability Condition/PIC* – “The c-command domain of a phase head is impenetrable to an external probe (i.e. a goal which is c-commanded by the head of a phase is impenetrable to any probe c-commanding the phase)” (RADFORD 2004, p.382).

Esses XPs ocupam a posição de especificador de TP (ou de CP), conforme a hipótese anunciada na introdução desta tese.

1.1.1 A fase C-TP

C é um rótulo para a região denominada por Rizzi (1997) de “periferia esquerda”, que envolve, possivelmente, um espraiamento de traços de núcleos funcionais. O nível CP, segundo Miyagawa (2010), denota a estrutura da expressão completa.

Não parece simples, à primeira vista, visualizar o nível TP estabelecendo um limite de margem com CP, já que, na superfície, parece ser T, não C, o lugar dos traços- ϕ que estão envolvidos no sistema de concordância, conforme mostram os dados de línguas bantu a seguir:

- (3) a. *Omukali mo-a-seny-ire olukwi (lw'omo-mbasa)* (SVO)
Woman-1 AFF-1.s-T-chop-EXT Wood.11 LK11-LOC.18-axe.9
'The woman chopped Wood (with an axe).'
- b. *Olukwi si-lu-li-seny-a bakali (omo-mbasa)* (OVS)
Wood.11 NEG-11.S-PRES-CHOP-FV women.2 LOC.18.axe.9
'Women do not chop wood (with an axe).'

c. ?*Omo-mulongo mw-a-hik-a omukal* (LocVS)
 LOC.18.village.3 18.S-T-arrive-FV woman
 ‘At the village arrived a woman.’

(BAKER 2003, p.113)

Em (3a), o elemento ‘woman’ aparece na posição de Spec-TP, porque é com o sujeito que o verbo concorda; em (3b), a concordância é feita com o objeto ‘wood’, em Spec-TP; e, finalmente, em (3c), é o locativo que está envolvido na relação de concordância com o verbo e, por isso também, ocupa a posição de especificador de TP. Conforme argumenta Miyagawa (2010), os exemplos demonstrados acima servem de evidência de que a sonda com traços- ϕ de TP em bantu pode selecionar qualquer DP em seu domínio. E, por causa disso, o sujeito, o objeto ou até mesmo o locativo podem aparecer na posição de Spec-TP.

Há, entretanto, razão para suspeitar que traços- ϕ e de tempo do núcleo T^o são derivativos do núcleo C^o. Vejamos, nos dados abaixo, do *west flemish*, evidência de traços de concordância no domínio CP:

(4) a. *Kpeinzen dan-k (ik) morgen goan.*
 I.think that-I (I) tomorrow go.
 ‘I think that I’ll go tomorrow.’

b. Kpeinzen *da-j* (gie) morgen goat.
I.think that-you (you) tomorrow go.
'I think that you'll go tomorrow.'

c. Kvinden *dan* die boeken te diere zyn.
I.find that.PL the books too expensive are.
'I find those books too expensive.'

(MIYAGAWA 2010; *apud* CARSTENS 2003, p. 393)

Como é possível notar, em (4a) a (4c), a concordância se evidencia no nível CP. No entanto, o verbo encaixado também a reflete, o que sugere que a concordância esteja em C e em T. Segundo Carstens (2003), a concordância, de fato, origina-se em C.

Pela evidência nos dados acima, a conclusão direta é que, no léxico, ao núcleo T^o faltam estes traços – ϕ e de tempo. Tem-se então que o núcleo T^o manifesta traços- ϕ e de tempo “se e apenas se” T^o é selecionado por C^o; se T^o não contiver esses traços, isso será sinal de que a estrutura será de alçamento de infinitiva (ou ECM), de modo que T^o não possuirá traços- ϕ nem traços de tempo.

Assim, faz sentido assumirmos que traços de tempo e de concordância são herdados por T^o a partir de C^o. Se C-T concordam com o DP alvo, o último pode permanecer *in situ* sob concordância que se dá à longa distância. Ou o DP

pode alçar até Spec-TP, em cujo ponto ficará inativo, com todos os traços valorados, e desta posição não pode alçar a outras posições sintáticas.

Quando traços- ϕ aparecem morfológicamente no núcleo T^o sem tempo (ou em participios, etc.), esses traços são efeito morfológico da concordância, a qual não produz qualquer significado ao final da computação sintática. Nessas circunstâncias, o fato de TP não poder ser retirado da estrutura, ou, por outro lado, não aparecer sem C, isoladamente, traz evidência adicional para suspeitar de que TP apenas tenha características de fase quando é selecionado por C, isto é, quando os traços que dele fazem parte são herdados de C.

Na **subseção 1.1.2**, discorro brevemente acerca do EPP, um fenômeno sintático ainda controverso nos estudos gerativistas atuais, como demonstro a seguir. Na proposta teórica desta tese, argumento sobre como EPP deve ser analisado para explicar o preenchimento lexical à periferia esquerda no PB e em outras línguas.

1.1.2 O traço EPP

O traço EPP foi inicialmente tratado como um Princípio de Projeção Estendida (EPP), segundo o qual toda oração precisaria ter sujeito (CHOMSKY 1981). Em análises recentes, o EPP é considerado um traço D ininterpretável que

necessita ser valorado. Para que isso ocorra, um DP deve ser atraído para a posição de Spec-TP.

Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) apresentam uma teoria que se conforma com a proposta de Chomsky (1995). Para as autoras, EPP é uma propriedade universal e corresponde a um traço D forte em I, requerendo morfologia rica de concordância em T ou o movimento de um DP para Spec-TP.

O tratamento mais usual do EPP é sintático. No entanto, seguindo outra vertente, Kiss (2002) argumenta que parte do EPP vem de fatores semânticos, uma vez que, segundo sua teoria, existe uma restrição sobre a estrutura argumental, a qual requer que o argumento marcado para sujeito seja aquele com maior proeminência temática.

Na literatura gerativista atual (cf. CHOMSKY 2001, 2005, 2008), EPP é entendido como um traço de margem, o qual pode estar ativo em determinado núcleo sintático para ser valorado pelo *Merge* de um item lexical.

Holmberg (2000, 2010) argumenta que EPP, além de um subtraço [*u*D], também possui uma “parte fonológica”, denominada pelo autor de traço [*u*P]. Essa propriedade fonológica de EPP força que um XP foneticamente realizado seja inserido na posição de Spec-TP.

Miyagawa (2010), outrossim, afirma que EPP não é um traço independente. Pelo contrário, o efeito de EPP apenas se concretiza em conjunto com outros traços formais, como os traços [*u-φ*], [*uFoc*] e [*uTop*].

Independentemente das propostas quanto ao estatuto gramatical de EPP, isto é, se ele deve ser considerado como um fenômeno semântico e/ou sintático, o fato é que todos os autores citados concordam quanto ao papel que esse traço desempenha nos núcleos fásicos. Sendo EPP um traço de margem, a previsão é que, estando presente nos núcleos sintáticos, a periferia à esquerda desses núcleos tem de ser preenchida de alguma maneira.

Fato é que as investigações apresentadas até o momento, incluindo EPP como responsável por algum fenômeno linguístico, nem sempre têm dado conta de avaliar todas as performances sintáticas relacionadas a esse traço. Em suma, os problemas deixados para investigação futura pelos linguistas quase sempre se conectam com uma questão primordial:

- Como um único traço pode ser capaz de suscitar inúmeros comportamentos sintáticos nas línguas em geral?

Na tentativa de responder a essa pergunta, senão minimamente com relação a um fenômeno específico da língua – o parâmetro do sujeito nulo –, em

Buthers (2009) propus uma análise baseada na fatoração dos traços que constituem o EPP. Naquela ocasião, foi demonstrada uma forma de derivação para explicar o tipo de relação existente entre a presença do traço EPP no núcleo T° e a necessidade de preenchimento lexical da posição de sujeito no PB. Para atualizar essa análise, proponho nesta tese uma alternativa mais elástica, que permitirá preencher as lacunas deixadas no trabalho de Buthers (2009). A intenção é oferecer explicações para outros fenômenos colaterais ao epifenômeno EPP, os quais envolvem a forma de valoração desse traço nas línguas naturais. Essa proposta será desenvolvida na quarta parte desta tese.

Na seção seguinte, apresento a tese de Holmberg (2000) sobre a conexão que há entre a inversão estilística nas línguas escandinavas e a necessidade de satisfação a EPP. Adicionalmente, exponho a abordagem do autor para explicar línguas que apresentam sujeito nulo parcial.

1.2 *STYLISTIC FRONTING* E SUJEITO NULO PARCIAL

1.2.1 Sobre o *Stylistic Fronting*

Holmberg (2000, 2010b) analisa a inversão estilística (SF) que ocorre no islandês e no faroês. Em conformidade com o autor, o SF é “uma operação que move uma categoria (...) para o que parece ser a posição de sujeito quando esta

posição está vazia (...)” (p.445). Para esclarecimento, observemos os dados do islandês, abaixo, que exemplificam a ocorrência do SF:

- (5) a. ___ * *Hefur komið fram að hefur verið fiskað í*
___ Has come forth that has been fished

leyfishleysi á chilensku fiskivæði.

ilegally in Chilean fishing-zone.

‘It has appeared that illegal fishing has taken place in the Chilean fishing zone’.

- b. *Fram hefur komið ___ að fiskað hefur verið...*

Forth has come ___ that fished has been...

‘It has appeared that fishing has taken place...’

(HOLMBERG 2000, p. 8)

Em (5a), como Spec-TP está vazia, exige-se que o adverbial *fram* seja inserido nesta posição para atender a EPP.

Para explicar o fenômeno de inversão estilística, Holmberg (2000, 2010) apresenta a seguinte proposta:

- (i) a categoria XP movida por SF funciona como um puro expletivo em sua posição derivada, a qual é Spec-IP;

- (ii) o que é movido por SF é apenas a matriz de traço fonológico de uma categoria.

Assim, Holmberg (2000, 2010) propõe uma teoria que prevê uma forte conexão entre as noções de finitude, concordância verbo-sujeito, Caso nominativo e movimento do sujeito. De acordo com o autor, I finito contém traço [D], ininterpretável; ou seja, um traço que precisa ser checado (nas palavras do autor) e apagado. Esse traço é responsável por atrair uma categoria D-marcada para seu domínio de checagem (I^o ou Spec-IP) – essas categorias podem ser DPs, como sintagmas nominais definidos, pronomes e clíticos pronominais; e, em algumas línguas, o morfema de concordância do verbo⁷. O traço [*u*D] em I pode ser checado pelo movimento (= *Merge* interno) do verbo para I ou de um sujeito temático para a posição de Spec-IP.

Holmberg (2000, 2010) também investiga o inglês e o islandês, línguas que, segundo ele, não permitem sentenças impessoais sem o preenchimento de um XP na posição de sujeito. O autor explica que, nesses casos, o traço envolvido

⁷ Interessante esta possibilidade de valoração do traço [*u*D] por meio de morfemas de concordância. Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) argumentam que Agr forte, numa relação de concordância por meio do movimento do verbo, é capaz de checar EPP. Kato (1999), conforme será mostrado no capítulo 2 deste trabalho, prevê que traços- ϕ podem entrar como categorias D, independentes, na derivação, checando o traço [*u*D] de I. Análises como essas permitem excluir da teoria a categoria vazia *pro*, já que Agr forte pode desempenhar o papel de checagem de EPP em I.

é um traço fonológico [*uP*], o qual, sendo ininterpretável, deve ser checado por uma categoria visível fonologicamente, movida ou juntada (*merged*) a Spec-IP.

Ainda em relação ao islandês, Holmberg (2000,2010) afirma que essa língua contém concordância D-marcada, ou seja, possui um sistema flexional rico, com traços de pessoa distintos, de modo que o traço [*uD*] de I° precisa ser valorado. Em uma língua que não tem concordância D-marcada, como o inglês, um DP sujeito ou um expletivo tem de se mover para valorar o traço [*uD*] de I°. Nessa configuração, o sujeito ou um expletivo valora também o traço [*uP*] de I°. Todavia, esta teoria precisa responder à seguinte indagação:

- Como seria possível, então, no islandês, que o traço ininterpretável [*uP*] fosse valorado em sentenças onde o sujeito, por alguma razão, não é movido?

Segundo Holmberg (2000, 2010), o islandês resolve esse problema movendo os traços fonológicos de um XP que esteja em uma posição mais próxima a Spec-IP. Essa operação é o que o autor chamará de *Stylistic Fronting*,

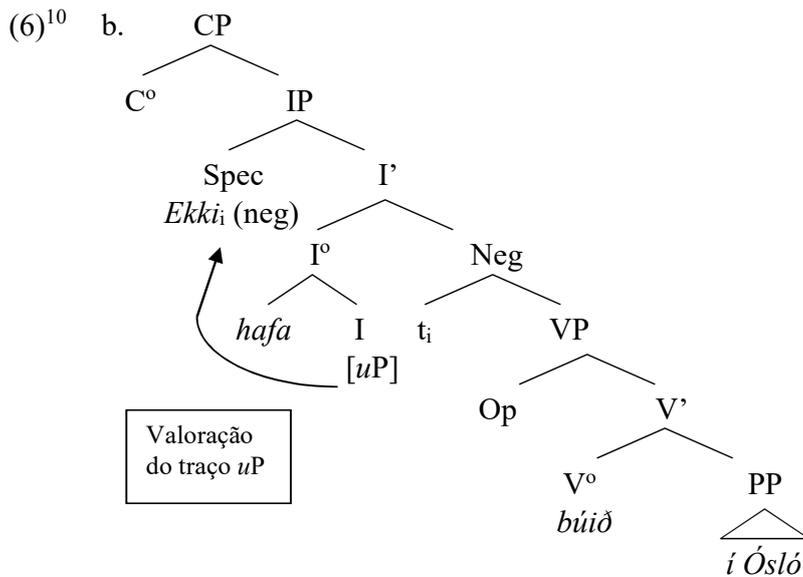
doravante SF⁸. Para o autor, a matriz fonológica das categorias movidas por SF é dissociada de outros traços e, posteriormente, é movida para Spec-IP. Assim sendo, essas categorias funcionam como expletivos em Spec-TP, uma vez que, nessa posição, estão desprovidas de seus traços semânticos⁹. O dado em (6), abaixo, exemplifica essa operação de inversão estilística no islandês:

- (6) a. *Þeir sem ekki hafa búið í Oslo seaja að...*
 Those that not have lived in Oslo say that...
 ‘Those that have not lived in Oslo say that...’

⁸ Pode ser isso o que acontece com os predicados inacusativos no PB. Não os classifico, obviamente, como casos de inversão estilística, pois outras condições para esse fenômeno não são satisfeitas. No entanto, a forma como os traços são valorados é interessante. Nessas construções, o argumento circunstancial move-se para a posição de Spec-TP para valorar os traços ininterpretáveis [μ P] e [μ D] de T^o. Isso é o que parece ocorrer nos exemplos abaixo:

- (1) Aqui chega um monte de gente. (FALA ESPONTÂNEA)
- (2) Lá vem você pra me perturbar. (FALA ESPONTÂNEA)
- (3) Aí vai mais um sofredor. (FALA ESPONTÂNEA)

⁹ Assumirei, doravante, que a categoria de expletivos não é homogênea. Assim, embora um XP que não tenha seus traços semânticos seja considerado um expletivo, essa característica não se resume a isso. Defenderei que, sejam quais forem os traços faltantes no XP, já será o suficiente para considerá-lo como item expletivo.



(adaptado de HOLMBERG 2000, p. 22)

Conforme é possível observar na configuração acima, adaptada de Holmberg (2000, p. 22), a partícula negativa ekki tem seus traços fonéticos atraídos para Spec-IP, já que, em Spec-Neg, ela é a categoria com matriz fonológica mais próxima de I°. Na posição de Spec-IP, *ekki* valora os traços [uD] e [uP] de I°.

¹⁰ Só a parte da sentença relevante para a análise está representada na configuração arbórea.

Por meio dessa proposta de Holmberg (2000), todas as condições¹¹ previstas para a ocorrência de SF são atendidas. Relevante na análise do autor para a proposta de Buthers (2009) e para a proposta atual é o fato de que a categoria vazia *pro* pode ser excluída da estrutura sintática. Outrossim, a postulação do autor de que I^o contém um traço [*uP*] que requer o preenchimento lexical da posição de sujeito é o embasamento teórico precípua que dará sustentação à análise a ser desenvolvida na parte da proposta teórica.

1.2.2 Sobre as línguas de sujeito nulo parcial

Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009) investigam, comparativamente, línguas de sujeito nulo parcial, como o PB, o finlandês e o marathi, que se caracterizam por apresentar (i) sujeito pronome genérico (do tipo ‘one’ do inglês) e (ii) sujeito controlado por um argumento mais alto na sentença. Para os autores, a ocorrência de pronomes genéricos sujeitos nessas línguas mostra que, nelas, falta o traço [*uD*] no núcleo T^o. Em consonância com o estudo desenvolvido, a propriedade descrita em (ii) é distintiva nas três línguas em análise.

¹¹ Segundo Holmberg (2000), são as seguintes as propriedades de SF: (i) lacuna de sujeito; (ii) SF afeta um vasto número de categorias; (iii) SF está sujeito a uma hierarquia de acessibilidade; (iv) SF não apresenta efeitos de foco; (v) não há SF em escandinavo *Mainland*.

Segundo Holmberg *et.al.* (2009), há alguns tipos de sujeitos nulos que não são aceitos em línguas de sujeito nulo parcial. Isso ocorre, por exemplo, em construções nas quais o sujeito de oração encaixada não pode ser correferente com sujeito da oração matriz, como se vê em (7):

(7) ***John***₁ *said that* ***he***₂ *bought a house.* (p.3)

Os sujeitos nulos são opcionais nessas línguas em determinados contextos. Vejamos:

SUJEITO NULO NÃO-TEMÁTICO:

- (8) a. Está chovendo. [BP]
b. *Ulkona sataa.* [Finnish]

(HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN 2009, p.40)

PRONOME SUJEITO GENÉRICO NULO

- (9) a. É assim que faz o doce. [BP]
b. Nesse hotel não pode entrar na piscina bêbado.

(RODRIGUES; 2004, p. 72. *Apud* HOLMBERG *et.al.* 2009, p.5)

SUJEITO NULO CONTROLADO POR ANTECEDENTE NA ORAÇÃO MAIS ALTA

- (10) a. O João₁ disse que (ele₁) tinha comprado uma casa [BP]
b. Os meninos₁ ficavam contentes quando (eles₁) tinham um dia de folga
c. A Maria₁ admite que (ela₁) não fala muito bem inglês.
- (11) a. *Juhani*₁ *kertoi että* (*hän*₁) *oli* *ostanut talon.* [Finnish]
Juhani said that he have-PST.3SG bought house
'Juhani disse que ele tinha comprado a casa'
- b. *Lapset*₁ *olivat mielissään kun* (*he*₁) *saivat* *vapaapäivän.*
children were pleased when they get-PST.3PL off-day
'As crianças ficaram agradecidas quando elas conseguiram um dia de folga'
- c. *Marja*₁ *myöntää ettei* (*hän*₁) *puhu* *englantia hyvin.*
Mary admits that-not-3SG she speak-PRS English well
'Mary admite que ela não fala bem inglês.'

Holmberg *et. al.* (2009) afirmam que sujeitos nulos definidos em línguas de sujeito nulo parcial estão em Spec-TP e valoram EPP; sujeitos nulos genéricos estão em Spec-vP e não valoram EPP. Para os autores, a grande diferença entre línguas de sujeito nulo parciais e línguas de sujeito nulo obrigatório é que, nas primeiras, o traço [μ D] pode ou não estar presente, enquanto, nas últimas, esse traço sempre está presente em T°.

Seguindo Holmberg (2005) e Roberts (2007), entre outros, Holmberg *et.al.* (2009) preveem que línguas de sujeito nulo têm o traço [uD] em T°. Então, em relação aos tipos de pronomes que podem ocupar Spec-TP, tem-se que, se eles são pronomes-D (ou seja, referenciais), eles terão traços- ϕ e traços-D valorados, e traço de Caso não valorado. Pronomes defectivos ou pronomes- ϕ terão traços- ϕ valorados e traços de Caso não valorados. Esses últimos não têm traço-D, interpretando D como referencialidade.

Em línguas de sujeito nulo, há um tópico-A (argumental) em orações matrizes controlando um tópico-A em TP; o traço [uD] de T é valorado pelo tópico nulo na cadeia, ligado ao tópico-A da matriz. O tópico-A é sempre definido; então, valora T, e o sujeito em Spec-TP não precisa ser definido, podendo, inclusive, continuar nulo:

- (12) [CP <Gianni> [*questa mattina Gianni*; *ha visitato la mostra*]].
 [CP < \emptyset k> [piu tardi ha ϕ Pk visitato l'università]]
 k = j

(HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN 2009, p.15)

Em relação à 3ª pessoa nessas línguas, Holmberg *et.al.* (2009) afirmam que o pronome defectivo de 3ª pessoa (fraco) não é definido. Em relação à ocupação de Spec-TP por sujeitos, em línguas de sujeito nulo parcial, o pronome

nessa posição (nulo ou não) tem interpretação impessoal, como genérico, arbitrário ou não-temático. Isso quer dizer que T tem traços [$u-\phi$] que sondam o DP de 3ª pessoa defectivo; tal DP valora os traços- ϕ de T (e esses traços são copiados para T) e, concomitantemente, o traço [$uCase$]:

- (13) 1 [T, Dk, $u\phi$, NOM] [vP [3SG, $uCase$] v ...] \mathcal{E}
 2 [T, Dk, 3SG, NOM] [vP [3SG, NOM] v ...] \mathcal{E}
 3 [T, Dk, 3SG, NOM] [vP [3SG, NOM] v ...]

Para dar conta do fato de que alguns DPs podem ser pronunciados em Spec-TP, Holmberg *et.al.* (2009) estipulam que isso ocorre devido a um traço [F] valorado por esses pronomes. Em línguas de sujeito nulo parcial, o traço [uD] não está em T. No caso de aparecerem sujeitos nulos, a derivação ocorre como nas demais línguas de sujeito nulo. No entanto, sem o traço [uD] em T, os sujeitos nulos serão interpretados com leituras não definidas, como arbitrária, genérica ou não-temática, em Spec-vP; assim, sujeitos nulos não valoram EPP.

Em relação ao papel da concordância, Holmberg *et.al.* (2009) postulam que o PB apresenta um quadro atual de enfraquecimento da concordância. Em conformidade com os autores, um paradigma pobre de flexão de pessoa pode influenciar na possibilidade de uma língua ser ou não ser *pro drop*. O marathi apresenta o mesmo padrão de enfraquecimento da concordância, que também se

tornou reduzido. O mesmo não ocorre com o finlandês, cuja concordância só não é distintiva para 3ª pessoa.

Em línguas de sujeito obrigatório, a concordância é pobre ou inexistente. Essas línguas permitem “incorporação” de um sujeito genérico, pronunciado em Spec-vP e que, adicionalmente, é movido para Spec-TP para valorar EPP. Essas línguas têm um traço EPP fonológico ($[uP]$), que força o preenchimento lexical da posição de Spec-TP. Para os autores, o traço $[uP]$ pode estar, em princípio, em qualquer núcleo, podendo ser, inclusive, parametrizado.

Para o caso de línguas sem concordância e com sujeito nulo, como o chinês, o japonês, o coreano, etc., o sujeito nulo é interpretado com recurso a um antecedente no discurso. Essas línguas não têm traço $[uP]$ nem traço $[uD]$ em T^0 .

Em suma, as conclusões de Holmberg *et.al.* (2009) para os contextos de sujeito nulo nas línguas de sujeito nulo parciais – o PB, o marathi e o finlandês – são as seguintes:

- (a) As três línguas, porque permitem sujeitos nulos em contextos com sujeito preenchido em línguas de sujeito obrigatório, não têm traço $[uP]$;
- (b) Elas não têm traço $[uD]$ em T^0 , devido à fraqueza de concordância;
- (c) Sujeitos preenchidos nessas línguas são genéricos, arbitrários, pois suprem falta de traços- ϕ em T^0 . Então, são cópias de traços- ϕ de T^0 ;

- (d) Ao contrário de se incorporar em T^0 , o pronome pode se mover e se juntar com TP, satisfazendo EPP.

Outra proposta que nos servirá também de base teórica para a análise desta tese é a apresentada por Miyagawa (2010), em alusão à herança de traços gramaticais por T^0 de C^0 . Esse é o assunto da próxima seção.

1.3 A PROJEÇÃO αP E A HERANÇA DE TRAÇOS

Miyagawa (2010) investiga línguas orientadas para o discurso, para responder a duas questões básicas relativas à GU:

- (i) Por que existe a concordância¹²?
- (ii) Por que existem movimentos na sintaxe das línguas naturais¹³?

¹² Concordância é tratada em Miyagawa (2010) no sentido da relação AGREE. Importante distinguir aqui, para descartar possível confusão com traços- ϕ .

¹³ O questionamento relativo à existência de movimento nas línguas vem sendo sempre retomado por Chomsky, que vê este fenômeno como uma imperfeição apresentada nas línguas. Em geral, as questões que surgem com o movimento das línguas sugerem a dúvida de por que muitas expressões da língua são interpretadas num lugar e pronunciadas em outro (CHOMSKY 1995).

A resposta de Miyagawa (2010) a essas indagações é que concordância e movimento são o resultado de operações distintas, que surgem com a tarefa de oferecer condições ótimas para a realização do poder de expressividade das línguas humanas. Em consonância com o autor:

Sem concordância e movimento, a linguagem humana seria uma ‘sombra’ de si mesma para expressar o pensamento humano, empobrecida na medida em que não seria capaz de expressar tais noções básicas como tópico-comentário, sujeito de uma oração, foco e conteúdo de perguntas.¹⁴ (MIYAGAWA 2010, p.2)

Na próxima subseção, apresento a proposta de Miyagawa acerca de seu primeiro questionamento.

1.3.1 Por que as línguas concordam?

Para responder à primeira questão a respeito de por que as línguas exibem concordância, o autor ainda faz outro questionamento:

➤ Por que algumas línguas exibem concordância e outras não?

¹⁴ No original: “*Without agreement and movement, human language would be a shadow of itself for expressing human thought, impoverished to the degree that it would not be able to express such common notions as topic-comment, subject of a clause, focus, and content questions*” (MIYAGAWA 2010, p.2).

Sobre o porquê de as línguas terem concordância, Miyagawa (2010) explica que há relações a serem estabelecidas entre núcleos funcionais e XPs, e essas relações têm que se tornar possíveis. E elas só se tornam possíveis por meio de concordância.

Já com relação a algumas línguas apresentarem concordância e outras não, o autor propõe que todas as línguas têm uma série uniforme de traços, os quais incluem traços- ϕ , tópico e foco. E, então, as línguas poderiam escolher com quais traços trabalhar. Essa proposição é chamada por Miyagawa (2010) de “Uniformidade Forte”, uma versão mais forte do Princípio de Uniformidade¹⁵ de Chomsky (2001):

UNIFORMIDADE FORTE:

Todas as línguas compartilham a mesma série de traços gramaticais, e toda língua manifesta visivelmente esses traços¹⁶ (MIYAGAWA 2010, p.12).

¹⁵ “*Uniformity Principle: In the absence of compelling evidence to the contrary, assume languages to be uniform, with variety restricted to easily detectable properties of utterances*” (CHOMSKY 2001, p.2).

¹⁶ No original: *Strong Uniformity: All languages share the same set of grammatical features, and every language overtly manifests these features*” (MIYAGAWA 2010, p. 12).

Dessa maneira, as línguas optam por traços que aparecerão em proeminência, mas as funções dos traços escolhidos serão as mesmas. Por exemplo, em línguas orientadas para o discurso, como o japonês, o traço de tópico-foco tem a mesma função dos traços- ϕ em línguas de concordância. Não obstante, a diferença reside em qual traço estaria motivando operações de movimento no nível TP. Segundo o autor, traços- ϕ e de tópico-foco são todos juntados ao núcleo fásico C^o e, quando necessário, o núcleo T^o pode herdá-los. Em geral, T^o herda traços- ϕ , porém, o fato de T^o herdar o traço de foco ou tópico proporciona uma distinção mais evidente entre as línguas. A distinção é que línguas em que T^o herda apenas traços- ϕ de C são línguas de concordância; e línguas em que T^o herda, também, traços de tópico ou foco são orientadas para o discurso, no sentido de Kiss (1995). Miyagawa (2010, p. 29) observa que, mesmo orientadas para o discurso, algumas línguas também podem apresentar concordância. Um exemplo desse tipo de língua é o finlandês. Conforme Miyagawa (2010, p.86), “o finlandês também tem concordância de traços- ϕ –

então [...] é uma língua que combina ambas as propriedades de concordância e de configuracionalidade para o discurso”¹⁷.¹⁸

Passemos, agora, ao segundo questionamento de Miyagawa (2010), que é sobre a necessidade da existência de movimento nas línguas.

1.3.2 Por que existe movimento na sintaxe?

Miyagawa (2010) argumenta que o movimento na sintaxe das línguas naturais é necessário para que haja uma “gravação” das relações funcionais, isto é, o movimento força o alvo a ir para a sonda para estabelecer relações funcionais.

O autor chama esse processo de PGU – *probe-goal union*:

Probe-Goal union (PGU)

Um alvo se move para unir-se a uma sonda.

¹⁷ No original: “*Finnish also has ϕ -feature agreement – so here is a language that combines both agreement and discourse-configurational properties.*” (*ibid.*, p. 86).

¹⁸ Tendo em vista (i) a hibridez do finlandês quanto ao acionamento de concordância ou discurso; e (ii) considerando também que se trata de língua de sujeito nulo parcial¹⁸, o finlandês pode ser comparado ao PB, embora fenômenos presentes no PB podem não se apresentar no finlandês. Isso sugere que há de ser ter uma forma diferenciada para tratar ambas as línguas, em suas similaridades e particularidades. Miyagawa (2010) não usa o finlandês para explicar o fenômeno da parcialidade quanto ao acionamento do parâmetro do sujeito nulo. Ao citar essa língua, o objetivo do autor é descrever como se dá o acionamento do traço de [Foc] herdado de C° a T°.

Nas palavras de Miyagawa (2010, p. 58): “uma relação funcional é estabelecida por *AGREE*, mas se nada mais acontece, o registro dessa relação crítica é apagado antes da interpretação semântica e da interpretação da estrutura da informação, porque a sonda precisa ser excluída”¹⁹.

Miyagawa (2010) discute o comportamento de várias línguas sobre um movimento que nelas é forçado devido a algum traço – concordância ou tópico-foco. Esse traço na sonda tem que estar numa relação próxima ao alvo, e, caso não esteja, o movimento tem que acontecer. Em suma, o movimento sempre será engatilhado por um traço herdado de C^0 , quais sejam: traços- ϕ ou traços de tópico-foco.

Os exemplos do árabe (14a) a (14b) e do japonês (15a) a (15b)²⁰ a seguir fornecem elementos para a reflexão de Miyagawa (2010) a respeito das razões pelas quais se engatilham movimentos na sintaxe estrita das línguas:

- (14) a. *Qadim-a* (/ **qadim-uu*) *al-ʔawlaadu*.
Came-3MS came-MP the-boys-3MP
'The boys came.'

Movimento desencadeado por traços- ϕ .

¹⁹ No original: “A functional relation is established by *Agree*, but if nothing else happens, the record of this critical relation is erased before semantic interpretation and interpretation for information structure because the probe must be deleted” (MIYAGAWA 2010, p.58).

²⁰ Exemplos retirados de Miyagawa (2010).

b. *Al-ʔawlaadu qadim-uu (*qadim-a) [t]*
 the-boys-3MP came-3MP came-3MS
 ‘The boys came.’

Nos dados em (14), é possível perceber que o movimento do DP é desencadeado devido à presença de traços- ϕ . Em (14a), o sujeito pós-verbal efetua concordância parcial de pessoa e gênero. Já em (14b), o sujeito pré-verbal apresenta concordância total de pessoa, gênero e número. É a presença do traço de número, segundo Miyagawa (2010), uma contraparte dos traços de concordância, que engatilha o movimento do DP ‘*the boys*’ para a posição de sujeito.

Já nos dados em (15), a seguir, o movimento é engatilhado devido a outro traço:

(15) a. *Taroo-wa pizza-o tabeta.*
 Taroo-TOP pizza-ACC ate.
 ‘As for Taro, he ate pizza.’

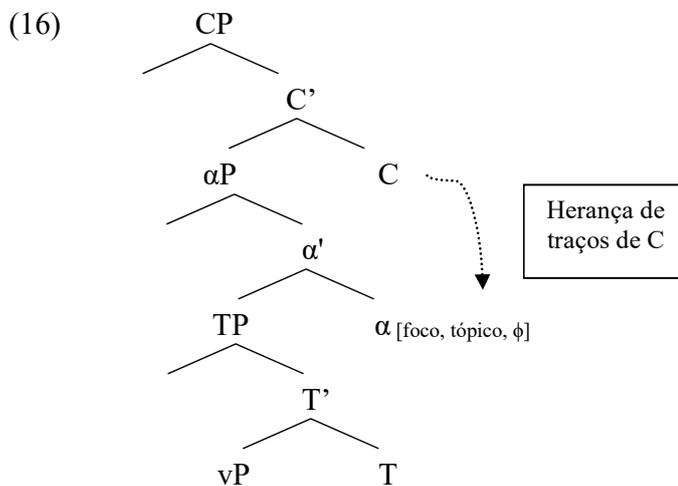
Movimento desencadeado pelo traço-tópico.

b. *Pizza-oi Taroo-ga ti tabeta.*
 Pizza-ACC Taroo-NOM ate.
 ‘Pizza, Taro ate.’

Como é possível visualizar a partir de (15b), o DP *'pizza'* moveu-se para a posição à esquerda da sentença devido ao traço de tópicos.

1.3.3 A projeção α P

A projeção α P é introduzida na estrutura sintática por Miyagawa (2010) na posição que intermedeia CP e TP. O núcleo dessa projeção pode herdar traços gramaticais de C° , tais como traços- ϕ , traços de foco e de tópicos, conforme a estrutura delineada em (16):



Para Miyagawa (2010), a necessidade da inserção do nível αP na arquitetura oracional deve-se ao fato de que, em algumas línguas, dois elementos argumentais podem figurar em posição anterior ao verbo.

Exemplos em que dois argumentos aparecem posicionados antes do verbo advêm do japonês²¹. Nessa língua, tanto o sujeito quanto o objeto são marcados com a partícula *-ga*, que realiza Caso nominativo, conforme se vê pelo exemplo a seguir:

- (17) *Taroo-ga eigo-o /ga hanas-e-ru*
Taroo-NOM English-ACC / NOM speak-can-PRES
'Taro can speak English.'

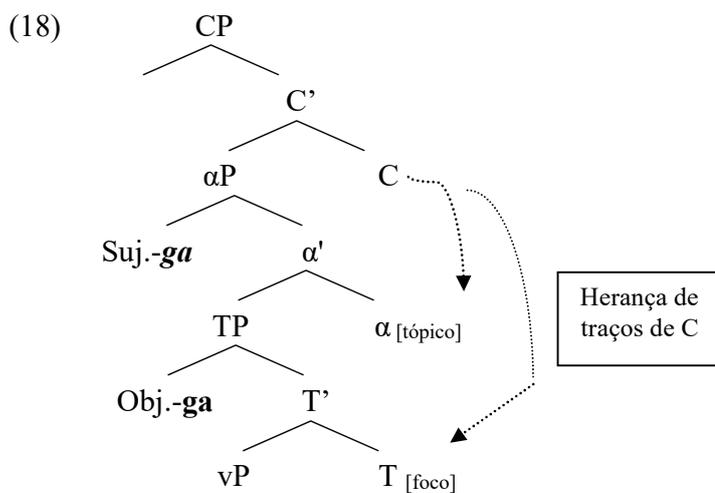
(MIYAGAWA 2010, p. 72)

Em (17), dois elementos têm o traço de Caso valorado como nominativo, o que lhes confere o título de argumentos. Daí surge um questionamento:

➤ Como alocar dois argumentos em apenas uma posição na qual o Caso nominativo é valorado, isto é, em Spec-TP?

²¹ Língua *scrambled*: língua que aceita livre ordenação dos elementos sintáticos.

A estratégia de Miyagawa (2010) para dar conta da posição sintática ocupada por esses elementos na estrutura sintática da oração em (17) é postular a existência do nível funcional α P, conforme se vê abaixo:



Diferentemente de alguns autores que justificariam a posição dos argumentos devido à valoração do traço de Caso (cf. KOIZUMI 2008; *apud* NOMURA 2005), Miyagawa (2010) defende que os traços motivadores do movimento são, na verdade, os traços de tópico e foco, ambos herdados a partir do núcleo C^0 . Como podemos ver em (18), no núcleo α^0 há um traço de tópico; e, no núcleo T^0 , há um traço de foco, ambos herdados do nível CP.

1.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Segundo Chomsky (2001, 2005, 2008), a faculdade da linguagem, “órgão do corpo humano”, é constituída a partir da interação entre três fatores: (i) a experiência; (ii) a herança genética e (iii) o princípio da arquitetura estrutural. Para ele, o que possibilita que a linguagem possa se estabelecer é o fato de ela ter como propriedade principal ser um sistema de infinidade discreta, constituído de objetos sintáticos hierarquicamente organizados. Os objetos sintáticos são formados nas relações entre os traços que os compõem por meio de operações chamadas pelo autor de *AGREE* e *Merge*. A combinação entre os traços dos objetos sintáticos se dá nas margens, que são (C-TP) e (v-VP). CP e TP podem compartilhar traços- ϕ , por meio de herança.

Holmberg (2000, 2010) defende que o traço EPP contém duas contrapartes, que são o traço [*uD*] e o traço [*uP*]. A combinação entre esses traços explica o fenômeno da inversão estilística em línguas escandinavas. Holmberg *et.al.* (2009) comparam três línguas chamadas de sujeitos nulo parcial – o PB, o finlandês e o marathi. Essas línguas compartilham algumas propriedades, embora também apresentem características distintas em relação à forma como se licencia o sujeito nulo em determinados contextos. Os autores concluem que elas não contêm traços [*uD*] e [*uP*] no núcleo T^o. Em estudo posterior, Holmberg (2010)

estabelece um parâmetro que permite diferenciar línguas de sujeito nulo, línguas de sujeito obrigatório e línguas de sujeito nulo parcial. Estabelece que a diferença crucial entre elas sujeita-se à presença dos traços [*u*D] e [*u*P] no núcleo T° – línguas de sujeito obrigatório têm esses dois traços, enquanto as línguas de sujeito nulo e de sujeito nulo parcial não têm.

Miyagawa (2010) analisa o japonês e outras línguas orientadas para o discurso. No caso específico do japonês, essa língua apresenta dois argumentos em posição anterior ao verbo, e o autor defende que isso ocorre devido a herança de traços do núcleo C° pelo núcleo T°. Os traços herdados da interação entre esses núcleos sintáticos são o traços- ϕ , o de tópico e o de foco. Para tornar possível alocar dois argumentos em posição pré-verbal, o autor propõe a inserção de um nível a mais na estrutura, denominado de α P. Assim, os dois argumentos pré-verbais ocupam, respectivamente, as posições de especificadores de α P e de TP.

Na parte III, a seguir, descrevo os dados selecionados para a análise do objeto de investigação nesta tese. No capítulo 2, descrevo as construções com sujeitos não-convencionais em Spec-TP. No capítulo 3, descrevo construções com elementos XPs topicalizados.

PARTE III

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

CAPÍTULO 2: DA EMERGÊNCIA DE SUJEITOS NÃO CONVENCIONAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Muitos foram os estudos, conectados à linha da gramática gerativa e/ou à perspectiva variacionista, que analisaram a perda do sujeito nulo referencial no PB (DUARTE 1993; GALVES 1993; KATO 1999; etc.) e da consequente emergência de sujeitos prototípicos ou não na sintaxe dessa língua.

Estudos recentes (DUARTE 2003; BUTHERS 2009; e outros) têm mostrado que não apenas sujeitos nulos referenciais mas também sujeitos nulos expletivos têm sido substituídos, gradativamente, por itens lexicais plenos. Para Duarte (2003), a ocupação lexical da posição que normalmente é preenchida pelo sujeito da oração reflete uma mudança por que passa o PB em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Diante disso, o objetivo central deste capítulo é apresentar e descrever os dados envolvendo construções com o preenchimento da periferia esquerda da sentença por tipos de sujeitos não esperados na gramática do português padrão dessa língua.

No intuito de alcançar o objetivo proposto, este capítulo estrutura-se em seções, distribuídas da seguinte maneira: na **seção 2.1**, apresento dados com preenchimento da posição de sujeito por XPs em construções impessoais, formadas a partir de predicados existenciais (2.1.1) e predicados atmosféricos

(2.1.2); na **seção 2.2**, descrevo o preenchimento à esquerda do verbo por DPs pronominais em Spec de TP, como pronomes fracos (2.2.1) e o pronome “eles” genérico ou arbitrário (2.2.2); e, na **seção 2.3**, insiro o resumo do capítulo.

2.1 CONSTRUÇÕES IMPESSOAIS

No âmbito da literatura linguística, assume-se que as construções impessoais apresentam sujeitos nulos não referenciais. Não obstante, nesses contextos, resultados recentes vêm mostrando que tem havido gradativa perda de sujeitos nulos expletivos na sintaxe do PB contemporâneo. Esta seção tem por objetivo a análise de tais contextos no intuito de exemplificar o fenômeno e de descrever os dados com o preenchimento lexical na posição de sujeito desses predicados, de acordo com as explicações apresentadas por vários autores.

2.1.1 Predicados existenciais

Em PB não-contemporâneo, predicados com verbos existenciais apresentam a posição de sujeito nula, pois os mesmos constituem uma das subclasses de verbos chamados de impessoais pela gramática tradicional. Por essa razão, esses verbos não apresentam a posição de sujeito ocupada com

material foneticamente realizado. Entretanto, o PB tem apresentado, não raras vezes, a posição sintática à esquerda desses verbos preenchida por XPs de natureza sintática diversa, conforme se vê nos dados (1) e (2) a seguir:

- (1) Espaço Medea – *lá há* cinema. (BLOG, ACESSO EM 20/03/2009)
- (2) *Agora tem* festa em Manhumirim. (ANÚNCIO PUBLICITÁRIO)

Este comportamento com relação ao preenchimento da posição sintática à esquerda em construções com verbos existenciais sinaliza, conforme assumo em Butthers (2009), a maneira como o PB valora o traço EPP da sentença. Nesse sentido, a posição sintática ocupada por esses XPs corresponde a Spec-TP. Isso significa que tem surgido uma opção de preenchimento da posição de sujeito, a qual pode se correlacionar com o engatilhamento de uma mudança paramétrica nessa língua (cf. DUARTE 2003; BUTHERS 2009). Nessa linha de raciocínio, o PB está deixando, gradativamente, de licenciar sujeitos nulos, passando a preencher a posição de Spec-TP, até mesmo nas construções com verbos existenciais. Muitos estudos têm sido feitos a respeito deste tipo de preenchimento, muito embora nem sempre correlacionem o referido preenchimento com perda de sujeito nulo. Na sequência, apresento alguns deles.

justificativas do autor são as seguintes: (i) pode ser ligado a sujeitos nulos em sentenças coordenadas – expletivos não podem exercer esse papel [cf. ex. (6), abaixo]; (ii) ‘você’ não pode ser inserido em sentenças com o verbo impessoal “haver” – o que seria totalmente aceitável, caso fosse um expletivo [cf. ex. (7)]; (iii) ‘você’ funciona indistintamente como sujeito de ‘ter’ impessoal ou possessivo [cf. ex. (8)] – o que descarta, também, a previsão da expletivização do item, já que, em contextos possessivos, o sujeito é referencial, conforme mostram os exemplos a seguir:

1. SENTENÇA COORDENADA:

- (6) (Você_i) tinha poucos computadores na década de sessenta e por isso *ec_i* recorria a formas mais rudimentares para armazenar dados.

[AVELAR 2009, p. 4, ex. (6)]

2. SENTENÇA COM IMPESSOAL ‘HAVER’:

- (7) (*Você) há muitos castelos na Europa.

[AVELAR 2009, p. 5, ex. (8)]

3. SENTENÇA COM ‘TER’ IMPESSOAL OU POSSESSIVO:

- (8) a. Se **você** tem castelos na Europa, então é porque você é rico.

b. Se **você** tem castelos na Europa, é porque os europeus se interessam por preservar sua história.

[AVELAR 2009, p. 5, ex. (9) e (10)]

Avelar (2009) não relaciona o aparecimento do pronome ‘você’ em sentenças existenciais com o fato de o PB estar perdendo a propriedade de licenciar sujeitos nulos no PB. Ele justifica essa não correlação devido ao fato de o italiano ser uma língua prototipicamente de sujeito nulo e aceitar expletivos em construções existenciais. Para o autor, “então não pode haver relação entre ser ou não ser uma gramática *pro-drop* e rejeitar ou não rejeitar expletivos. Em outras palavras, se o *status* de não-*prod-drop* fosse uma pré-condição para expletivos, o italiano não apresentaria este tipo de categoria”²² (AVELAR 2009, p. 4,5).

2.1.1.2 A proposta de Avelar e Callou (2011)

Avelar e Callou (2011) também investigam contextos sintáticos em que ocorrem predicados com o verbo ‘ter’ existencial. Nesses contextos, o preenchimento da posição de sujeito dá-se pelo pronominal ‘você’. No estudo, os autores argumentam que o pronome ‘você’ não recebe papel temático, mas funciona como sujeito gramatical, uma vez que o verbo pode estabelecer relação

²² “[...] then there can be no relation between being or not being a *pro-drop* grammar and rejecting or not rejecting expletives. In other words, if the non-*prod-drop* status were a precondition for expletives, Italian would not present this type of category” (AVELAR 2009, p. 4,5).

de concordância com ele (AVELAR; CALLOU 2011, p.251). Embora com essas características, os autores não assumem o pronome ‘você’ como expletivo, o que seria “incoerente com a ideia de que o mesmo pronome preserva a interpretação genérica: sendo um item que serve à expressão de genericidade, *você_{gen}* precisa ser legível no componente semântico da gramática, ao contrário do que se esperaria de um autêntico expletivo”²³ (AVELAR; CALLOU 2011, p. 261). Vejamos um dos exemplos apresentados pelos autores:

- (9) Em Kioto **você tem** aquela confusão da rua, trânsito pra caramba, mas **você tem** aqueles castelos de imperadores antigos, não sei o quê (NURC-RJ, AC/90, Inq. 012, Faixa 1) (AVELAR; CALLOU, p.252, ex. 2(b)).

Para Avelar e Callou (2011), “a frequência cada vez maior de existenciais com *ter* em que a posição de sujeito é preenchida por *você_{gen}*²⁴ será analisada como uma tendência do PB a preencher a posição de sujeito com termos que não são argumentais” (p.252).

2.1.1.3 A proposta de Vitório (2013)

²³ No entanto, conforme veremos a seguir, um expletivo não é completamente vazio de valores semânticos (cf. VANGSNES 2002, p. 62).

²⁴ ‘Você’ com referência genérica.

Ainda discorrendo sobre a emergência de elementos foneticamente realizados em sentenças existenciais, cito o trabalho de Vitório (2013). Nesse estudo, a autora investiga construções existenciais com os verbos ‘ter’, ‘ter pessoal’, ‘haver’ e ‘existir’ na fala alagoana. O seu objetivo é proceder à análise de como a variação tem ocorrido na fala, e se pronominais, em detrimento de outros itens de categorias diversificados, são os elementos preferencialmente requeridos para ocupar a posição anterior aos verbos nessas construções. Exemplos de dados coletados por Vitório (2013) são os seguintes (pp.78-83):

- (10) Eu acho que **num** *tem* nenhuma cidade que chegue perto de Maceió (L4L23) – (ex. (11))
- (11) De um lado **você** *tem* regiões muito ricas como a Ponta Verde o Farol o Aldebaram é: alguns conjuntos na Serraria [...] (L58L2343) – (ex. (12))
- (12) **Ali** *há* uma cultura sendo valorizada (L70L2955) – (ex. (17))
- (13) **Num** *tem* cuidado com o cidadão (L31L1385) – (ex. (22))
- (14) Eu moro ali perto do macro – **ai** *tem* um sinal – eu fui quando eu coloquei o pé o sinal tava fechado pra eles vermelho [...] (L6L401) – (ex. (29))
- (15) **Alagoas** não *tem* pessoas qualificadas (L47L1817) – (ex.(31))

Pelos dados acima, verifica-se que há elementos de natureza sintática diversa ocupando a posição à esquerda do verbo existencial. A análise quantitativa da autora pode ser resumida a partir da tabela a seguir:

Preenchedores à esquerda do verbo	Aplic. / Total	Percentual (%)
Ausência de preenchedores	58 / 381	15%
Negação	86 / 381	23%
Advérbios aspectuais e focalizadores	17 / 381	5%
SADVs e SPs – locativos/temporais	31 / 381	8%
Relativos / Subordinativos	40 / 381	10%
Marcadores discursivos / Coordenativos	49 / 381	13%
DPs lexicais	24 / 381	6%
DPs pronominais	76 / 381	20%

TABELA 1: Tipos de preenchedores à esquerda do verbo (cf. VITÓRIO 2013, p. 82)

Pela tabela, verifica-se que DPs pronominais são os elementos lexicais escolhidos, na fala alagoana, para o preenchimento da posição à esquerda de predicados existenciais. Segundo Vitório (2013), o alto número de sentenças com o verbo ‘ter’ existencial sinaliza uma mudança na fala contemporânea do PB, que apresenta preferência por esse verbo em detrimento de ‘haver’. Nesse sentido, ‘ter’ é o verbo existencial prototípico em PB.

A próxima subseção tem por objetivo explicitar dados com outro tipo de predicado impessoal, o predicado atmosférico. A posição pré-verbal desse predicado impessoal também tem apresentado XPs realizados foneticamente.

2.1.2 Predicados atmosféricos

Verbos atmosféricos são considerados como impessoais pela gramática tradicional²⁵. Na análise dos dados do PB não-contemporâneo, em períodos anteriores à segunda metade do século XX, observa-se que a posição à esquerda de verbos climáticos não costuma vir preenchida por quaisquer itens XPs. Comportamento contrário é mostrado pelos exemplos a seguir, que exibem o referido preenchimento lexical por XPs variados:

- (16) a. Essas janelas **ventam** muito (PONTES 1987)
b. As cidades do litoral paulista **chovem** muito (AVELAR 2009)
- (17) Petrópolis é uma coisa. **Aquilo** chove demais! (BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA 2009)
- (18) a. ...uns verões **chovem**, outros **fazem sol**...
b. Caro Renato, em várias partes da Argentina, Bolívia, Chile e Peru **nevam**, sendo que algumas regiões **caem neve** até no verão.
c. ...tem uma certa época em que alguns países **nevam** e outros não.

(COSTA; AUGUSTO; RODRIGUES 2014, p. 258)

²⁵ Segundo Cunha e Cintra (2001), verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza indicam casos de inexistência do sujeito e, por isso mesmo, são chamados de “impessoais” (p. 129).

Nos dados de (16) a (18), os verbos meteorológicos apresentam concordância com os XPs à esquerda, o que atesta que estes ocupam a posição do sujeito, ou seja, a posição de Spec-TP. Dados como esses são encontrados de maneira bastante recorrente na oralidade e também em textos oriundos de Internet²⁶, que exemplificam analogia com a modalidade linguística oral, em escrita informal. Outros contextos que apresentam o preenchimento à esquerda de verbos climáticos referem-se às orações relativizadas, como estudado por Costa, Augusto e Rodrigues (2014).

2.1.2.1 A Proposta de Costa, Augusto e Rodrigues (2014)

Costa, Augusto e Rodrigues (2014) analisam contextos com verbos meteorológicos flexionados no plural, apresentando concordância com o XP localizado à sua esquerda, quando aparecem sempre em oração relativa. Esse tipo de concordância é interpretado pelos autores como concordância tópico-sujeito. Os exemplos a seguir ilustram a referida análise, com o verbo flexionado no plural, estabelecendo concordância com o locativo que precede o pronome relativo:

²⁶ Exemplos de dados da Internet: “**Países** que *nevam*” (Disponível: <https://freesider.com.br/tags/paises-que-nevam-no-mundo/>); (2) “**7 lugares brasileiros** que *nevam* no inverno” (Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/7-lugares-brasileiros-que-nevam-no-inverno/>). Acesso em: 30 mai.2018.

- (19) a. Sei que há *lugares* [que **chovem** menos do que outros]
b. ...esses são *os lugares* [que **nevam**]
c. ...o financiamento e o comando vem *dos países* [que **nevam**]

(COSTA; AUGUSTO; RODRIGUES 2014, p. 258)

Para as sentenças em (19), a explicação de Costa, Augusto e Rodrigues (2014) é feita de maneira similar à de Avelar e Galves (2011)²⁷. Nesse caso, o XP locativo concorda com o verbo e, em seguida, move-se para a posição de Spec-CP, que é a posição de tópico. Os autores propõem que o aparecimento desses XPs engatilha a concordância de tópico-sujeito, a qual é um tipo de operação que tem surgido cada vez mais no PB.

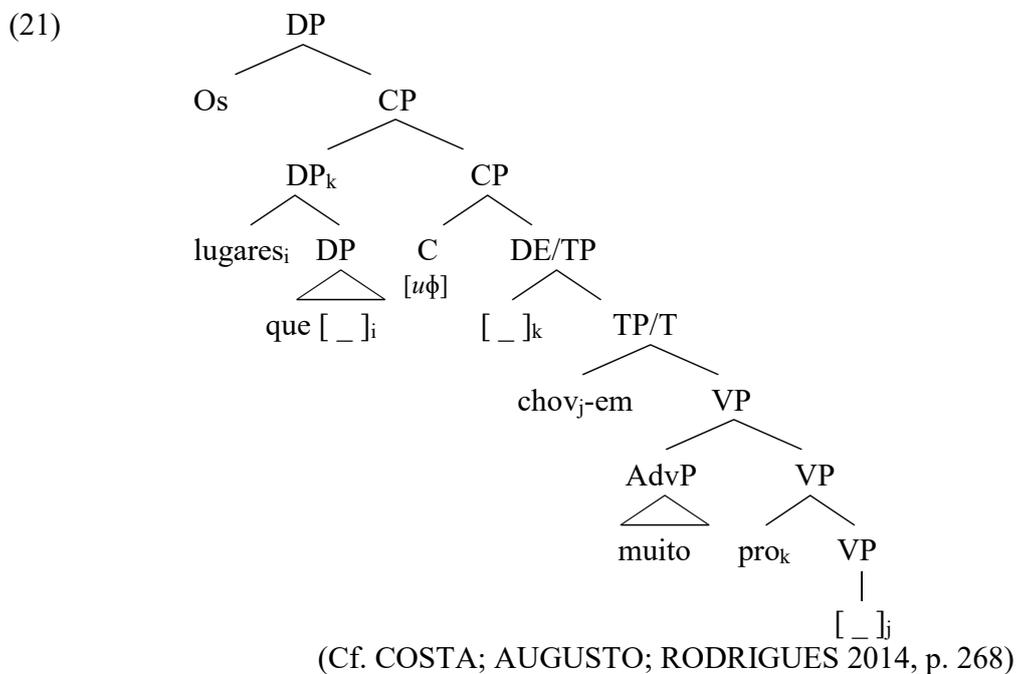
Para explicar teoricamente a concordância do verbo meteorológico com o XP antecedente ao pronome relativo, Costa, Augusto e Rodrigues (2014) assumem a proposta de Avelar e Galves (2011), conforme a qual o núcleo T^o em PB é uma categoria ϕ -independente²⁸. Sendo assim, Spec-TP é projetado antes da concatenação do núcleo C^o na estrutura. Para os autores, isso quer dizer que o

²⁷ O estudo de Avelar e Galves (2011), que versa sobre a concordância com tópico no PB e no Português Europeu, será apresentado na subseção 3.2.2, no próximo capítulo.

²⁸ Isso quer dizer que os autores assumem que traços- ϕ não são derivativos de C^o, ao contrário do que propõe Miyagawa (2010). Em outras palavras, o núcleo T^o possui seus próprios traços- ϕ , cuja consequência direta é a projeção de Spec-TP antes mesmo da concatenação de C^o.

XP tópico que antecede o pronome relativo ocupa a posição de Spec-TP. Nessa posição, engatilha a concordância com o verbo meteorológico que se move para o núcleo T°. Esta operação sintática fica explícita a partir da derivação da sentença (20), delimitada na representação arbórea (21):

(20) Os lugares que **chovem** muito.



Na estrutura (21), o DP “os lugares” é inserido, por *Merge* interno, em Spec-TP, posição já disponível para aloca-lo, tendo em conta que o núcleo T° possui traços-φ independentes. Nessa posição, o DP estabelece concordância com o verbo em T°, no plural. Em seguida, após a concatenação da categoria CP, os

traços- ϕ de C^o concordam por *AGREE* com o DP em Spec-TP. Dessa maneira, transferem-se os traços- ϕ de T^o para C^o . Nessa proposta de análise, após valorar os traços- ϕ de T^o , o DP se move para Spec-CP (cf. KATO; NUNES 2009, AVELAR; GALVES 2011).

Os resultados da pesquisa de Costa, Augusto e Rodrigues (2014) apontam que este tipo de concordância entre um verbo meteorológico e um XP antecedente a um pronome relativo remete à sentença do tipo tópico-sujeito, cada vez mais encontrada no PB.

Em relação ao teste de aceitabilidade das construções, foram contrastados verbos meteorológicos manifestando concordância de plural com verbos inacusativos e inergativos mono e biargumentais com concordância de singular e plural. Os resultados encontrados sinalizam para uma maior aceitabilidade de concordância no plural com verbos inacusativos monoargumentais (superior a 50%), como é possível verificar no gráfico abaixo:

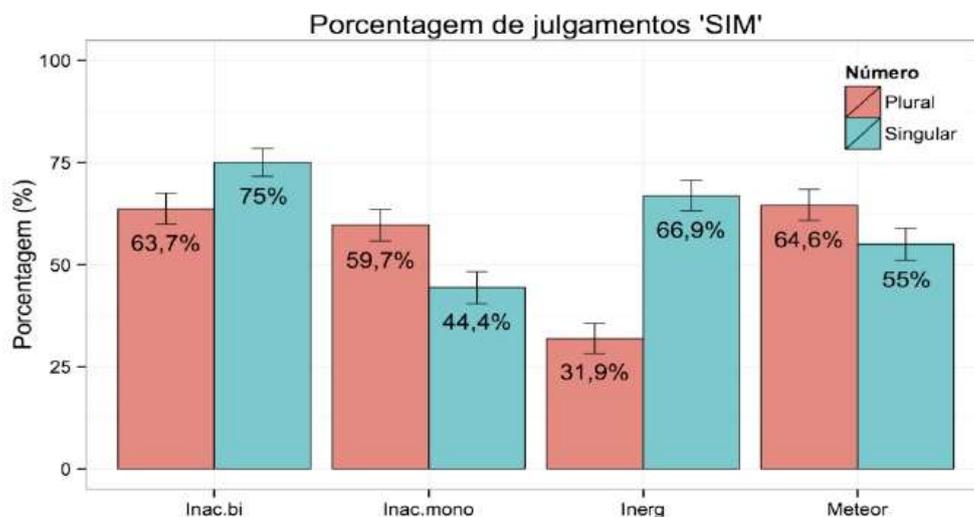


GRÁFICO 1: Porcentagem de julgamentos SIM em função das condições experimentais (cf. COSTA; AUGUSTO; RODRIGUES 2014, p. 271)

Ressalta-se que a grande aceitabilidade nessas condições não é apenas coincidente com o fenômeno da concordância plural de verbos meteorológicos, haja vista que verbos inacusativos monoargumentais e meteorológicos possuem argumento de natureza locativa. Em consonância com Costa, Augusto e Rodrigues (2014, p. 273), “o fato de a concordância começar a ser disparada com esse elemento sugere a emergência de um aspecto inovador na gramática do PB”. Essa inovação relaciona-se com a possibilidade de concordância do verbo com um tópico-sujeito.

Veremos, no capítulo 6, que o fenômeno da concordância do verbo meteorológico com o XP que o precede apresenta justificativa diversa, a partir da análise que proponho para predicados atmosféricos, considerando a fatoração do

traço EPP. Assumo que todos os fenômenos condizentes com o preenchimento lexical à esquerda dos verbos estão intimamente correlacionados com a forma como o traço EPP é valorado na sintaxe estrita no PB e nas línguas em geral.

Na próxima seção, investigam-se os contextos de presença de pronominais em posição de Spec-TP. A hipótese é a de que elementos pronominais, como pronomes fracos, clíticos ou genéricos/arbitrários ocupam a posição de Spec-TP para valorar o traço EPP.

2.2 PRONOMINAIS

O PB exhibe contextos nos quais itens pronominais têm ocupado a posição de sujeito, principalmente em construções nas quais essa posição poderia aparecer foneticamente nula. Este é o caso do preenchimento da posição de sujeito por pronominais fracos e por pronomes com leitura arbitrária ou genérica.

Dados que exemplificam esses contextos serão apresentados nesta seção. Assim sendo, na **subseção 2.2.1**, descrevo o aparecimento de formas pronominais fracos no PB na posição de Spec-TP a partir de análises já realizadas sobre o assunto; na **subseção 2.2.2**, averíguo contextos com preenchimento de Spec-TP pelo pronome ‘eles’, com leitura genérica ou arbitrária. Para efetuar essa análise, ancore-me nos estudos de Souza (2007, 2013).

2.2.1 Pronomes Fracos

Buthers (2009) mostra o enfraquecimento da concordância no PB como uma das causas por que essa língua deixa de licenciar sujeito nulo. Conforme Kato (1999), “o português brasileiro moderno exibe uma produtiva duplicação de pronomes-sujeito, com pronomes fortes e fracos exibindo formas quase homófonas” (p. 13)²⁹. O quadro abaixo, adaptado de Kato (1999), ilustra esse fenômeno:

<i>PESSOA</i>	<i>PRONOMES FORTES</i>	<i>PRONOMES FRACOS</i>
1ª singular	Eu	Ô [o]
2ª singular	Você	Cê [ce]; ocê [oce]
3ª singular	Ele/Ela	Ê [ey], El [el]
1ª plural	A gente	A gen [a jen] ³⁰
2ª plural	Vocês	Cês [cez]; Ocês [ocez]
3ª plural	Eles/Elas	Eis [evɜ]; Éas [εɜ]

QUADRO 1: Emergência de pronomes fracos em PB (adap. KATO 1999)

Kato (1999) correlaciona o surgimento de pronomes fracos com a crescente perda de sujeitos nulos referenciais no PB. Na sequência, dados

²⁹ Tradução minha. Texto original: “*Modern Brazilian Portuguese exhibits a productive overt doubling of subject pronouns, with the strong and weak pronouns exhibiting quasi-homophonous forms.*” (KATO 1999, p. 13).

³⁰ Kato (1999) não apresenta a possibilidade de pronominal fraco com essa expressão, mas Maia (2007) escreveu dissertação de Mestrado sobre o fenômeno.

retirados de um *corpora* de língua oral do dialeto mineiro ratificam a proposta de mudança no sistema pronominal do PB, delineada por Kato (1999):

- (22) *Ês* tá morano tudo em Santa Gestrude memo... São Paulo (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (23) Que *êi* já evém de lá pra cá... que *êi* evem pegano pontuação... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (24) ...*Êa*_i teje na igreja e tudo... que ela_i vê ela₁ garra ne quarqué pessoa de mais idade que é vó... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (25) e *ê* já evem pegano os ôtro ritmo que num teim nada a vê... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (26) *Ocê* chegar nesse bandido e falar, você matou. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (27) Se *ocêis* me insiná... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (28) Não...*cê* tem que aprendê é desse jeito... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

O que chama à atenção nos dados acima é que as formas fracas no plural não engatilham a concordância de pessoa no verbo. Isso fica particularmente instanciado em (22) e (27), em que os pronomes ‘ês’ e ‘ocêis’ não apresentam

relação de concordância com o verbo. Uma maneira de captar essa discrepância é acompanhar a proposta de Ramos (2006), segundo a qual o aparecimento das formas fracas clíticas, muitas vezes redobrando os traços de pronomes fortes e de sujeitos não-pronominais na posição de tópico, seja decorrente da necessidade de compensação da falta de morfema verbal número-pessoal. No raciocínio da autora, isso quer dizer que o surgimento das formas fracas seria reflexo de uma etapa do ciclo de gramaticalização dos pronomes fracos, os quais passam de pronomes fracos plenos a formas pronominais clíticas. Em análise do par ‘Eles/ês’, Ramos (2006) observa essa mesma característica da concordância do pronome fraco ‘ês’ com o verbo. Os resultados de sua análise registram uma porcentagem de 65% dos dados com realização do pronome no plural e verbo no singular, conforme é possível observar na tabela abaixo:

	Nº	%	Prob.
Sujeito e verbo no plural	82	40	.56
Sujeito plural e verbo no singular	66	65	.74

TABELA 2: Porcentagem de pronomes não-fortes, conforme o número do verbo (cf. RAMOS 2006, p. 77)

A tabela (2) tem por finalidade mostrar que o surgimento da forma fraca de 3ª pessoa do plural é consequência de um processo de gramaticalização pela qual passou a forma plena ‘eles’. Ramos (2006) analisa o resultado apresentado no trabalho como um reforço para assumir o estatuto afixal de ‘ês’. Segundo a

autora, “parece que o pronome não forte ‘compensa’ a desinência verbal. Em outras palavras, ele desempenharia a função de desinência” (RAMOS 2006, p. 76).

Essa constatação de Ramos (2006) ajuda a reforçar a hipótese segundo a qual XPs, sejam eles formas plenas ou pronomes fracos clíticos, são cada vez mais acionados na posição à esquerda do verbo como reflexo da perda da propriedade de licenciar sujeitos nulos no PB. Assim sendo, o surgimento de formas fracas, em contextos nos quais o PB não-contemporâneo licenciaria sujeito nulo, pode ser visto como uma estratégia para compensar o enfraquecimento da concordância e também para possibilitar a valoração do traço EPP da sentença.

Os dados (23) e (24), repetidos abaixo como (29) e (30), mostram a realização da 3ª pessoa do singular fraca, em cujos contextos se mostram com referência definida:

(29) Que \hat{e}_i já evém de lá pra cá... que \hat{e}_i evem pegano pontuação... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(30) ... $\hat{E}a_i$ teje na igreja e tudo... que ela_i vê ela_i garra ne quarqué pessoa de mais idade que é vó... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Conforme é possível notar, o preenchimento da posição de Spec-TP é visível e significativo, inclusive em dados onde sua manifestação poderia ser nula, haja vista sua coocorrência com itens lexicais idênticos figurando na mesma sentença. Duarte (1993), em análise da trajetória do pronome nulo ao pronome pleno no PB, afirma que a 3ª pessoa do singular aparece preenchida em PB contemporâneo sempre que não encontra um antecedente ao qual se conectar para possibilitar sua identificação. Os dados (29) e (30) apresentados, com a 3ª pessoa do singular fraca, confirmam os resultados da pesquisa dessa autora.

Conforme os dados (26), (27) e (28), repetidos aqui como (31), (32) e (33), é bastante comum o pronome fraco ‘cê/ocê’ ocupar a posição de sujeito em contextos de fala espontânea:

- (31) **Ocê** chegar nesse bandido e falar, você matou. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (32) Se **ocêis** me insiná... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (33) Não...**cê** tem que aprendê é desse jeito... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Em relação aos dados (31) a (33), conjectura-se que a ocorrência de ‘cê/ocê/ocêis’ em contextos de fala se relaciona ao fato de esses itens serem pronome de 2ª pessoa cuja concordância se dá em 3ª pessoa. Esse pronome, cuja classificação, conforme a tradição gramatical, é de pronome de tratamento, teve

seu uso estendido, ao longo da história do PB, à função de pronome pessoal, substituindo a forma ‘tu’. Dessa maneira, o pronome ‘cê’ apresenta um caráter diferenciado em relação às outras pessoas gramaticais. Sua ocorrência cada vez mais comum na oralidade deve ser interpretada como um recurso para diferir a 3ª e a 2ª pessoas do discurso, já que a desinência número-pessoal de ambas é a mesma, evitando, assim, possíveis ambiguidades.

Já a versão desse pronome no plural (oceis), vide exemplo (32), com a forma verbal flexionada no singular, não efetuando a concordância com o sujeito da sentença, oferece evidências adicionais para assumirmos que sua presença torna possível a valoração do traço EPP, ou de um de seus subtraços, conforme será explicitado na proposta teórica, na parte 4 desta tese. Isso quer dizer que, independente de efetivação de concordância entre o XP em Spec-TP e o verbo, este XP ocupa essa posição para permitir a valoração do traço EPP.

Alguns autores têm interpretado a forma reduzida do pronome ‘você’ (cê) como um clítico, devido a características comuns que ele estabelece com outros elementos dessa natureza. Vitral (2006, p.38) analisa a forma ‘cê’ e afirma que ela “se encontra num processo de cliticização, que faz parte de um processo mais amplo de gramaticalização”. Ramos (2006a) analisa a frequência e distribuição das formas ‘você, ocê e cê’, conjecturando que essas formas sejam distintas, manifestando etapas de um processo de gramaticalização. Utilizando-se de testes

para verificar o estatuto do item ‘cê’, Ramos (2006) conclui que essa forma é um clítico que ocupa a posição de especificador de TP. Essa constatação da autora é bastante interessante, já que postula que um clítico, que geralmente aparece em posição adjunta ao núcleo, possa estar ocupando uma posição de especificador. Além disso, esta análise favorece a hipótese desta tese, segundo a qual elementos de natureza sintática variada ocupam Spec-TP para permitir a valoração do traço EPP. Em outras palavras, a distribuição dos pronomes fracos constitui estratégia adicional de valoração do traço EPP no PB.

Há ainda a possibilidade de pronomes fracos retomarem DPs em posição de tópico e foco, o que reforça a hipótese da gramaticalização de pronomes nominativos, passando de formas livres a clíticos. Diniz (2007), em trabalho sobre o redobro de clíticos, cita, como exemplo, o estudo de Ramos (1997, p.56), que aponta a ocorrência de 88% do pronome fraco ‘cê’ retomando sintagmas topicalizados, conforme se observa no exemplo ilustrativo abaixo:

(34) Vocês_i... cê_s_i aprontam a maior bagunça.

Segundo Diniz (1997, p. 65), “o surgimento de formas fracas clíticas na posição de Spec-TP para retomar XPs na periferia esquerda da sentença pode estar conectado com o fato de o PB ser uma língua que está deixando de acionar o parâmetro [+*pro-drop*]”. O que a análise precisa determinar é qual a razão

gramatical que engatilha essa mudança e até que ponto ela está conectada com o estatuto dos afixos de concordância e com a maneira como o PB valora o traço EPP da sentença. Em resumo, o surgimento de formas pronominais reduzidas, quase homófonas às formas pronominais plenas, pode ser interpretado como sendo o reflexo da maneira como o PB valora o traço EPP da sentença.

Na próxima subseção, descrevo os dados com elementos redobrados e o escopo do pronome ‘eles’ genérico ou arbitrário, a partir dos estudos de Souza (2007, 2013).

2.2.2 Os estudos de Souza (2007, 2013)

O pronome ‘eles’ tem sido amplamente estudado na literatura, haja vista seu comportamento inusitado quando se apresenta como o sujeito da oração. Em muitas situações, esse pronome tem sido usado na posição de sujeito, porém, com referência genérica ou arbitrária. Souza (2007) analisou o pronome e arrolou em seu trabalho dados como os que seguem:

- (35) A empresa_i, *eles*_i reembolsaram passagem, hospedagem, alimentação...
- (36) Espírito_i... *eles*_i ficam preso aqui na terra.
- (37) Teria que tá ligano pra *eles* efetuarem o depósito.

(38) O EPA_i, hoje em dia *eles*_i têm a preferência de mesclar.

Segundo Souza (2007, p. 24),

as GTs prescrevem que o uso de pronomes pessoais sujeitos deve ser omitido uma vez que as desinências verbais permitem recuperar a pessoa gramatical. Assim sendo, sua realização plena só se justificaria em casos de ênfase ou ambiguidade, como acontece no italiano e no espanhol. Entretanto, contrariando essa visão normativa, encontram-se, no português, várias formas pronominais plenas sendo realizadas fonologicamente ainda que os contextos não sejam nem enfáticos nem ambíguos.

Nos dados (35) a (38), a função do pronome ‘eles’ é retomar o termo topicalizado. Em (37), o pronome possui interpretação genérica, numa situação em que poderia, sem problema algum, ser omitido – como nos casos de indeterminação do sujeito, conforme a gramática tradicional. Dados como esses já foram analisados em Butchers (2009), e o pronome ‘eles’ foi interpretado na ocasião como uma das estratégias de preenchimento da posição de sujeito para valoração do traço EPP.

Souza (2013) analisou contextos nos quais o pronome ‘eles’ ou sua forma reduzida ‘es’ com referência arbitrária aparecem em posição de sujeito em construções impessoais, como se vê a seguir:

- (39) Quando o Palácio das Artes fez 30 anos, **eles** fizeram uma revista.
- (40) Tem pinga com pitanga, com não sei o quê, com uva, com todos os sabores. **Es** dão o copinho pra você experimentar.

(SOUZA 2013, p.92)

Importante salientar que as construções impessoais são apresentadas nas gramáticas tradicionais como aquelas que não apresentam sujeito. Se o pronome ‘eles’, ou sua forma reduzida ‘es’, aparece nesses contextos, é porque no PB existe algum requerimento sintático para justificar sua ocorrência. Nesta tese, venho assumir que essa exigência sintática está relacionada à valoração do traço EPP.

Segundo Souza (2013), existem graus de impessoalidade nas construções sintáticas. E, quando a impessoalidade é marcada pelo pronome de 3ª pessoa (eles), as construções com menor grau de referência são aquelas que apresentam a forma reduzida ‘es’ na posição de sujeito. Quando ‘es’ aparece em posição de sujeito, a concordância entre o verbo e o sujeito raramente acontece. Os graus de referencialidade são demonstrados a partir do tipo de antecedente do pronome ‘eles’. A autora apresenta a seguinte tabela, contendo os resultados de sua análise, conforme o perfil de impessoalidade do elemento antecedente a ‘eles’:

	+Ref	+Ref	+Ref	+Ref	-Ref
	Locativo	Coletivo	Genérico	Indefinido	
Eles	.77	.65	.54	.33	-

TABELA 3: Perfil da impessoalidade como gradação (cf. SOUZA 2013, p. 116)

A interpretação da tabela permite entrever que o DP ‘eles’ sempre é usado como sujeito referencial. Isso porque não existem, ainda, no PB, casos de sujeito expletivo, consoante Souza (2013, p. 16):

O próximo grau nessa escala seria ocupado pelos sujeitos não referenciais, como propõe Duarte (2003), mas seria um espaço que ultrapassa os limites de referencialidade, ou seja, teríamos um preenchimento por itens expletivos. Entretanto, como se sabe, não temos itens expletivos no PB, tais como ‘it’, no inglês; e ‘il’, no francês, pelo menos por enquanto.

Vejamos os dados de Souza (2007, 2013), a seguir, com o pronome ‘eles’ retomando elementos referenciais:

1. Retomando um locativo:

- (41) a. Na Bahia, **eles** num temperam feijão. (SOUZA 2007, p. 32)
b. Na Bahia, não se tempera feijão.

2. Retomando um coletivo:

- (42) a. Esse povo de antigamente, **eles** eram severos demais. (SOUZA 2007, p. 113)
b. Esse povo de antigamente, era-se severo demais.

3. Retomando um genérico:

- (43) a. Universitário num qué ganhá pouco ês qué ganhá muito. (SOUZA 2007, p. 115)
b. Universitário não quer ganhar pouco, quer ganhar muito.

4. ‘Eles’ indefinido:

- (44) a. **Eles** falam que amizade de boteco não vale nada. (SOUZA 2007, p. 68)
b. Falam que amizade de boteco não vale nada.
c. Fala-se que amizade de boteco não vale nada.

Conforme o traço semântico do elemento antecedente, é possível obter uma leitura indeterminada, que varia em graus de impessoalidade. Os dados de (41) a (44) sinalizam que, de fato, o pronome pleno ‘eles’ e, principalmente, sua forma reduzida ‘es’, convertem-se em mais uma estratégia do PB para evitar que a posição à esquerda de verbos permaneça foneticamente vazia.

As conclusões de Souza (2007, 2013), então, são que um novo padrão de concordância é exibido no PB contemporâneo a partir da estrutura [ES + V sing]. Esse padrão está intimamente relacionado à redução do paradigma flexional e à preferência pelo sujeito preenchido nas construções sintáticas. De acordo com a autora, “os resultados encontrados para a redução [Es + V sing] mostram que em

construções impessoais de 3ª. pessoa do plural estão deixando de exibir um padrão de concordância com verbo no plural. O novo padrão seria exatamente [3ª. p. pl + V sing]” (SOUZA 2013, p.127).

Em suma, os contextos descritos por Souza (2013) fornecem, portanto, sustentação à tese principal deste trabalho, conforme a qual os XPs emergentes na posição à esquerda do verbo valoram o traço EPP do núcleo T°.

2.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, mostrei contextos de preenchimento à esquerda do verbo, na posição de Spec-TP, por XPs não-convencionais. Nesses contextos, embora não haja ainda consenso entre os linguistas, tais XPs são considerados sujeitos da sentença. Em relação às construções impessoais com preenchimento fonológico pré-verbal, a maioria das pesquisas evidenciam explicações que convergem no sentido de que essas estruturas sejam decorrentes de processo em mudança no PB quanto à possibilidade de permitir sujeitos nulos. Nos dados selecionados, o XP pré-verbal engatilha ou não concordância com o verbo, mesmo não sendo seu argumento prototípico.

Em relação aos pronomes fracos, estes têm emergido na gramática em decorrência do enfraquecimento da concordância. Segundo os estudiosos do assunto, essa é mais uma das estratégias do PB para compensar o enfraquecimento do paradigma flexional de pessoa. Aventando sobre uma possível cliticização desses pronomes, os estudos concordam que, sendo ou não clítico, são formas apontando na gramática da língua para propiciar a valoração do traço EPP.

Quanto à ocupação de Spec-TP por pronomes genéricos/arbitrários, em detalhe o pronome ‘eles’/‘es’, as análises indicam que seu aparecimento à esquerda do verbo ocorre com contextos que variam em relação à capacidade de

referencialidade. Muito embora ainda sejam referenciais, quando comparados entre si nas mais variadas situações de uso, percebe-se a existência de uma escala de referencialidade. Em contextos impessoais, o par ‘eles/es’ exibe concordância *default*.

Assumirei, doravante, que, devido ao enfraquecimento da concordância no PB, os XPs mencionados são estratégia adicional para que o traço EPP seja satisfeito. A razão do acionamento desses itens em Spec-TP está relacionada ao fato de que ainda não existem expletivos prototípicos para ocupar essa posição no PB. Em suma, o preenchimento de Spec-TP nos contextos investigados reflete uma estratégia da língua para garantir a valoração do traço EPP do núcleo T°.

No próximo capítulo, apresento os dados contendo elementos que, por ora, interpreto como XPs topicalizados à esquerda do verbo. Veremos que há diversificadas propostas de análise para esses XPs nas distintas construções que serão mostradas.

CAPÍTULO 3: DAS ESTRATÉGIAS DE TOPICALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo tem por objetivo apresentar a descrição dos dados que contêm elementos pré-verbais topicalizados. Para tanto, subdivido-o em três seções. Na **seção 3.1**, descrevo dados com preenchimento à periferia esquerda dos verbos por elementos redobrados, como sujeitos (3.1.1) e locativos (3.1.2); na **seção 3.2**, retrato construções com elementos topicalizados; na **seção 3.3**, faço o resumo do capítulo.

3.1 O FENÔMENO DO REDOBRO

O fenômeno do redobro, principalmente quando esse envolve o preenchimento da posição à esquerda do verbo, é um tema bastante propício para a análise que ora se apresenta. Esse tipo de construção pode servir como um argumento adicional de que o PB tem favorecido contextos em que se apresenta a ordem [XP V (DP)]. Há, no PB dialetal, dois tipos de redobro, como se pode notar nos dados a seguir:

- (1) **O João_i, ele_i** tá chegando já. (FALA ESPONTÂNEA)
- (2) **As menina_i, éas_i** já tá tudo lá em casa. (FALA ESPONTÂNEA)
- (3) **Lá** vem ele **lá** pra encontrar a namorada. (FALA ESPONTÂNEA)

Nos dados em (1) e (2), o sujeito aparece redobrado. E, em (3), temos um caso de redobro do locativo ‘lá’. Nesta tese, estou assumindo a hipótese de que elementos redobrados estão em posição de Spec-TP para garantir que o traço EPP seja valorado.

3.1.1 Redobro de sujeito

O redobro de sujeito corresponde às construções em que o sujeito da sentença se apresenta na forma de um pronome pessoal, forte ou fraco³¹, redobrando um XP em posição inicial na frase. O XP que inicia a sentença ocupa a posição de tópico, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (4) **Vocês, cês** aprontam a maior bagunça. (RAMOS 1997, p. 56).
- (5) **O Pedro, ele** acabou de telefonar. (COSTA; DUARTE; SILVA 2006, p. 135).
- (6) **Esse povo de antigamente, eles** eram severos demais. (SOUZA 2007, p. 113)
- (7) **Você, cê** tá louco! (KATO; DUARTE 2014, p. 160).

³¹ KATO (1999), como já mencionado nesta tese, tratou da emergência de pronomes fracos no PB como reflexo do enfraquecimento da concordância, que perdeu traços distintivos de pessoa. Tal mudança no paradigma trouxe como consequência a perda de sujeitos nulos e o surgimento de um paradigma de pronomes fracos na língua (vide quadro 1 desta tese).

Em (4) e (7), o XP é redobrado por um pronome fraco; em (5), pelo pronome referencial de 3ª pessoa do singular; e, em (6), o redobro ocorre por meio do pronome genérico ‘eles’ (cf. SOUZA 2013). Alguns autores tratam o redobro do sujeito como reflexo do enfraquecimento da concordância no PB, e não necessariamente com a possível perda de sujeito nulo, como é o caso de Costa, Duarte e Silva (2006). Outros, como Souza (2007), citam o redobro como consequência da tendência do PB de preencher a posição de sujeito. Kato e Duarte (2014) interpretam o sujeito redobrado, muitas vezes na forma de pronome fraco, como um quase clítico, também ocupando a posição de sujeito.

Na sequência, descrevo brevemente duas propostas teóricas sobre o fenômeno em tela. O objetivo é conectar essas análises com um dos propósitos desta tese, que é o de explicar o fenômeno do redobro a partir da combinação dos traços que compõem o EPP, conforme será demonstrado no capítulo 4.

3.1.1.1 A proposta de Costa, Duarte e Silva (2006)

Costa, Duarte e Silva (2006) analisam construções nas quais um XP é redobrado por um pronominal na posição de sujeito. Eles ilustram o estudo com construções do PB e do português europeu (doravante PE), como os que seguem, para averiguar contrastes de gramaticalidade:

- (8) a. **O Pedro ... ele** acabou de telefonar. (PB/PE)
b. **O Pedro ele** acabou de telefonar. (PB/*PE)
c. Eu acho que **o povo brasileiro; ele;** tem uma grave doença. (PB/*PE)

(COSTA; DUARTE; SILVA 2006, p. 135)

Os exemplos em (8) refletem construções com aparente deslocamento à esquerda (doravante DE). O elemento deslocado para a periferia esquerda da sentença é redobrado por um pronominal na posição de sujeito. No entanto, essas construções apresentam peculiaridades que se mostram problemáticas, quais sejam:

- (i) Os XPs redobrados não são necessariamente tópicos, pois alguns deles, na verdade, não sofrem DE, como é o caso dos quantificadores:

- (9) a. **Cada criança ela** leva seu livro para a escola.
b. ***Cada criança, eu** vi em sua escola.

(SILVA 2004. *Apud* COSTA; DUARTE; SILVA 2006, p. 138).

Em relação aos dados em (8b) e (9a), os autores descartam a possibilidade de o XP redobrado ser interpretado como tópico, pelas seguintes razões:

a) Como já dito, o XP redobrado pode ser um quantificador:

(10) **Todo homem ele** carrega a natureza mortal.

b) Não há interrupção entoacional entre o XP e o pronominal que o redobra:

(11) **A Maria ela** vai viajar.³²

c) A construção com redobro é irrelevante em dados de aquisição do PB, conforme dados quantificados por Gonçalves (2004, p. 232):

nulos arg.	nulos expl.	lexicais sg.	lexicais pl.	lexicais dem.
61.9%	3.2%	13%	16.9%	5%

TABELA 4: Ocorrência de sujeitos em PB (cf. GONÇALVES 2004, p.232)

Costa, Duarte e Silva (2006) observam que, nos dados de Gonçalves (2004), de onde a tabela 4 foi retirada, não há análise de construções com redobro no PB. Apenas por razões descritivas é que eles utilizam o resultado da pesquisa do autor quanto à ocorrência de sujeitos nessa língua.

³² Os autores apenas citam não haver ruptura de entonação entre o XP redobrado e o pronominal que o segue, mas não apresentam testes prosódicos comprovando a conexão entre os elementos.

d) Não há possibilidade de inserção de qualquer elemento entre o XP redobrado e o pronominal:

(12) * **João sempre ele** lê muitos livros.

e) Em PB, existe efeito de definitude associado ao XP redobrado. Há resistência de redobro quando o XP é indefinido:

(13) ?? **Uma aluna ela** chegou tarde para a aula.

f) Tópicos não são sensíveis ao traço de pessoa, segundo os autores. Todavia, em PB, o redobro ocorre quase que exclusivamente com XPs de 2ª e 3ª pessoa, o que oferece subsídios para não se interpretar o XP iniciando a sentença como tópico:

(14) **Você cê** não quer trabalhar.

(15) **O João ele** fez o trabalho.

(16) ?? **Eu eu** tô muito triste hoje.

(17) ?? **Pedro e eu nós** iremos à faculdade.

Outros problemas em relação aos dados iniciais em análise são os que seguem:

(ii) Não existe consenso de gramaticalidade de dados com redobro em PB e em PE. O PE, em geral, permite DE quando o XP inicial é de conhecimento partilhado. Entretanto, os dados empíricos contrariam essa previsão:

(18) **O Edmilson, ele tá?** (PB/*PE)

(iii) Estudos quantitativos demonstram tendência de emergência da ordem [XP V...], mas ainda não houve a mudança paramétrica:

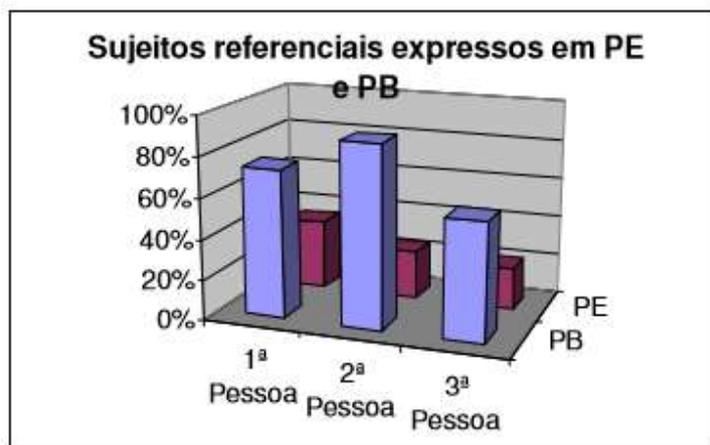


GRÁFICO 2: Sujeitos referenciais expressos em PE e PB (cf. DUARTE 1995)

Costa, Duarte e Silva (2006), então, a partir da observação e análise dos dados, propõem que as ocorrências de construções com redobro no PB estão correlacionadas com a redução no paradigma flexional. O enfraquecimento da concordância afetou principalmente a flexão de 2ª pessoa, impedindo sua distinção em relação à 3ª pessoa. Dessa maneira, a hipótese que, segundo os autores, justifica o aparecimento de redobros é a que segue:

O déficit de marcação de 2ª pessoa na morfologia é compensado pela lexicalização dos traços de pessoa no XP sujeito.

(COSTA; DUARTE; SILVA 2006, p.143)

A partir dessa hipótese, a análise de Costa, Duarte e Silva (2006) faz, então, as seguintes predições sobre os sujeitos redobrados:

- i) Não há ruptura prosódica entre o DP em posição inicial e o pronome, uma vez que ambos ocupam a mesma projeção máxima.
- ii) O DP em posição inicial não tem obrigatoriamente propriedades de tópico, uma vez que não ocupa uma posição na periferia de IP.
- iii) Esta estrutura é mais complexa do que uma estrutura em que um DP simples ocupa a posição de Spec,IP, predizendo-se que só esteja disponível após a estabilização do traço de

pessoa, e, portanto, que seja de aquisição tardia, conforme os factos (GROLLA 2000; GONÇALVES 2004).

iv) Não há XPs entre o DP e o pronome, uma vez que estes últimos se encontram numa relação Spec-head.

v) Esta construção só está disponível com DPs definidos, uma vez que só estes podem ter diferentes especificações para o traço de pessoa.

vi) Esta construção ocorre generalizadamente com 2.as e 3.as pessoas, uma vez que são estas as formas verbais deficitárias quanto à marcação de pessoa.

(COSTA; DUARTE; SILVA 2006, p.143)

Dessa maneira, os autores chegam às seguintes conclusões em relação ao PB:

(i) Possui DE em construções com pronominais redobrando DPs, conforme exemplo a seguir:

(19) (O) **Pedro... ele** acabou de telefonar.

(ii) Possui construções com redobro distintas do DE, quando o XP ocupa Spec-TP, e o pronome redobrado é analisado como lexicalização dos mesmos traços- ϕ do XP:

(20) **As meninas ‘éas’** tão querendo parar.

E, finalmente:

- (iii) O redobro correlaciona-se com o enfraquecimento do paradigma flexional do PB, mas não diretamente com a perda de sujeitos nulos.

No estudo, é apresentada a possibilidade da correlação do enfraquecimento da concordância com a perda do sujeito nulo. No entanto, perda de sujeito nulo e ocorrência de redobro de sujeitos seriam duas consequências do enfraquecimento da concordância, esses não apresentando, então, correlação direta entre si. Em outras palavras, os autores defendem que o redobro de sujeito não é exatamente o reflexo da perda de sujeitos nulos.

3.1.1.2 A proposta de Kato e Duarte (2014)

Kato e Duarte (2014) investigam a variação existente no PB entre construções finitas pessoais e impessoais. Dentre vários comportamentos sintáticos associados a esses tipos de construção, as autoras citam o caso do redobro de sujeitos. Segundo elas,

a construção de duplo sujeito no PB, que atraiu a atenção de Pontes (1987) e Galves (1987) e vem merecendo sucessivas análises à luz de diferentes correntes teóricas, tem sido apontada como um traço que distancia também o PB das línguas de proeminência de sujeito. (KATO; DUARTE 2014, p. 167)

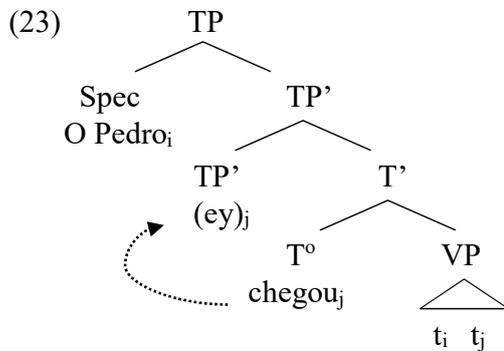
Alguns dados analisados pelas autoras são ilustrados em (21):

- (21) a. [**Essa competência**]_i, **ela**_i é de natureza mental. (PONTES 1987)
b. [**Mulher nenhuma**]_i **ela**_i pode querer dominar o homem. [**O homem**]_i **ele**_i é livre por natureza. [**A mulher**]_i **ela**_i tem que aceitar isso.
c. [**Toda criança**]_i **ela**_i aprende rápido a gostar de coca-cola.
d. [**O que é bom, o que é de qualidade**]_i **ele**_i fica; [**o que é ruim**]_i **ele**_i se perde.

Para Kato e Duarte (2014), tais construções aparecem no PB em consequência da preferência, cada vez mais frequente, por preenchimento lexical da posição de Spec-TP que, segundo elas, dá-se por meio do *Merge* interno (movimento) de XPs.

Em relação a pronomes fracos redobrando XPs, as autoras argumentam que eles são adjungidos a TP, propiciando a valoração de EPP. Em conformidade com a proposta de Kato (1999) sobre emergência de pronomes fracos como clíticos no PB, no caso do redobro, a autora assume que eles se adjungem a TP, enquanto o XP redobrado ocupa a posição de Spec-TP. É possível verificar esse processo na derivação sintática em (23):

- (22) **O Pedro, (ey)** chegou hoje. (KATO; DUARTE 2014, p. 170)



Em (23), o pronome fraco, considerado quase-clítico por Kato e Duarte (2014), vai para a posição adjungida a TP por meio de *Merge* interno, como cópia de traços- ϕ do verbo. O sujeito vai, por *Merge* interno, para Spec-TP, resultando na construção com redobro de sujeito.

Esta análise pressupõe que o redobro é consequência do enfraquecimento do paradigma flexional no PB. Em momento oportuno nesta tese, mostro como tais construções distintas de redobro de sujeito podem ser explicadas a partir da forma como os subtraços constitutivos de EPP são valorados. Passo agora à análise de construções com redobro de locativo.

3.1.2 Redobro de locativo

Antes de partir para a análise propriamente dita do redobro de locativo, é pertinente discorrer um pouco sobre a presença de locativos “leves” na posição à esquerda do verbo na sentença. Esse é um contexto considerado inovador no PB,

haja vista que o sintagma XP inicial apresenta sensível perda de informação semântica e, em geral, equivale a advérbios leves, como os itens *lá, aqui, aí, ali, agora*. Em Buthers (2009), analisei os mesmos advérbios e notei que, embora eles possam vir à direita do verbo, há certa preferência para que apareçam à esquerda, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (24) **Lá** faz muitos *shows* grandes. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (25) **Lá** vai a seleção brasileira para o jogo contra a Bolívia. (FALA ESPONTÂNEA)
- (26) **Aqui** constrói um país. (FALA ESPONTÂNEA)
- (27) **Aqui** costuma ter shows. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (28) **Aí** vem ele. (FALA ESPONTÂNEA)
- (29) **Ali** pegava de cedo e virava até tarde da noite. (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (30) **Agora** tem tudo que você precisa. (FALA ESPONTÂNEA)

Os advérbios em (24) a (30) podem até mesmo apresentar características de verdadeiros expletivos, como é a situação do advérbio ‘lá’ nos dados arrolados a seguir:

- (31) **Lá** vou pro lado de Abre Campo
- (32) Tava tudo muito bem, sabia que **lá** vinha bomba.
- (33) **Lá** vem o Temer com mais impostos.

Greco e Vitral (1999), analisando a gramaticalização do adverbial ‘lá’, chegam mesmo a classificá-lo como expletivo. Uma hipótese plausível é a de que os advérbios acima, originalmente locativos, começam a ser reinterpretados como (quase)-expletivos. Os autores afirmam que esse fato pode ser visto como efeito colateral de uma mudança paramétrica mais geral no PB, deixando de licenciar sujeitos nulos. E, ao não ter na sua gramática itens expletivos prototípicos disponíveis, como ocorre no inglês e no francês, passa a acionar determinados advérbios que funcionam, então, como expletivos.

Pertinente notar é que os advérbios leves tendem a ocorrer justamente nas construções que contêm verbos inacusativos, existenciais e certos transitivos com valor impessoal, os quais não selecionam um argumento externo, embora costumem apresentar argumento locativo. Assim sendo, minha hipótese é a de que a expletivização em curso de alguns advérbios resultaria de um amplo processo de “gramaticalização”, a exemplo do que ocorreu com o advérbio locativo *there* da língua inglesa. Segundo Vitral e Ramos (2006, p.84), a expletivização pode ser considerada como uma etapa ulterior dos ciclos de gramaticalização de determinados itens que passam de lexicais a funcionais. Esses ciclos são descritos pelos autores da seguinte maneira:

Item lexical > item funcional > expletivo

Uma evidência que levou Buthers (2009) a postular que, de fato, está se processando um ciclo de expletivização de determinados itens locativos no PB advém da possibilidade de termos dados com o item locativo redobrado, conforme nos mostram os exemplos a seguir:

- (34) Ah... **lá** vão **lá**... pa vê que que dá... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
(35) **Lá** vai **pro colégio**... eu ia pro boteco. (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Em (34) e (35), há certo esvaziamento semântico do advérbio locativo ‘lá’. Isso fica particularmente evidenciado pela ocorrência do redobro deste locativo e pelo fato de o primeiro ‘lá’ conter estatuto de expletivo, como já postulado por Buthers (2009).

No entanto, Pereira (2011, p.484), contra-argumentando a visão de Buthers (2009), afirma o seguinte:

Quanto ao redobro, [...] observa-se que a reduplicação adverbial só é viável com ‘lá’ e, portanto, ‘lá’ inicial é incompatível com ‘aqui’ ou ‘aí’ (5a, 6a) em posição final. (5) a. Lá vem a Maria *aqui/*aí/lá. (6) a. Lá tinha um trem *aqui/*aí/lá. Ora, se ‘lá’ inicial fosse vazio de valor locativo, ele poderia coocorrer com qualquer um desses itens adverbiais.

A assunção de Pereira (2011) para os exemplos agramaticais citados em (6a) (na citação da autora) deve-se, com certeza, a uma variação dialetal. Pode ser que, nos dados dialetais utilizados pela autora, sentenças como essas sejam degradadas. Porém, elas são completamente possíveis para falantes do dialeto mineiro de Matipó, de onde os nossos dados foram retirados. Vejamos:

(36) **Lá** tinha um trem **aí**.

(37) **Lá** tinha um trem bem **aqui**.

Já com relação aos exemplos citados em (5a) (na citação da autora), a suposta agramaticalidade prevista por Pereira (2001) não se atrela a advérbios diferentes do item ‘lá’, como ‘aqui’ ou ‘aí’, posicionados no final da sentença. A sentença apenas fica gramatical com o segundo advérbio sendo o locativo ‘lá’ porque é o que semanticamente corresponde ao verbo inacusativo ‘vir’. Revejamos os dados:

(38) **Lá** vem a Maria **lá**.

(39) ?**Lá** vem a Maria **aí**.

(40) ***Lá** vem a Maria **aqui**.

O dado em (38) é totalmente gramatical. Já (39), em alguns dialetos mineiros, é também aceitável. Todavia, a agramaticalidade de (40) resulta da

discrepância semântica entre o verbo inacusativo ‘vir’ e o advérbio ‘aqui’. Ora, se Maria está “vindo”, obviamente não pode estar aqui.

Essa reflexão, então, não descarta a análise de *lá* como expletivo ou quase-expletivo em PB, como afirmado por Greco e Vitral (1999) e, posteriormente, por Buthers (2009). Pelo contrário, fortalece a tese, segundo a qual a posição do advérbio leve ‘lá’ imediatamente à esquerda do verbo e, algumas vezes, com o sujeito posposto ao verbo, deve-se, de fato, a razões de satisfação a EPP.

Por outro lado, se o item ‘lá’ está em Spec-TP ou em Spec-TopP, como também questionado por Pereira (2011, p.485), isso é indiferente, uma vez que Miyagawa (2010) assume que o núcleo T^o pode herdar traços de C^o. Isso quer dizer que o fato de ‘lá’ estar em TP ou na região de CP não inviabiliza a proposta de satisfação do traço EPP e nem o fato de correlacionarmos seu aparecimento à esquerda do verbo com a tendência de preenchimento da posição de sujeito.

Um fato que ainda merece destaque com relação ao aparecimento do locativo leve à esquerda do verbo é que não podemos ter a leitura expletiva quando um sujeito referencial é inserido na sentença, na mesma posição, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

(41) ??? Ah... [*lá eles*] vão lá... pa vê que que dá...

(42) ??? [*Lá ele*] vai pro colégio... eu ia pro boteco.

Podemos notar que os exemplos em (41) e (42) apresentam leituras degradadas. Se ‘lá’, nesses exemplos, fosse um mero locativo redobrado, sua posição não traria estranhamento, uma vez que advérbios podem aparecer em qualquer posição na frase. Uma possível razão para a pouca aceitabilidade das construções em (41) e (42) diz respeito ao fato de os dois itens – o advérbio ‘lá’ e o pronome ‘eles/ele’ – ocuparem a mesma posição sintática na sentença, mais precisamente a posição de sujeito, isto é, Spec-TP.

Tomando por base os dados e a discussão delineada acima, proporei que o redobro de itens locativos, um deles figurando na posição de sujeito e o outro ocupando a posição à direita do verbo, serve de evidência adicional a favor da hipótese teórica segundo a qual (i) há um processo de expletivização de advérbios no PB; (ii) esse processo de expletivização decorre da necessidade de valoração de traços de margem ativos em T^o no PB; e (iii) a inserção de itens locativos expletivizados ou com perda de informação semântica reflete ciclos de gramaticalização de XPs adverbiais, os quais estão passando de XPs lexicais a XPs expletivos.

Na próxima seção, o objetivo é apresentar e descrever dados em que XPs topicalizados figuram na região estrutural de TP ou de CP.

3.2 ELEMENTOS TOPICALIZADOS

Além da discussão já apresentada por Buthers (2009) e por outros autores acerca da possibilidade de o PB estar se tornando uma língua de sujeito obrigatório, outra discussão que se apresenta bastante frequente na literatura diz respeito à classificação do PB como uma língua de proeminência para tópico ou proeminência para sujeito. Segundo Pontes (1987),

não é fácil estabelecer de que tipo uma língua é, porque a gramática tradicional e mesmo a linguística têm partido do pressuposto de que sujeito-predicado é uma construção universal e por isso têm descrito as diferentes línguas sempre do mesmo modo (p.11).

Não é objetivo desta pesquisa entrar no mérito dessa discussão. Mas é oportuno destacar o contexto em que o tópico se faz aparecer, haja vista ser mais uma estratégia de preenchimento à esquerda do verbo. Análises sobre construções com tópico-sujeito vêm se desenvolvendo desde a década de 80 (cf. PONTES 1987). Observa-se ainda que não se fazem presentes no PE, nem em outras línguas românicas, nem no português do período clássico (cf. GALVES 2001). Esse fato se torna bastante importante no sentido de oferecer mais uma distinção do PB em relação ao PE e a outras línguas românicas quanto ao preenchimento lexical à esquerda dos verbos.

Contextos com tópico-sujeito podem ser interpretados como mais uma estratégia que corrobora uma particularidade do PB em relação a essas línguas – a de preferência por sujeitos foneticamente realizados. Quanto à localização exata do XP tópico-sujeito – se em Spec-TP (como sujeito) ou em Spec- α P³³ (como foco ou tópico), ou em Spec-CP (como o tópico prototípico) –, deixo essa discussão para o capítulo de proposta teórica.

Os contextos com tópico-sujeito no PB dificultam ainda mais uma possível classificação desta língua como de proeminência para tópico ou para sujeito. Isso acontece porque, segundo Pontes (1987, p. 37), “como o tópico está na posição do sujeito, que é a primeira da oração, e o ‘sujeito’ está na posição do objeto (depois do verbo), confunde-se essa frase com as de estrutura SVO, e a concordância passa a se fazer com o tópico-sujeito.” Essa situação é chamada pela autora de reanálise do tópico como sujeito. Vejamos os dados a seguir:

- (43) **O meu carro** furou o pneu. (PONTES 1987, p. 35)
- (44) **O Carlos André** cresceu o nariz. (PONTES 1987, p. 35)
- (45) **Meu caderno** arrancou as folhas.

³³ Miyagawa (2010) sugere a inserção de um nível adicional na estrutura sintática, α P, para proceder à devida alocação de elementos argumentais, quando há mais de um deles concorrendo para a mesma posição de especificador.

Nos dados de (43) a (45), o elemento topicalizado aparece na posição em que, normalmente, encontra-se o sujeito – à esquerda do verbo. E o sujeito da oração aparece após o verbo. A inversão dos elementos provoca também a concordância do verbo com o tópico, e não com o sujeito, como pode ser visto nos dados. Em ordem direta, as sentenças seriam as seguintes:

- (46) O pneu_{SUJEITO} do meu carro furou.
- (47) O nariz_{SUJEITO} do Carlos André cresceu.
- (48) As folhas_{SUJEITO} do meu caderno arrancaram (foram arrancadas).

Como se pode notar, quando da ordem direta, a concordância é estabelecida devidamente com o sujeito da oração. Observemos com maior detalhe os dados seguintes, de Pontes (1987):

- (49) **O seu regime** entra muito laticínio? (p. 17)
- (50) **Semana que vem** vou à praia. (p.17)
- (51) **Essa casa** bate bastante sol. (p.35)

Nos dados de (49) a (51), locativos aparecem à esquerda do verbo. Em Buthers (2009), analisei contextos como esses, e a conclusão foi a de que os elementos locativos aparecem na posição de sujeito (Spec-TP) como consequência de o PB estar passando por uma mudança sintática – de língua de sujeito nulo para língua de sujeito obrigatório. Nesta tese, assumirei que esses

adverbiais, mesmo considerados como tópicos, valoram traços de margem do núcleo T^o, independente de isso estar correlacionado à perda de sujeitos nulos ou não, nessa língua.

O fato de (49), (50) e (51) apresentarem os locativos como DPs, sem a preposição, já é um forte indício de que algum motivador sintático provocou o deslocamento destes XPs para a margem esquerda do verbo. Conforme veremos na parte da análise teórica, a razão desse movimento deve-se à necessidade de valoração do traço EPP na sonda T^o.

Dados correlatos são os que seguem, nos quais o XP genitivo perde a preposição e é movido para a posição à esquerda do verbo:

- (52) **A Belina** deita o banco, sabe? (PONTES 1987, p.34)
- (53) **O meu carro** furou o pneu. (PONTES 1987, p.35)
- (54) **O jasmim** amarelou as pontas. (PONTES 1987, p.35).

Nos dados de (52) a (54), também é perceptível a perda da preposição, bem como a devida concordância entre o XP genitivo e o verbo. Entretanto, o elemento agora deslocado não é um locativo, mas o possuidor da construção genitiva. A versão desses dados, anterior ao deslocamento, é a seguinte:

- (55) **O banco** da Belina deita, sabe?
- (56) **O pneu** do meu carro furou.

(57) **As pontas** do jasmim amarelaram.

Esses exemplos fornecem evidência adicional para a minha tese, segundo a qual XPs de natureza sintática distinta ocorrem em Spec-TP para valorar traços de margem ativos no núcleo T°. No dado em (57), o verbo ‘amarelar’ apresenta concordância com o sujeito ‘as pontas do jasmim’. Quando se dá o deslocamento do possuidor, como visto em (54), o verbo passa a concordar com o possuidor, sugerindo que este agora, de fato, é o sujeito da sentença.

Já em (58) e (59), abaixo, os elementos topicalizados ocorrem com verbos considerados impessoais pela gramática tradicional:

(58) **Essa janela** não venta muito. (PONTES 1987, p.35)

(59) **Aquela barraca** lá não tem ninguém não. (PONTES 1987, p.39)

O fato de os locativos ocuparem a posição pré-verbal em predicados impessoais indica que há algum fator motivador para que ocorram nesta posição sintática. Conforme será detalhado no capítulo referente à proposta teórica desta tese, o fator que engatilha o movimento do XP para Spec-TP é o traço EPP. Na sequência, apresento algumas análises realizadas por autores que investigaram o mesmo fenômeno.

3.2.1 A proposta de Avelar e Cyrino (2009)

Avelar e Cyrino (2009) investigaram estruturas transitivas nas quais o XP topicalizado em posição pré-verbal é um locativo preposicionado, num contexto de inversão. Os autores comparam essas construções com estruturas análogas nas línguas bantu. Para eles, o fenômeno descreve “uma situação de línguas em contato que pode estar na origem de construções impessoais com verbos tipicamente transitivos do português brasileiro” (AVELAR; CYRINO 2009, p. 1). Os exemplos abaixo exemplificam o contexto analisado:

- (60) a. **Naquela loja** vende livros.
b. **No meu quarto** faz muito barulho durante a noite.
c. **Na fazenda do meu tio** planta todos os tipos de verdura.

Para Avelar e Cyrino (2009), construções com inversão locativa são comuns em línguas bantu. O dado da língua changana, a seguir, retirado de Duarte (2011, p.85), confirma essa ocorrência:

- (61)
- | | | | |
|--|----------|---------------------|-------------------|
| a | ka | masimu _i | lawa _i |
| DEP | LOC-CL17 | field-CL6 | this-CL6 |
| ku _i | humelela | wa-nuna | |
| CL17 | appear | CL1-man | |
| “At these fields there appears a man.” | | | |

“**Nestes campos** aparece um homem.”

Como é possível notar no dado (61), do changana, a partícula locativa **ku** concorda com o elemento locativo iniciando a sentença. Nas palavras de Duarte (2011, p.85), “em tais contextos, quando um sintagma locativo ocorre em posição de tema, ocorre a inversão do sujeito e o verbo deve concordar com o locativo por meio do prefixo locativo *ku* da classe 17”³⁴.

Tendo em conta que o PB manteve contato com línguas bantu entre os séculos XVI e XIX, Avelar e Cyrino (2009) conjecturam que o fenômeno possa ser derivativo desse contato em contextos de aquisição. Nessas situações, os XPs locativos ocupam a posição de Spec-TP, assim como se dá nas línguas bantu.

Avelar e Cyrino (2009) argumentam que, embora a inversão locativa seja comum com verbos inacusativos, o PB, similarmente a línguas bantu, como o changana, o setswana e o kinyarwanda, aceita que a inversão ocorra também com verbos transitivos e inergativos, como foi observado nos dados em (60). Na sequência, é possível observar o PP locativo em posição pré-verbal em diferentes predicados no PB:

³⁴ No original: “*In such contexts, when a locative phrase occurs in topic position, there occurs subject inversion and the verb must agree with the locative by means of the locative prefix ku of class 17*” (p. 85)

PREDICATIVOS INACUSATIVOS

- (62) a. **Na casa da Maria** *chegou* algumas cartas.
b. **No meio da festa** *apareceu* uns convidados estranhos.
c. **Naquele documento** *consta* o nome da Maria.

PREDICADOS INERGATIVOS

- (63) a. **Naquele quarto** *dormiu* várias pessoas.
b. **Naquela fábrica** *trabalha* muitos amigos meus.
c. **Na universidade** *estuda* a filha de uma amiga minha.

PREDICADOS TRANSITIVOS ERGATIVIZADOS

- (64) a. **Naquele bairro** *aluga* casa de todos os preços.
b. **Na loja do Pedro** *não conserta* sapato de couro.
c. **Naquele fazenda** *plantava* beterraba.

PREDICADOS TRANSITIVOS SEM TEMA/AGENTE E INERGATIVOS SEM AGENTE

- (65) a. **Nas cidades do interior** *não sequestra* tanto como nas grandes capitais.
b. **No casa do João** *cozinha* todos os dias.
c. **Na casa da Maria** *dorme cedo*.

(AVELAR; CYRINO 2009, p. 5)

Avelar e Cyrino (2009) apresentam vários testes que corroboram a hipótese de que esses sintagmas locativos estão em Spec-TP. Nas construções transitivas e inergativas, os experimentos evidenciaram que a inversão de locativos preposicionados só é possível quando o DP agente não está presente nessas sentenças. Esse fato levou-os à confirmação de que, sim, os locativos preposicionados em análise ocupam a posição de Spec-TP. A conclusão a que chegaram, além dessa última, é a de que, em relação à ocupação da posição do sujeito canônico por locativos preposicionados, estamos “diante de indícios bastante fortes para a ideia de que as inovações em PB (...) pertencem ao mesmo pacote das mudanças associadas ao enfraquecimento da concordância sujeito-verbo” (AVELAR; CIRINO 2009, p. 11).

3.2.2 A proposta de Avelar e Galves (2011)

Avelar e Galves (2011) também averíguam sentenças com sintagmas locativos e genitivos pré-verbais, os quais os autores consideram como tópicos não-argumentais. Nessas construções, os elementos topicalizados estabelecem concordância com o verbo, como vemos nos exemplos ilustrativos a seguir:

- (66) **Os carros** furaram o pneu.
- (67) **As minhas duas árvores** apodreceram a raiz.
- (68) **As minhas pernas** racharam a pele.
- (69) **Essas casas** batem muito/imenso sol.

As explicações fornecidas por Avelar e Galves (2011) para essas construções estão correlacionadas com a ocorrência dos DPs concordantes com o verbo e com a ideia de que, no PB, contrariamente a outras línguas românicas, o traço EPP é ϕ -independente. Assim, a posição de Spec-TP pode abrigar elementos que não interagem com os traços- ϕ dos verbos em T^o. Em conformidade com os autores, a ϕ -independência de EPP ocorre quando o traço EPP é intrínseco a T^o. Em outras palavras, T^o é capaz de possuir seus próprios traços- ϕ quando estes não são herdados do núcleo C^o. A conclusão dos autores converge com a minha proposta nesta tese e fornece evidências adicionais a favor das seguintes hipóteses:

- (i) traços- ϕ podem ou não estar ativos em T^o. Como a sua herança (cf. AVELAR; GALVES 2011) se correlaciona com a capacidade de EPP ser ou não independente de traços- ϕ , assumirei, doravante, que traços- ϕ constituem uma parte de EPP;
- (ii) se o traço EPP for intrínseco a T^o, a previsão possível é de que há um subtraço de EPP que é específico do nível argumental; nesta tese, esse subtraço equivale a [μ P]. Já que em Spec-TP podem aparecer XPs que não são relacionados a traços- ϕ , esses elementos ocorrem exclusivamente

para atender à valoração do traço [μ P]. Nesses contextos, os XPs funcionam como expletivos sintáticos³⁵.

Na análise de Avelar e Galves (2011), segundo a qual o traço EPP do núcleo T^o é um traço ϕ -independente, os XPs pré-verbais que antecedem o verbo nesses contextos devem ser classificados sintaticamente como tópicos não-argumentais. E, para os autores, o mecanismo sintático que permite operar com tal assunção advém do fato de que os traços- ϕ do núcleo C^o são valorados pelos elementos que são topicalizados para a posição de Spec-TP. Segundo os autores, a herança dos traços- ϕ de C^o para T^o ocorre com os traços- ϕ já valorados pelos XPs deslocados para a posição de Spec-TP. Uma questão que emerge dessa proposta é saber como que traços valorados podem ainda estar suscetíveis à herança por T^o. Por isso, no capítulo 7, forneço uma proposta de análise diferente da de Avelar e Galves (2011), argumentando que, ao contrário, os XPs antecedendo o verbo nesses contextos são tópicos argumentais.

3.2.3 A proposta de Avelar e Galves (2013)

Avelar e Galves (2013) apresentam análise de elementos topicalizados correlata à de Avelar e Cyrino (2009). Nos dois trabalhos, a correlação desses

³⁵ No capítulo 5, desenvolvo detalhes sobre o termo “expletivo sintático”.

dados entre o PB e as línguas bantu é demonstrada. No entanto, neste estudo em específico, Avelar e Galves (2013) expandem os contextos de análises dos XPs locativos para abarcar também os XPs genitivos pré-verbais, como já estudados por Pontes (1987), os quais ilustro na sequência:

- (70) a. **As crianças** *tão nascendo* o dentinho.
b. O dentinho das crianças tá nascendo.
- (71) a. **O meu dedão** tá caindo a unha.
b. A unha do meu dedão tá caindo.
- (72) a. **Os carros** acabaram a gasolina no meio da viagem.
b. A gasolina dos carros acabou no meio da viagem.
- (73) a. **Os meninos** *tão aparecendo* muita espinha no rosto.
b. Tá aparecendo muita espinha no rosto dos meninos.

Nos dados de (70) a (73), com topicalização de genitivos, a concordância entre os verbos e os XPs pré-verbais se efetiva. Avelar e Galves (2013) concluem o estudo afirmando que, se confirmada a hipótese de contato entre o PB e as línguas bantu, a concordância locativa/genitiva aparece como consequência colateral desse contato.

3.2.4 A proposta de Pilati e Naves (2012)

Ainda objetivando oferecer uma solução plausível para as construções de tópico no PB, Pilati e Naves (2012) argumentam em defesa da pressuposição de que a categoria pronominal no PB deva ser cindida, em consideração às especificidades alusivas à 3ª pessoa.³⁶ Uma conexão estipulada pelas autoras se estabelece entre a cisão mencionada e o licenciamento de eventos distintos da língua, tais como ordem V-S, predicados com indeterminação do sujeito (realizado foneticamente ou não), predicados com tópicos-sujeito e com sujeitos não-argumentais. Interessam-nos os ambientes sintáticos com preenchimento pré-verbal por sujeitos não-canônicos, exemplificados em (74) e (75):

TÓPICOS-SUJEITO:

- (74) a. **Os carros** furaram o pneu.
b. **As localidades** não ocorreram nenhum problema.
c. **Os times** faltaram sorte no segundo tempo.

(PILATI; NAVES 2012, p. 237)

³⁶ “Bhat (2004) argumenta, seguindo Benveniste (1971) e Lyons (1977), que a classe gramatical tradicionalmente conhecida como ‘pronomes’ não é uniforme e abriga elementos de naturezas distintas: de um lado, estão as formas pronominais que se referem aos indivíduos que participam do ato de fala e, de outro lado, as formas pronominais que não desempenham essa função. As primeiras o autor identifica como sendo os *pronomes pessoais* propriamente ditos e restringe-as aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas do discurso; as últimas o autor identifica sob o rótulo de *proformas*, que são as demais formas pronominais, incluindo os pronomes pessoais de 3ª pessoa, os demonstrativos, os indefinidos, os interrogativos, etc.” (PILATI; NAVES 2012, pp. 245-247).

SUJEITOS NÃO-ARGUMENTAIS:

- (75) a. **Brasília** não *chove* há mais de 90 dias.
b. **Londres** *tem* prédios lindos.

(KATO; DUARTE 2008b; *apud* PILATI; NAVES 2012, p. 239)

A explicação de Pilati e Naves (2012) para os dados em (74) e (75) se dá por meio da interação entre a hipótese da cisão pronominal (cf. BHAT 2004) e os pressupostos gerativistas minimalistas relacionados a distinções paramétricas, principalmente àquelas relativas às formas de valoração de traços- ϕ da categoria ‘tempo’. Em vista disso, Pilati e Naves (2012) assumem que os fenômenos delineados decorrem da mudança no PB no que concerne a separar 1^a e 2^a pessoas (ainda referenciais) da 3^a pessoa (sem referencialidade). Dessa maneira, nas construções topicalizadas com verbos na 3^a pessoa, são os elementos de natureza sintática diversificada na posição de especificador de TP os responsáveis por valorar o traço EPP (traço [D] forte, na perspectiva de CHOMSKY 1995).

3.2.5 A proposta de Munhoz e Naves (2012)

Mais um estudo alternativo para a análise de XPs topicalizados no PB é o realizado por Munhoz e Naves (2012). As autoras analisam as construções

evidenciadas nesta subseção, com recorte para aquelas que denotam lugar e posse (locativas e genitivas). Para elas, a explicação condizente com esse fenômeno tem de ser feita com base na hipótese da transferência de traços de C^o (cf. CHOMSKY 2005, 2008; MIYAGAWA 2010).

Para Munhoz e Naves (2012), os XPs tópicos-sujeito contêm particularidades que os diferem semântica e sintaticamente, conforme mostram os dados abaixo:

LOCATIVOS:

- (76) **Essa janela** não venta muito.
- (77) **Aquela barraca** lá não tem ninguém não.

GENITIVOS:

- (78) **A Belina** deita o banco, sabe?
- (79) **O meu carro** furou o pneu.
- (80) **O jasmim** amarelou as pontas.

Munhoz e Naves (2012) sustentam que, nas construções com XPs locativos, os predicados envolvidos são inacusativos biargumentais. Quando admitem tópico-sujeito locativo, dois argumentos internos são selecionados pelo

verbo. Por outro lado, se o tópico-sujeito for de natureza semântica genitiva, o predicado previsto é o inacusativo monoargumental típico.

Em relação à estrutura argumental, Munhoz e Naves (2012) propõem que esses predicados acionam a projeção α P (cf. MIYAGAWA 2010), cujo núcleo recebe traços- ϕ e traços de foco e de tópico por herança do núcleo C^o. Consoante a proposta das autoras, o XP referencial é o que está mais propenso a ocupar Spec- α P, em contextos nos quais a concordância de traços- ϕ com o verbo ocorre.

3.2.6 A proposta de Pilati, Naves e Salles (2017b)

Pilati, Naves e Salles (2017b) analisam criticamente propostas de investigação acerca de sujeitos nulos e sujeitos preenchidos em PB, desenvolvendo uma proposta alternativa mais consistente para o fenômeno.

As autoras examinam o fenômeno em tela frente a três hipóteses que são perseguidas pelos teóricos em relação à sintaxe do PB, quais sejam: (i) o PB está passando por processo de mudança em relação à capacidade de apresentar sujeitos nulos; (ii) o PB apresenta propriedades de línguas orientadas para o discurso; (iii) o PB é uma língua de sujeito nulo parcial.

A proposta de Pilati, Naves e Salles (2017b) para os dados do PB com relação a apresentar sujeitos nulos ou preenchidos conecta-se diretamente com o sistema flexional dessa língua. Segundo as autoras, o PB apresenta um sistema

pronominal cindido: de um lado, temos a 1ª e 2ª pessoas gramaticais, referenciais; de outro lado, temos a 3ª pessoa gramatical, que perdeu sua capacidade de referencialidade. A cisão nesse sistema reflete diretamente na (im)possibilidade de atribuir referência a um sujeito.

Os fenômenos analisados pelas autoras são quatro:

a) ORAÇÕES COM ORDEM VS E LEITURA DÊITICA

(81) a. Entrou Dante.

b. Dante entrou.

b) CONSTRUÇÕES COM TÓPICO-SUJEITO, COM LOCATIVOS, GENITIVOS E BENEFATIVOS EM POSIÇÃO PRÉ-VERBAL

(82) O carro furou o pneu. / Os carros furaram o pneu.

c) ORAÇÃO COM SUJEITO NULO DE REFERÊNCIA ARBITRÁRIA

(83) Vende frutas.

d) ORAÇÕES COM SINTAGMAS LOCATIVOS NA POSIÇÃO DE SUJEITO

(84) Brasília não chove há mais de 90 dias.

Em consonância com Pilati e Naves (2012, 2013) e Pilati *et al.* (2014), a análise de Pilati, Naves e Salles (2017b) defende duas hipóteses relativas à sintaxe do PB. A primeira refere-se à cisão do sistema pronominal do PB, em que 1ª e 2ª pessoas diferenciam-se da 3ª pessoa quanto a propriedades semânticas e sintáticas. Já a segunda hipótese tem conexão com o licenciamento de elementos locativos na posição de sujeito.

As conclusões das autores iniciam-se pela abordagem das três mudanças sintáticas alusivas à sintaxe do PB. Em razão de essa língua apresentar um sistema pronominal cindido, as possibilidades de sujeito nulo genérico/arbitrário e definido limitam-se aos pronomes de 3ª pessoa. Isso justifica também o fato de o PB exibir propriedades de línguas orientadas para o discurso, permitindo locativos na posição de sujeito. Apresentar sujeitos nulos e sujeitos preenchidos faz do PB uma língua de sujeito nulo parcial.

As características do sistema flexional cindido do PB, em síntese, explicam os dados encontrados nessa língua relativos à presença obrigatória de sujeitos locativos em ordem VS; de DPs locativos obrigatórios em construções

de tópico-sujeito e em sentenças existenciais; e de sujeitos com propriedades em que o agente recebe interpretação genérica.

Por fim, construções nas quais o tópico não se confunde com o sujeito também estão presentes no PB e são de meu interesse nesta pesquisa, conforme (85) a (88), a seguir:

- (85) A Rosa ... **eu** falei com ela ontem.
- (86) Esse negócio ... **o prazo** acaba.
- (87) Washington ... **a neve** é pouca.
- (88) Isso ... **eu** tenho uma porção de exemplos.

(PONTES 1987, p. 14,18)

Como é possível notar nas sentenças acima, o sujeito da oração está presente na frase, e o tópico também aparece. Veremos na proposta teórica desta tese que não importa a classificação do elemento à esquerda do verbo como tópico ou como sujeito; ou se a frase possui tópico e sujeito concomitantemente. Esse(s) elemento(s) aparece(m) em Spec-TP ou em Spec-CP para valorar o traço EPP.

3.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, estendi a descrição e a análise dos dados para a ocorrência de elementos topicalizados à esquerda dos verbos. Mais uma vez, como já observado também no capítulo anterior, não há consenso, entre os autores que analisaram o assunto, quanto ao estatuto sintático dos XPs pré-verbais, e nem quanto à localização exata desses itens. Como prototípicos, ocupam a posição de orientação para a expressividade da sentença, ou seja, Spec-CP. Se tópicos argumentais, estão em Spec-TP, posição em geral ocupada por sujeitos; ou Spec- α P, outra projeção que se caracteriza por alocar elementos argumentais. Esses XPs, uma vez ocupando Spec-TP ou Spec- α P, não podem ser interpretados como sujeitos canônicos.

As formas de explicação, então, são bastante variadas. Quanto a XPs que redobram sujeitos e locativos, os autores assumem que eles podem ser tópicos ou tópicos-sujeito (argumentais). Por outro lado, XPs de natureza sintática diversa em posição pré-verbal podem ocupar Spec-CP ou Spec-TP, embora seja assumido que esses elementos não sejam, necessariamente, tópicos ou sujeitos canônicos.

Na parte IV, a seguir, incluo os capítulos que apresentam a proposta teórica para explicar os contextos de preenchimento pré-verbal no PB por XPs

de natureza sintática diversa. Para tanto, retomo a proposição de Butchers (2009) a respeito da fatoração de EPP. Como reflexo dessa última proposta, explico, outrossim, uma reformulação dessa fatoração, interligando as reflexões teóricas assumidas nesta tese às ideias de Holmberg (2000, 2010, 2016) e de Miyagawa (2010). Essa conexão entre as propostas permitirá elucidar expedientes sintáticos do PB que ainda carecem de explanação e implementará a análise dos dados, a qual será explicitada nos capítulos 6 e 7.

PARTE IV

PROPOSTA TEÓRICA

CAPÍTULO 4: FATORAÇÃO DE EPP

Neste capítulo, o objetivo é propor uma teoria para explicar como ocorre o preenchimento da posição à esquerda do verbo nas línguas naturais, seja por um tópico, um foco, um sujeito, um foco-sujeito ou um tópico-sujeito. A análise que apresento se ancora nas teorias delineadas no primeiro capítulo sobre os traços formais que estão presentes nos núcleos fásicos, quais sejam C^0 - T^0 e v^0 - V^0 . Ademais, assumo que a ocorrência de XPs à esquerda do verbo na oração está correlacionada diretamente com a forma como EPP deve ser compreendido na sintaxe. Minha proposta é a de que EPP deve ser fatorado em quatro traços formais, a saber:

- (i) $[uD]$;
- (ii) $[uP]$;
- (iii) $[uTop]$;
- (iv) $[uFoc]^{37}$.

³⁷ Nesta tese não analiso dados contendo preenchimento da posição de Spec-TP por elementos focalizados, embora haja ocorrências desse tipo no PB. Deixo esta análise para um trabalho futuro.

Neste sentido, defendo que EPP não existe como um traço independente, mas, na verdade, o seu efeito se manifesta a partir de traços já existentes na numeração. Argumento que tais traços devem ser considerados como traços de margem, já que eles são os responsáveis pelo preenchimento lexical da posição à esquerda do verbo – Spec-TP ou Spec-CP.

Para expor a análise, assim divido este capítulo: na **seção 4.1**, apresento a motivação pela qual assumo a proposta de fatoração de EPP, a partir dos estudos de Holmberg (2009, 2010) e de Miyagawa (2010); na **seção 4.2**, proponho revisar a assunção de Buthers (2009) a respeito da fatoração de EPP; na **seção 4.3**, apresento o resumo do capítulo.

4.1 DA MOTIVAÇÃO DA PROPOSTA

Para alicerçar a tese acerca da fatoração do traço EPP, acompanho os estudos de Holmberg (2000, 2009, 2010) e de Miyagawa (2010). O objetivo é um refinamento das teorias dos autores acerca da forma de conceber o traço EPP, bem como de seu papel enquanto um conjunto de traços. Há expedientes sintáticos relacionados aos XPs que ocupam a posição anterior ao verbo em PB que não podem ser explicados apenas em alusão aos traços [μ D] e [μ P]. Holmberg (2000, 2010) estipulou que EPP contém essas contrapartes para justificar sujeitos nulos em línguas de sujeito nulo parcial.

Adicionalmente, alguns desses contextos sintáticos também não encontram elucidação se considerarmos apenas os traços gramaticais [$u-\phi$], [$u\text{Top}$] e [$u\text{Foc}$], assumidos por Miyagawa (2010) para propor uma explicação unificada para a existência de línguas orientadas para o discurso ou para a concordância.

Por isso, nesta tese, apresento aspectos teóricos das propostas de Holmberg (2010) e de Miyagawa (2010), combinando-os para justificar os contextos com o preenchimento de Spec-CP ou de Spec-TP por XPs de natureza sintática diversa. Como consequência da fatoração de EPP, será possível explicar fenômenos variados nas línguas naturais. Esta proposta pode favorecer ganhos de natureza teórica, já que EPP será reduzido a efeitos de outros traços. Oferece, ainda, um ganho de natureza empírica, já que possibilita a elucidação de alguns comportamentos sintáticos do PB, para os quais as explicações que existem ainda são divergentes.

Nas subseções seguintes, retomo alguns pontos dos trabalhos de Holmberg (2010) e de Miyagawa (2010) que não garantem explicação para algumas das situações previstas nos contextos de preenchimento de Spec-TP no PB. Apresento a unificação das propostas dos autores, pois ela me permitirá encontrar respostas para essas situações.

4.1.1 A insuficiência da fatoração de EPP nos traços [*u*D] e [*u*P]

Holmberg (2010) explica as possibilidades de sujeito nulo ou de sujeito preenchido nas línguas em geral a partir da interação dos traços [*u*D] e [*u*P], que podem ou não estar ativos na sonda T^o, conforme apresentamos no primeiro capítulo desta tese. O autor afirma que “o efeito de [P] é que o sujeito sondado por T^o é pronunciado, isto é, tem forma fonológica [...] e então normalmente será alvejado pelo EPP e movido para Spec-TP”³⁸ (p. 30).

Em conformidade com Holmberg (2010, p. 28), o núcleo T^o é sempre definido em línguas de sujeito nulo obrigatório. Isso significa que o verbo finito sempre carrega o traço [*u*D] valorado numa cadeia com o verbo lexical, que contém os traços- ϕ compatíveis. Sendo [*u*D] um traço valorado em T^o, ele precisa ser pronunciado de alguma maneira. Para o autor, o dispositivo que a língua fornece para a pronúncia do traço [D] em T^o é permitir o *Spellout* dos traços de pessoa e número do verbo finito. Isso impossibilita o *Merge* de um argumento em Spec-TP, uma vez que o traço [*u*D] já foi valorado pela incorporação (no sentido de ROBERTS 2007) dos traços- ϕ de v^o a T^o. Assim, não haveria mais traços a serem valorados no núcleo T^o. Nesse sentido, o autor assume que o traço

³⁸ No original: “*In the case of T, the effect of [P] is that the subject probed by T is spelled out, i.e. assigned a phonological form [...] and so will normally be targeted by the EPP and moved to specTP*” (MIYAGAWA 2010, p.30).

[μ P] não está ativo em T^o em línguas de sujeito nulo obrigatório, naqueles contextos onde o sujeito é, de fato nulo, sem a realização de qualquer elemento expletivo preenchido em Spec-TP, como no italiano, por exemplo.

Uma questão que fica em aberto com relação a essa proposta de Holmberg (2010) é a seguinte: se em línguas de sujeito nulo obrigatório há um traço [μ D] que é valorado na cadeia com traços- ϕ do verbo lexical, e esse traço é pronunciado como traços- ϕ em T^o, como podemos dar conta de línguas de sujeito nulo obrigatório, mas sem concordância- ϕ em T^o? Como o traço [μ D] é valorado?

Línguas como essas são o chinês, o japonês, o coreano, entre outras. Holmberg (2010) argumenta que, nessas línguas, que são de sujeito nulo, porém com orientação para o discurso, o traço [μ D] não está presente no núcleo T^o. Segundo o autor, isso ocorre porque essas línguas têm leitura de pronome nulo genérico, não definido, em Spec-TP. E também não há em T^o um traço [μ P], já que esse traço demanda um elemento sujeito pronunciado em Spec-TP, uma impossibilidade para os contextos de sujeito nulo, como o japonês, o chinês e o coreano

Em (1), a seguir, apresento um dado do cantonês, usado por Holmberg (2010) para ilustrar línguas de sujeito nulo obrigatório, que são orientadas para o discurso:

- (1) *Ah John waa hai Jinggwok gong Jingman*
PRT John say in England speak English
'John says that one/he speaks English in England.'

Da perspectiva de Holmberg (2010), a sentença em (1) deve ser compreendida como um exemplo de sujeito nulo genérico em Spec-TP, derivado da ausência dos traços [*u*D] e [*u*P] no núcleo T^o. O que nos chama à atenção nesse dado do cantonês e sobre o que o autor não comentou é a presença do PP locativo '*in England*', antecedendo o verbo. Locativos têm traço dêitico. Logo, poderiam, sem nenhum problema, valorar [*u*D] em T^o, já que conferem leitura de deiticidade à sentença³⁹. Isso contraria a argumentação de Holmberg (2010) sobre a falta de [*u*D] em T^o, cuja consequência seria a necessidade de um sujeito nulo **genérico** (sem definitude) em Spec-TP.

Vejamos: se assumimos com Holmberg (2010) a ausência do traço [*u*D] em T^o nesse contexto do cantonês, como explicar a leitura dêitica e definida da sentença, conferida pelo PP locativo anterior ao verbo?

A mesma análise pode ser estendida ao dado em (2), a seguir, do japonês:

³⁹ Segundo Sheehan (2006 p. 246), um elemento locativo é capaz de conferir **definitude** a sentenças e, por isso, estão hábeis para valorar um traço [*u*D].

- (2) *Gakko-ni-wa kodo motati-wa⁴⁰ imassen.*
Escola-em-SUJ-TOP crianças-SUJ não estão.
'Na escola as crianças não estão.'

(KATO 1989, p.26)

No exemplo em (2), do japonês, a única maneira de explicar a presença do locativo na posição pré-verbal é assumir que há outro traço de margem no núcleo T^o, além do traço [*uP*]. Está claro que, tanto o locativo como o DP 'crianças' apresentam a mesma marca de (-**wa**), o que significa que existe uma correferência entre os dois elementos que precedem o verbo. Isso só é possível se assumirmos que o locativo está também em Spec-TP, em adjunção, posição sintática que é preenchida por sujeitos em línguas de concordância. Kato (1989, p. 119, citando KURODA 1978) afirma que (-**wa**) é marca de sujeito gramatical da sentença em japonês e marca Caso estrutural nominativo. Levando em consideração essas evidências, que traço poderia ter em T^o, então, para requerer que sua posição de especificador fosse preenchida também por um PP locativo?

Dadas essas considerações, é coerente afirmar que apenas [*uD*] e [*uP*] não são traços de EPP suficientes para explicar o preenchimento da posição de Spec-

⁴⁰ Grifo nosso em -**wa**, marca de tópico em Japonês.

TP em línguas de sujeito nulo e orientadas para o discurso, do tipo do cantonês e do japonês.

Miyagawa (2010) atesta que, em línguas com orientação para o discurso, um traço [*uTop*] pode ser herdado do núcleo C^o ao núcleo α^o ou a T^o para justificar a presença de elementos topicalizados em Spec-TP. Então, além dos traços de margem [*uD*] e [*uP*], um traço [*uTop*] também deve ser interpretado como um traço de margem, mais uma contraparte de EPP, já que ele motiva o *Merge* de elementos topicalizados para posições de especificadores.

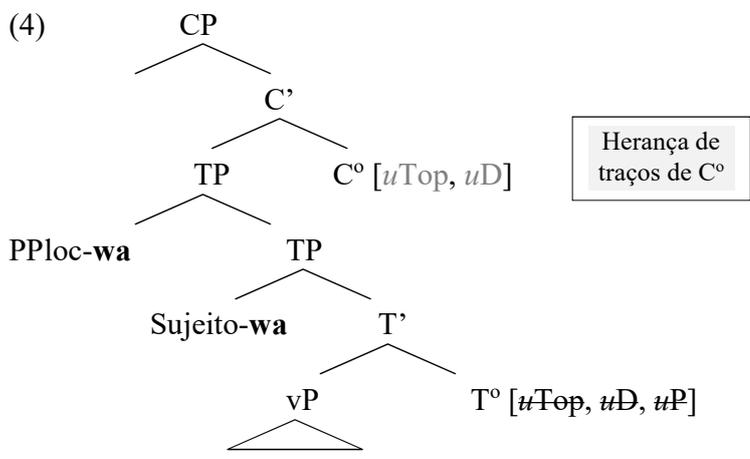
Proponho que assim deve ser entendido o preenchimento de Spec-CP e de Spec-TP do dado (2), do japonês, repetido a seguir como (3):

- (3) *Gakko-ni-wa* *kodo motati-wa*⁴¹ *imassen.*
Escola-em-SUJ-TOP crianças-SUJ não estão.
'Na escola as crianças não estão.'

Em línguas como o japonês, de sujeito nulo e com orientação para o discurso, proponho que T^o, no sentido de Miyagawa (2010), herda de C^o os traços [*uD*] e [*uTop*]. Nos contextos com sujeito preenchido, o traço [*uP*], que é inerente a T^o, como veremos adiante, está ativo nesse núcleo. Esse traço é valorado pelo *Merge* do sujeito 'crianças' em Spec-TP. O traço [*uD*] é valorado pelo PP

⁴¹ Grifo nosso em *-wa*, marca de tópico em Japonês.

locativo com a marca de tópico em Spec-TP, propiciando a leitura dêitica da oração. O traço $[uD]$ -dêitico⁴² não é capaz de suscitar nenhum tipo de *Merge* (como demonstraremos adiante), por isso o sujeito canônico é juntado pela necessidade de valoração do traço de margem $[uP]$. Então, para o PP locativo ocorrer em Spec-TP, outro traço de margem ativo tem de se fazer presente no núcleo T°. Mais precisamente, assumo que esse traço de margem equivale ao traço de $[uTop]$, herdado do núcleo C° núcleo T°. Dessa maneira, o PP é juntado, em adjunção, a Spec-TP e estabelece concordância com o sujeito a partir do marcador **-wa**, conforme mostra a derivação sintática em (4):



⁴² Veremos, adiante, que ‘deiticidade’ é também um componente do traço de margem $[uD]$.

Em PB, há casos parecidos com os dados apresentados em (1) e (2), como, por exemplo:

- (5) **Nesta cama** dorme muita gente.
- (6) **Na casa da Maria** chegou algumas cartas.

Como justificar a possibilidade de construções como (5) e (6) no PB apenas a partir dos traços [*u*D] e [*u*P]? Há argumentos temáticos prototípicos em posição pós-verbal, suscetíveis para o *Merge* em Spec-TP. Todavia, em vez de eles serem juntados internamente a Spec-TP, PPs locativos sem pausa prosódica característica de elementos deslocados à esquerda ocorrem nessa posição. Por essa razão, uma possibilidade que assumo é que o traço [*u*Top] argumental é responsável por tal junção do PP locativo em Spec-TP.

A análise das sentenças (5) e (6) deixa entrever que apenas os traços [*u*D] e [*u*P] também não dão conta de explicar alguns contextos com preenchimento lexical da posição de sujeito no PB. Por isso, é necessário expandir a teoria de Holmberg (2010) para abarcar outros casos de línguas de sujeito nulo (consistentes ou parciais), com orientação para o discurso.

4.1.2 A insuficiência da fatoração de EPP nos traços [$u-\phi$], [$uFoc$] e [$uTop$]

Miyagawa (2010) descreve línguas orientadas para o discurso e para a concordância com o objetivo de apresentar uma análise unificada para os dois tipos. Para isso, o autor defende que traços do nível CP – [$u-\phi$], [$uTop$] e [$uFoc$] – podem ser herdados pelo núcleo T^o e, em conjunto com EPP, derivam os dois tipos de línguas. Os traços de foco e tópico, nesse sentido, têm os mesmos efeitos que traços de concordância- ϕ , pois, transmitidos a T^o, funcionam também como traços gramaticais. Da interação entre esses traços têm-se as seguintes possibilidades paramétricas: (i) línguas em que T^o herda [$u-\phi$] de C^o são línguas orientadas para concordância; (ii) línguas em que T^o herda [$uTop$] e [$uFoc$] de C^o são línguas orientadas para o discurso.

Além dos dois tipos de línguas citados, Miyagawa (2010) prevê a existência de línguas que podem herdar os três traços de C^o para T^o. Essas línguas apresentam, simultaneamente, configuracionalidade para a concordância e para o discurso. Como exemplo, o autor cita o caso do finlandês que, além de conter concordância de traços- ϕ distintiva de 1^a e 2^a pessoas, pode adicionalmente herdar traços de tópico e de foco de C^o. Isso possibilita a essa língua apresentar elementos focalizados/topicalizados em posição argumental, além do sujeito prototípico.

A consequência direta desta análise é que poderia ocorrer concomitantemente a herança de dois traços gramaticais a T^o, e dois elementos argumentais concorreriam para a posição de Spec-TP. Como já descrito no capítulo 1, para resolver o problema, Miyagawa (2010) determina que o finlandês possui a projeção argumental α P, que permite alocar aqueles elementos que valorarão os traços de foco e tópico de T^o. A posição de Spec-TP, em finlandês, fica então restrita a sujeitos, uma vez que eles estabelecem concordância de traços- ϕ com o verbo finito (exceto com a 3^a pessoa do singular, não distintiva nessa língua), como se pode ver em (7):

- | | | | |
|--------|---------|-----------|------------|
| (7) a. | (Minä) | puhun | englantia. |
| | (Eu) | falar-1SG | Inglês |
| b. | (Sinä) | puhut | englantia. |
| | (Tu) | falar-2SG | Inglês. |
| c. | *(Hän) | puhu | englantia. |
| | Ele/ela | falar-3SG | Inglês. |

(HOLMBERG; NIKANNE 2005, p.539)

Em (7 a, b), o sujeito opcionalmente aparece nulo. Em contrapartida, em (7 c), se o sujeito aparece nulo, a sentença fica agramatical, uma vez que o finlandês não tem concordância distintiva para 3^a pessoa.

O PB é muitas vezes comparado com o finlandês em relação à possibilidade de apresentar o sujeito nulo. Por outro lado, no PB, a morfologia de concordância de pessoa é distintiva apenas para a 1ª pessoa do singular. E também para 1ª pessoa do plural, em contextos formais de fala, ou em contextos escritos:

- (8) a. (Eu) **canto** muito ontem.
b. (Nós) **cantamos** muito ontem.
c. * ____ **Canta** muito ontem. (Você/vocês⁴³, ele/ela, a gente)

Como se vê em (8a) a (8c), é praticamente impossível um sujeito nulo quando a pessoa gramatical é diferente da primeira, haja vista que as demais pessoas não são mais distintivas no PB. Dessa constatação, afirmo que, embora o PB e o finlandês manifestem contextos de sujeito nulo semelhantes (cf. HOLMBERG 2009, 2010), essas línguas se diferenciam com relação à presença de traços- ϕ no núcleo T^o. Em outras palavras, podemos afirmar que, mesmo a concordância de 3ª pessoa não sendo mais distintiva em finlandês, essa língua ainda apresenta 1ª e 2ª pessoas distintivas, o que explica por que apenas sujeitos

⁴³ Em contextos orais, muitas vezes há preferência pela morfologia verbal de singular nos verbos, mesmo se a forma de tratamento Você (reutilizada no PB como pronome pessoal), plena ou reduzida, estiver no plural: Vocês/cês **canta** bem.

canônicos aparecem na posição de Spec-TP. Para Miyagawa (2010), toda vez que T^o herdar traços- ϕ , apenas sujeitos canônicos podem ocupar Spec-TP.

Outra observação pertinente quanto à sintaxe do PB é que nem sempre o traço [μ D] (ou ϕ) será transferido para o núcleo T^o. Sivaldo (2008) prevê essa possibilidade, haja vista o enfraquecimento da concordância nessa língua. O autor afirma que, “[...] para o PB, admitiremos com Viotti (1999) que o traço-D forte em T é **opcional**⁴⁴, o que implica dizer que a posição [Spec, TP] vai projetar apenas se esse traço estiver presente numa determinada variação [...]” (p.578). Partindo dessa opcionalidade do traço de margem [μ D] em T^o no PB, tem-se que:

- (i) há contextos com sujeitos “inexistentes” no PB, haja vista a possibilidade de não-projeção da posição de Spec-TP, como será visto no próximo capítulo;
- (ii) a posição de Spec-TP, se projetada, pode receber elementos que não são sujeitos (expletivos ou não), já que [μ D] nem sempre está presente (ou está presente, mas não tem mais referencialidade, como veremos adiante). Nesse caso, outro traço em T^o teria de motivar a projeção de Spec-TP;
- (iii) há contextos com sujeitos (expletivos ou não) no PB também, quando o traço [μ D] (com propriedade referencial) é herdado de C^o – novamente sugerindo que há outros traços envolvidos, já que [μ D], sozinho, não motiva *Merges*, como argumentaremos adiante;

⁴⁴ Grifo meu.

- (iv) Spec-TP no PB é uma posição híbrida, podendo receber sujeitos (expletivos ou não) ou elementos topicalizados.

Veremos na análise dos dados nos próximos capítulos que todas as intuições descritas acima têm evidência empírica no PB. Outrossim, a respeito da “hibridez” do PB quanto à possibilidade de elementos diferentes do sujeito preencherem Spec-TP, Ferreira (2000, p. 294) afirma que T^o é **opcionalmente**⁴⁵ defectivo nessa língua e, então, apenas **opcionalmente**⁴⁶ contém traço de Caso nominativo. Esse é outro argumento para defender que Spec-TP pode receber elementos que não são prototipicamente sujeitos no PB. Como visto em (ii) e em (iii), acima, outros traços têm de aparecer em conjunto com [*u*D] para desencadear o preenchimento lexical de Spec-TP. No entanto, os traços de margem que motivam o preenchimento dessa posição por sujeitos prototípicos ou não-prototípicos não podem ser os mesmos, como será visto adiante.

Após a reflexão sobre os dados do PB em (7) e sobre as observações acerca da opcionalidade do traço [*u*D] em T^o nessa língua, chegamos à conclusão de que o traço [*u*D] estar ou não presente em T^o não é o requerimento crucial para que uma língua apresente ou não sujeitos preenchidos. Por isso, acompanhando Holmberg (2010), assumirei que, para Spec-TP aparecer com XPs realizados

⁴⁵ Grifo meu.

⁴⁶ Grifo meu.

foneticamente, seu núcleo tem de apresentar o traço fonológico [*uP*]. Dessa forma, certifico que apenas a presença dos traços [*u-φ*], [*uFoc*] e [*uTop*] no núcleo T° não consegue explicar todos os tipos de preenchimento possíveis. Expandir a teoria de Miyagawa (2010) para dar conta de sujeitos preenchidos em Spec-TP quando não há morfologia de concordância distintiva também é imprescindível.

As questões discutidas ao longo dos parágrafos precedentes representam a motivação pela qual proponho a reinterpretação de EPP nos traços formais [*uP*], [*uD*], [*uFoc*] e [*uTop*]. Com a junção das propostas de Holmberg (2010) e de Miyagawa (2010), a explicação dos variados tipos de preenchimento lexical de Spec-TP/CP nas línguas naturais, não apenas no PB, torna-se viável. Esse preenchimento pode estar relacionado tanto com a possibilidade de sujeito nulo ou de sujeito preenchido, quanto com a configuracionalidade para o discurso ou para a concordância nas línguas naturais.

4.2 FATORANDO EPP NOS TRAÇOS [*uD*], [*uP*], [*uTop*] e [*uFoc*]

Segundo Chomsky (2005, 2008), EPP é um traço de margem, e por isso é o responsável pelo *Merge* interno ou externo de XPs diversificados nas posições de especificadores. As análises, em geral, correlacionam o traço EPP a outros

traços, como [*uD*], [*wh*], [*u-Foc*], [*u-φ*], [*uP*], por exemplo. No capítulo 1 desta tese, demonstrei, por meio de estudos de Holmberg (2000, 2002, 2009) e Miyagawa (2010), como a combinação de EPP com outros traços gramaticais torna possível a explicação de alguns comportamentos sintáticos, tais como a inversão estilística e a ocorrência de XPs focalizados e topicalizados em posição à esquerda do verbo. Todavia, além desses fenômenos, outros também podem ser justificados a partir da relação entre traços ativos nos núcleos oracionais. Tendo em conta essas considerações iniciais, o cerne de minha proposta nesta tese é a de que EPP deve ser fatorado nos traços formais [*uD*], [*uP*], [*uFoc*] e [*uTop*].

Em Buthers (2009), não relacionei EPP a outros traços. No entanto, assumi, ancorando-me em Holmberg (2000), que o traço EPP constitui-se de um feixe de, pelo menos, dois subtraços ininterpretáveis, a saber: o traço [*uP*] e o traço [*uD*]. Essa fatoração permitiu explicar a variabilidade interlinguística com relação à capacidade de licenciar sujeitos nulos ou não na sintaxe das línguas naturais. A proposta de subdivisão do traço EPP foi assim delineada:

	<i>Traços</i>
EPP	<i>uP</i>
	<i>uD</i>

QUADRO 2: Fatoração de EPP (cf. BUTHERS 2009)

Não obstante, essa análise ainda não nos permite explicar outros fenômenos correlacionados ao traço EPP, como argumentei na seção anterior. Há contextos de preenchimento à esquerda do verbo em línguas como o japonês e o finlandês – e mesmo o PB – que não alcançam explicação apenas a partir dos traços [*uP*] e [*uD*].

Dessa maneira, para dar maior sustentação à proposta de Buthers (2009), proponho que EPP seja entendido como um “epifenômeno”. Nessa linha de raciocínio, EPP deve ser fatorado⁴⁷ nos seguintes traços:

EPP	<i>Fatoração</i>
	<i>uP</i>
	<i>uD</i>
	<i>uFoc</i>
	<i>uTop</i>

QUADRO 3: Fatoração de EPP

Esta proposta está em consonância com a teoria desenvolvida por Miyagawa (2005, 2010), segundo a qual o movimento engatilhado por EPP não é independente, visto que concordância e foco são duas polaridades desse mesmo epifenômeno. Em conformidade com o autor, o EPP está na base de vários tipos

⁴⁷ Uso a expressão “fatoração de EPP” no sentido de que assumo que o **traço** EPP não existe, tomando o seu lugar outros traços, que tornam o seu papel efetivo – qual seja, o de preenchimento fonológico da posição pré-verbal. A nomenclatura EPP existe apenas por convenção teórica.

de operações sintáticas de movimento. Nessa perspectiva, Miyagawa (2010) postula o seguinte:

o bem conhecido movimento EPP apenas emerge quando algum traço gramatical relevante está presente, tipicamente concordância de traço- ϕ . [...] Se é verdade que em línguas, tais como o Japonês, tópico/foco constitui um traço gramatical equivalente a concordância com traço- ϕ , nós esperaríamos o movimento “EPP” ocorrer apenas na presença de tópico/foco, e não a cada vez que a estrutura contenha um T. Em outras palavras, não há nenhuma tal coisa como “EPP” independente de traços gramaticais relevantes (cf. MIYAGAWA 2005b). (MIYAGAWA 2010, p.78)⁴⁸.

Além disso, defendo que todos os traços componentes de EPP estão presentes nas línguas naturais, conforme prevê o Princípio de Uniformidade (CHOMSKY 2001, p. 2):

Princípio de Uniformidade:

Na ausência de evidência ao contrário, assumo as línguas para serem uniformes, com variedade restrita a propriedades de fala, facilmente detectáveis.⁴⁹

⁴⁸ No original: “so-called EPP movement only emerges when some relevant grammatical feature is present, typically ϕ -feature agreement [...]. If it is true that in languages such as Japanese, topic/focus constitutes a grammatical feature equivalent to ϕ -feature, we would expect “EPP” movement to occur only in the presence of topic/focus, not every time the structure contains a T. (cf. MIYAGAWA 2005b)” (MIYAGAWA 2010, p.78).

⁴⁹ No original: “Uniformity Principle: in the absence of compelling evidence to the contrary, assume languages to be uniform, with variety restricted to easily detectable properties of utterances” (CHOMSKY 2001, p. 2).

Assumo ainda, de acordo com Miyagawa (2010), uma versão “forte” desse princípio. O Princípio de Uniformidade Forte versa que não apenas as línguas apresentam todos os traços, mas, outrossim, manifestam esses traços foneticamente, de alguma maneira. Vejamos o princípio, tal qual formulado por Miyagawa (2010, p. 12):

Uniformidade Forte:

Todas as línguas compartilham a mesma série de traços gramaticais, e toda língua manifesta visivelmente esses traços.⁵⁰

Assumo o Princípio de Uniformidade Forte para justificar a presença dos traços [*u*D], [*u*P], [*u*Foc] e [*u*Top] nas línguas naturais, podendo ou não estar ativos. Esse princípio ainda me permite assumir que os traços formais de EPP motivam *Merge* interno e externo de XPs para a margem esquerda da sentença, seja para Spec-vP/VP⁵¹ ou para Spec-TP/CP. Isso significa que categorias sintáticas diversificadas – sujeito temático, sujeito expletivo, tópico-sujeito ou

⁵⁰ No original: “*Strong Uniformity: All languages share the same set of grammatical features, and every language overtly manifests these features*” (MIYAGAWA 2010, p. 12).

⁵¹ Não serão contemplados contextos com preenchimento da posição de Spec-v/VP no PB em razão da valoração de traços de margem ativos nos núcleos dessas categorias sintáticas. Todavia, há casos de preenchimento nesse contexto no PB. Deixo essa análise para investigação futura.

não, foco-sujeito ou não – estarão na posição de especificador de qualquer núcleo para valorar traços de margem ativos.

4.3 VALIDANDO [*u*D], [*u*P], [*u*Top] e [*u*Foc] COMO TRAÇOS DE MARGEM

Para validar os traços [*u*D], [*u*P], [*u*Top] e [*u*Foc] como traços de margem, valemo-nos do quadro a seguir, que representa uma síntese da proposta assumida quanto à forma de considerar EPP:

EPP	Origem
<i>u</i> Top	C°
<i>u</i> Foc	C°
<i>u</i> D	C°
<i>u</i> P	T°

QUADRO 4: Natureza dos traços gramaticais constitutivos de EPP

Pelo quadro acima, traços [*u*D], [*u*Foc] e [*u*Top] nascem no núcleo C° e podem ou não ser herdados por T°. Esses traços são responsáveis pelo preenchimento das posições de Spec-CP ou de Spec-TP por elementos topicalizados/focalizados. Já para o traço fonológico [*u*P], correlacionado com o fenômeno do preenchimento da posição sintática de Spec-TP por sujeitos temáticos ou gramaticais, assumo que ele se origina diretamente no núcleo T°.

Antes de partir para a análise dos dados do PB, faz-se importante desenvolver ainda algumas considerações acerca dos traços [*u*D] e [*u*P]. Essas observações serão importantes para os capítulos 6 e 7, nos quais exporei a análise dos dados do PB.

4.3.1 Da natureza do traço [*u*D]

Conforme demonstrado no primeiro capítulo desta tese, o traço [*u*D] origina-se no núcleo C^o e se relaciona diretamente com traços- ϕ , dada sua natureza de referencialidade. Miyagawa (2010, pp. 11,12) afirma que traços- ϕ são capazes de desencadear movimento em línguas orientadas para concordância, mas não em línguas orientadas para o discurso. No entanto, Holmberg (2010) afirma que há línguas de concordância fraca, como o inglês, na qual os traços- ϕ não são capazes de valorar EPP. De acordo com o autor, essas línguas não têm o traço [*u*D] em T^o, diferentemente do que assumido por Miyagawa (2010). Então, o que possibilita a valoração de EPP nas línguas (mesmo de concordância/sujeito) com traços- ϕ fracos é a presença em T^o do traço [*u*P], que juntará um elemento foneticamente realizado a Spec-TP.

A maneira como Holmberg (2010) e Miyagawa (2010) concebem o papel do traço [*u*D] nas línguas me facultava descrevê-lo de maneira distinta da de outros

traços de margem. Por isso, proporei que o traço [*u*D] não é capaz, sozinho, de engatilhar a operação de *Merge* de XPs para Spec-C/TP.

Outra observação importante relativa ao traço [*u*D] diz respeito à sua composicionalidade. De acordo com Carvalho (2017), o traço [*u*D] assim pode ser subespecificado: [D [específico [definido [dêitico [distal]]]]]]. Isso significa que esse traço não se relaciona apenas com a capacidade de referencialidade/especificação/definitude que os elementos podem apresentar. Por outro lado, se o item lexical possui características dêiticas, como locativos e alguns temporais, ele também é capaz de valorar o traço [*u*D].

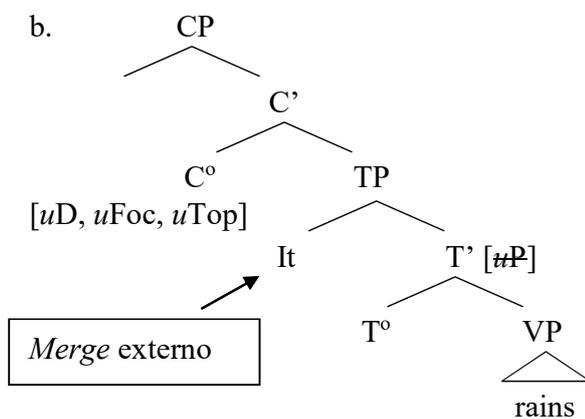
Essa é a razão por que continuo concebendo o traço [*u*D] como um traço de margem. Esse traço desempenha um papel na capacidade de referencialidade e de definitude/deiticidade dos XPs em Spec-TP.

4.3.2 Da natureza do traço [*u*P]

Com relação ao traço [*u*P], assumo que seu local de origem é o núcleo T^o. Em línguas que apresentam a posição de Spec-TP obrigatoriamente preenchida por sujeitos convencionais ou expletivos, o traço de margem [*u*P] está ativo. É a presença desse traço que motiva o preenchimento lexical da posição de especificador de TP, quando o núcleo T^o não herda de C^o os traços [*u*Foc] ou [*u*Top].

Assumirei, ainda, que este traço se conecta com sujeitos temáticos ou gramaticais, e, devido a isso, é originário do núcleo T°. Vejamos, como exemplo, o dado do inglês, em (9a), e sua configuração sintática em (9b):

- (9) a. It rains.
 It-SUBJ rain-3SG
 ‘It rains.’



Nesse exemplo do inglês, a posição de especificador de TP aparece preenchida pelo expletivo ‘It’ em função do traço de margem [uP] ativo no núcleo T°. Não há outros traços de margem ativos no núcleo T°, além de [uP], motivando o preenchimento da posição de Spec-TP. O traço [uD] pode estar ativo em T°, mesmo deficiente, já que a morfologia de concordância é não-distintiva em

inglês. Todavia, ele não é capaz de motivar sozinho o preenchimento lexical de Spec-TP, conforme dito na subseção anterior.

Já os traços [*uFoc*] e [*uTop*] não estão ativos em T° no dado do inglês, pois o DP em Spec-TP é um sujeito canônico nessa língua. Além disso, o pronome ‘*it*’ é de natureza expletiva. Como justificar que um expletivo, geralmente juntado diretamente a Spec-TP, vai reagir a efeitos de tópico e foco? Não é sobre o expletivo que se diz algo (tópico), e efeito contrastivo ou de ênfase (foco) não pode apresentar, já que é um elemento puramente sintático, e, por isso, não representa nenhum valor expressivo.

Em síntese, como foi visto nesta seção, a presença de XPs argumentais (convencionais ou expletivos) em Spec-TP está conectada com a presença do traço [*uP*] no núcleo T°. XPs não-prototípicos apenas aparecerão em Spec-TP se o núcleo T° herdar os traços [*uFoc*] ou [*uTop*] de C°, como acontece em línguas de sujeito nulo total ou parcial e/ou orientadas para o discurso. Em outras palavras, toda vez que a posição de Spec-TP for preenchida por sujeitos convencionais ou expletivos, isso se deve à valoração do traço [*uP*] do núcleo T°. Já o preenchimento da posição de especificador de CP, ou do especificador de TP por XPs não prototípicos, justifica-se pela presença de outros traços de margem ativos nos núcleos, tais como os traços de [*uTop*] e [*uFoc*].

Tendo em vista a teoria desenvolvida até aqui, podemos conceber EPP da seguinte maneira:

EPP constitui um epifenômeno encontrado nas línguas naturais, que resulta dos traços [*uD*], [*uP*], [*uTop*] e [*uFoc*] ativos nos núcleos C^0/T^0 ou v^0/V^0 .

A seguir, retomo as principais proposições deste capítulo.

4.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentei minha proposta teórica, na qual assumo que o traço EPP precisa ser fatorado em diferentes traços de margem, que são os traços [*uD*], [*uP*], [*uFoc*] e [*uTop*]. É essa fatoração que propicia a explicação de fenômenos interlinguísticos correlacionados ao preenchimento pré-verbal por elementos de natureza sintática distinta, sejam expletivos, sujeitos, tópicos ou focos. Os traços que compõem EPP podem estar ativos nos núcleos das categorias sintáticas – C-TP e v-VP. Nesses núcleos, promovem o *Merge* interno ou externo de elementos para as suas respectivas posições de especificadores. Assim, os fenômenos linguísticos que se conectam com a emergência de XPs à periferia esquerda dos verbos são justificados a partir dos traços de margem resultantes da fatoração de EPP. Esta proposta de análise é mais econômica do que outras que defendem que há um traço EPP isolado em cada núcleo, o qual, em conjunção com outros traços, favorecem o preenchimento das posições de especificadores. Em suma, proponho que: (i) todos os traços gramaticais são compartilhados pelas línguas naturais, conforme prevê o princípio de uniformidade forte; (ii) os traços gramaticais de margem correspondem à fatoração do traço EPP e são eles que possibilitam o preenchimento fonológico nas variadas posições de especificadores; e (iii) a nomenclatura EPP é apenas ‘mnemônica’, já que não existe um traço único que deva receber essa denominação.

No próximo capítulo, meu objetivo é verificar como ocorre a valoração dos traços de margem fatorados no PB. Além disso, proponho uma categorização para os XPs que aparecem preenchendo a posição sintática à esquerda do verbo no PB, ou seja, Spec-CP ou Spec-TP, a partir dos traços de margem presentes nos núcleos funcionais.

CAPÍTULO 5: VALORAÇÃO DE TRAÇOS DE MARGEM EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, de posse da proposta teórica apresentada no capítulo anterior, tenho por objetivo argumentar sobre a forma de valoração dos traços de margem [*uP*], [*uD*], [*uTop*] no PB. Outro objetivo é categorizar sintaticamente os elementos XPs que aparecem na posição à esquerda do verbo, seja ela Spec-TP ou Spec-CP, a partir dos traços presentes nos núcleos funcionais.

Para alcançar os objetivos propostos, divido este capítulo em duas seções, que se dividem em subseções, quais sejam: na **seção 5.1**, apresento a forma de valoração dos traços de margem componentes de EPP no PB; na **seção 5.2**, exponho a proposta de categorização sintática dos elementos XPs que ocupam Spec-TP ou Spec-CP no PB; e, na **seção 5.3**, apresento o resumo deste capítulo.

5.1 DA VALORAÇÃO DE TRAÇOS DE MARGEM NO PB

Como detalhadamente descrito nos capítulos 2 e 3 desta tese, o PB tem favorecido o preenchimento de posições à esquerda da sentença, fazendo cada vez mais emergir XPs antecedendo o verbo, o qual tende a aparecer em segunda posição. Muitos linguistas têm defendido a ideia de que esse comportamento

sintático tem conexão direta (i) com o enfraquecimento do paradigma flexional dessa língua; (ii) com a perda da capacidade de licenciar sujeitos nulos em contextos referenciais ou não-referenciais; e (iii) com a hipótese de o PB ser uma língua orientada para o tópico. Nesta seção, desenvolvo uma teoria na qual defendo que a emergência de XPs antecedendo o verbo no PB pode ser explicada a partir do tipo de relação que existe entre os traços formais que compõem EPP.

Para os casos de topicalização discursiva no PB, proponho que os XPs em Spec-CP ocorrem para possibilitar a valoração do traço [μ Top] do núcleo C^o. Por outro lado, para os casos em que ocorrem XPs na posição de Spec-TP, assumo que a emergência desses itens tem conexão direta com o enfraquecimento do paradigma flexional dessa língua, que trouxe como consequência a ativação de traços de margem no núcleo T^o.

Vários linguistas, estudando o PB dialetal, têm mostrado que a marcação da flexão de pessoa no paradigma verbal foi reduzida de seis morfemas de pessoa diferentes para apenas três morfemas. Essa mudança gramatical pode ser particularmente observada quando se compara o PB não-contemporâneo com o PB não-padrão, como segue:

Pessoa	Pronomes	Século XIX	Século XX/1	Século XX/2
1ps	eu	estudo	estudo	estudo
1pp	nós a gente	estudamos	estudamos estuda	estudamos estuda
2ps	tu você	estudas estuda	estudas estuda	estuda(s) estuda
2pp	vós vocês	estudais estudam estudam estuda(m)
3ps	ele, ela	estuda	estuda	estuda
3pp	eles, elas	estudam	estudam	estuda(m)

QUADRO 5: Flexão de Pessoa na morfologia verbal (cf. KATO; DUARTE 2014, p. 3⁵²)

Nos dados de oralidade abaixo, retomados do capítulo 2, em que aparecem pronomes fracos em posição pré-verbal, é possível observar que a concordância do verbo com o sujeito não ocorre:

- (1) **Ês** tá morano tudo em Santa Gertrude... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (2) Se **ocêis** me insiná... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (3) **Nóis** tem que fazer a prova hoje. (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (4) **Nóis** tá quereno é viver bem... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Os dados de (1) a (4) mostram que, quando o sujeito vem realizado por pronomes fracos no plural, o verbo não apresenta concordância plena. Tomando por base a análise de Buthers (2009), assumirei, doravante, que a referencialidade do traço [uD] em PB se torna comprometida no núcleo T⁰ nos contextos de (1) a

⁵² No trabalho de Kato e Duarte (2014), a referência do quadro é: “Tabela 1 – Pronome nominativo no Português Brasileiro”. Alterei o nome para facilitar a descrição do fenômeno que me interessa.

(4), devido ao enfraquecimento do paradigma flexional de pessoa. Isso quer dizer que, embora o núcleo T^o possa apresentar o traço [*u*D], esse traço não terá a capacidade de conferir referencialidade à sentença. Já que perdeu a referencialidade, outra estratégia terá de ser fornecida para suprir essa deficiência. Nesta tese, assumo que essa estratégia é ativar traços de margem para atrair XPs de natureza sintática variada para a posição de especificador do núcleo T^o em contextos não-convencionais de preenchimento da posição de sujeito. Em contextos convencionais de preenchimento no PB, o traço [*u*P] sempre está presente, a despeito da presença do traço [*u*D] referencial. Por isso, apenas XPs referenciais ocupam a posição de Spec-TP em PB não-contemporâneo.

Como consequência da perda de referencialidade do traço [*u*D] no PB e da ativação de traços de margem no núcleo T^o, itens XPs de natureza sintática variada ocupam a posição de sujeito na gramática do PB. Esta hipótese é particularmente comprovada pelo conjunto de dados a seguir, em que itens locativos, pronomes fracos/genéricos e DPs genitivos aparecem em posição inicial da sentença.

- (5) Você **tem** muitos castelos na Europa. → PREDICADO EXISTENCIAL
- (6) Essas janelas **ventam** muito. → PREDICADO ATMOSFÉRICO
- (7) **Ês** tá morando tudo em Santa Gertrude. → PRONOMES FRACOS
- (8) **Eles** falam que amizade de boteco... → PRONOME ARBITRÁRIO

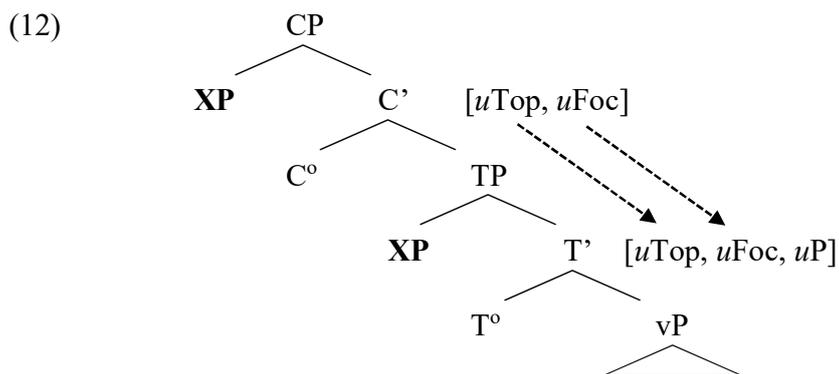
- (9) **Você, cê** tá louco! → REDOBRO DE SUJEITO
- (10) **Lá** vem ele **ali**. → REDOBRO DE LOCATIVO
- (11) **Os carros** furaram o pneu. → ELEMENTOS TOPICALIZADOS

Tendo em conta os dados apresentados até aqui, desenvolvo nesta seção uma teoria segundo a qual a ocorrência crescente de XPs pré-verbais no PB pode ser assim explicada:

O surgimento da ordem [XP V (DP)] no PB está conectado com a maneira pela qual são valorados os traços de margem [uD], [uP], [uFoc] e [uTop], que estão ativos em T^o e/ou em C^o.

Em síntese, os traços de margem [uD], [uFoc] ou [uTop] do núcleo C^o, e o traço [uP] do núcleo T^o, são valorados por XPs de natureza sintática distinta em Spec-CP/TP, seja por tópicos ou focos (prototípicos ou não) ou por sujeitos (convencionais ou não). Há evidências de elementos XPs no PB na posição de Spec-vP devido à valoração do traço de foco, como, por exemplo, nos dados com redobro de clíticos. No entanto, deixarei esta análise para um trabalho futuro. Para os objetivos propostos neste capítulo, os exemplos selecionados contemplam elementos XPs ocupando a posição de especificador de CP ou de TP no PB para valorar os traços de margem [uD], [uP] e [uTop].

Em linhas gerais, XPs tópicos prototípicos valoram o traço [*uTop*] do núcleo C°. E para XPs argumentais (convencionais/semiconvencionais ou expletivos) em Spec-TP no PB, proponho que isso esteja conectado com a presença do traço [*uP*] no núcleo T°. Já os XPs tópicos-sujeito, estes aparecerão em Spec-TP se e apenas se o núcleo T° herdar os traços [*uTop*] e [*uFoc*] de C°, como ocorre em línguas de sujeito nulo total ou parcial e/ou orientadas para o discurso. Em outras palavras, toda vez que a posição de Spec-TP for preenchida por sujeitos convencionais/semiconvencionais ou expletivos, isso se deve à valoração do traço [*uP*] do núcleo T°. Já o preenchimento da posição de Spec-CP, ou ainda de Spec-TP por XPs não previstos, como argumentos não-típicos, por exemplo, justifica-se pela presença dos traços [*uFoc*] ou [*uTop*], ativos em C°; ou ativos em T°, resultado da transferência desses traços do núcleo C° para o núcleo T°, como estruturado abaixo:

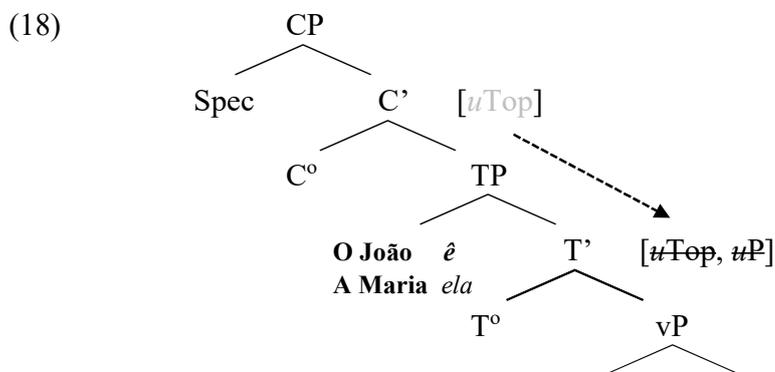


Assumo ainda que, diferentemente de Miyagawa (2010), não será necessário incluir na estrutura sintática a projeção αP para os dados do PB. A utilização dessa projeção se faz necessária em línguas como o japonês, nas quais dois argumentos com mesmo Caso disputam a posição argumental de Spec-TP, conforme explicitado no capítulo 1.

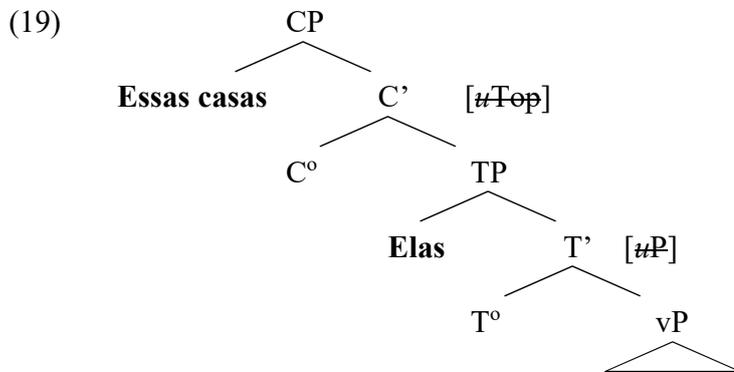
Já em relação ao PB, se houver dois XPs em posição anterior ao verbo, a proposta que assumo nesta tese é a de que ambos ocupam Spec-TP (em adjunção ou não), quando não há pausa prosódica entre eles, funcionando o segundo elemento como clítico em relação ao primeiro. Quando houver pausa prosódica entre o DP e o clítico (cf. PONTES 1987), o DP deve ser interpretado como tópico prototípico, sendo, portanto, juntado a Spec-CP. Forte evidência a favor desta hipótese vem de exemplos em que o tópico é redobrado por pronomes fracos ou genéricos, como nos exemplos de (12) a (15); ou em casos em que o tópico coocorre com o sujeito, conforme os exemplos (16) e (17):

- (12) **O João** ê já tá vindo.
- (13) **A Maria** ela já falou que não vem.
- (14) **Essas casas**,**elas** batem muito sol.
- (15) **No Epa**,**eles** têm muitas promoções.
- (16) **A Rosa****eu** falei com ela ontem.
- (17) **Isso****eu** tenho uma porção de exemplos.

Nas sentenças (12) e (13), tanto os XPs ‘o João’ e ‘a Maria’ quanto os pronomes ‘ê’ e ‘ela’ estão em Spec-TP, valorando respectivamente os traços $[u\text{Top}]$ e $[u\text{P}]$ de T° , como se vê em (18), a seguir, que mostram o mapeamento das sentenças (12) e (13):



Já nos exemplos de (14) a (17), os XPs ‘essas casas’, ‘no Epa’, ‘a Rosa’ e ‘isso’ são tópicos prototípicos e ocupam a posição de Spec-CP, valorando o traço $[u\text{Top}]$ do núcleo C° ; e, em Spec-TP, os pronomes ‘elas’, ‘eles’ e ‘eu’ valoram o traço $[u\text{P}]$ de T° , conforme mostra a estrutura sintática (19), a seguir, do dado (14):



Na próxima seção, discorro sobre a categorização sintática dos elementos XPs que aparecem em Spec-CP/TP de acordo com os traços de margem ativos nos núcleos C° e T°.

5.2 DA CATEGORIZAÇÃO SINTÁTICA DE XPS PRÉ-VERBAIS NO PB

Nesta seção, apresento a proposta de categorização dos elementos XPs que aparecem preenchendo a posição sintática de Spec-CP/TP. Esses elementos devem ser categorizados de acordo com traços de margem presentes nos núcleos C° ou T°, os quais motivam o preenchimento lexical das posições de especificadores de CP/TP.

No quadro 6, abaixo, apresentamos uma síntese da proposta que assumo para a classificação dos XPs de natureza sintática diversificada que ocupam Spec-

CP/TP no PB, de acordo com a relação entre os traços de margem presentes nos núcleos gramaticais. Vejamos:

<i>Posição de Spec</i>	<i>CATEGORIA SINTÁTICA</i>	<i>Traço de margem motivador do preenchimento</i>			
		[uP]	[uTop]	[uFoc]	[uD]
CP	Foco Prototípico	Inativo	Inativo	Ativo	Ativo*/ Inativo
	Tópico Prototípico	Inativo	Ativo	Inativo	Ativo*/ Inativo
TP	Sujeito convencional (DPs)	Ativo	Inativo	Inativo	Ativo*/ Inativo
	Sujeito expletivo sintático	Ativo	Inativo	Inativo	Ativo*/ Inativo
	Tópico-sujeito	Inativo ⁵³	Ativo*	Inativo	Ativo*/ Inativo
	Foco-sujeito	Inativo/ Ativo	Inativo	Ativo*	Ativo*/ Inativo

QUADRO 6: Preenchimento de Spec-CP/TP e traços de margem no PB (*Possibilidade de herança do traço do núcleo C°)

Conforme assumido na primeira seção deste capítulo, deixaremos em suspenso os casos em que o preenchimento das posições de especificadores de CP/TP no PB é efetivado por meio de um XP categorizado como foco prototípico

⁵³ Para as sentenças com dois elementos XPs distintos (um tópico-sujeito e um sujeito) em Spec-TP, havendo contiguidade entre eles, o traço [uP] pode também estar ativo em T°.

ou foco-sujeito. Nos exemplos selecionados para análise nesta tese, os XPs em Spec-CP/TP são sujeitos (convencionais ou expletivos sintáticos) ou tópicos (prototípicos ou argumentais).

Dessa maneira, são as seguintes as categorias XPs preenchedoras das posições de Spec-CP/TP em PB:

- (i) Tópicos Prototípicos;**
- (ii) Sujeitos Convencionais;**
- (iii) Sujeitos Expletivos Sintáticos;**
- (iv) Tópicos-Sujeito ou Tópicos Argumentais.**

Pelo que se pode perceber por meio do quadro (6), na página anterior, a categoria sintática de um XP submete-se ao tipo de traço de margem ativo no núcleo funcional. Vejamos como se dá a relação entre o tipo de traço no núcleo e o XP na posição de especificador nas subseções seguintes:

5.2.1 Tópicos PROTOTÍPICOS

Toda vez que o traço [*u*Top] estiver ativo no núcleo C^o, o XP na posição de Spec-CP deve ser categorizado como TÓPICO PROTOTÍPICO. O XP recebe essa

nomenclatura devido ao traço envolvido na valoração, que é o traço de tópico. E é um tópico prototípico porque o traço envolvido origina-se diretamente no núcleo de CP.

Esse tipo de preenchimento pode ser exemplificado pelo dado em (16), repetido abaixo como (20):

(20) **A Rosa... eu** falei com ela ontem.

Em (20), o DP ‘a Rosa’ ocupa a posição de Spec-CP, pois é requerido para valorar o traço [*u*Top] do núcleo C. Por isso, classifica-se como **tópico prototípico**.

5.2.2 Sujeitos CONVENCIONAIS ou EXPLETIVOS SINTÁTICOS

Os XPs que ocupam a posição de Spec-TP devido à valoração do traço de margem [*u*P] devem ser classificados como SUJEITOS CONVENCIONAIS ou SUJEITOS EXPLETIVOS SINTÁTICOS.

O traço [*u*P] está ativo toda vez que a posição de sujeito for preenchida por XPs de natureza argumental típica, **convencionais** ou **expletivos**. No caso de

um XP temático preencher a posição de Spec-TP para valorar o traço [*uP*], categorizo-o como sujeito **convencional ou temático**; no caso de o preenchimento se dar por intermédio de um sujeito argumental não convencional, categorizo o XP como **expletivo sintático**.⁵⁴

Denomino de **EXPLETIVO SINTÁTICO** XPs argumentais típicos cuja função é promover a valoração de um traço de margem fonológica, rotulado aqui de traço [*uP*], do núcleo T°. Assim, essa denominação se difere de outras que tratam o elemento expletivo como desprovido de valores semânticos. Na proposta em estudo, o que assumo como expletivo pode ter valor semântico; todavia, ele aparece numa posição sintática não esperada, única e exclusivamente para tornar possível a valoração do traço de margem [*uP*] de T°. E, por isso, sua categorização não é de um expletivo comum, mas de **expletivo ‘sintático’**.

Os XPs argumentais que não são sujeitos convencionais em Spec-TP têm sua matriz fonológica atraída para essa posição, já que o traço [*uP*] é de natureza fonológica. Em conformidade com Kato e Duarte (2003), o PB apresenta uma

⁵⁴ Estou assumindo que o preenchimento por sujeitos temáticos (ou expletivos) da posição tradicionalmente reconhecida como a de sujeito – Spec-TP – ocorre devido ao traço [*uP*], contraparte de EPP. Esse preenchimento se dá por meio de sujeitos convencionais ou de sujeitos expletivos sintáticos, por exemplo. Assim, uma consequência dessa visão teórica é que, caso ocorram expletivos na posição de especificador de CP, isso não será devido ao traço [*uP*], dada sua exigência de preenchimento por sujeitos canônicos. Uma conjectura é que expletivos na região de CP, à margem, são derivativos da valoração de outra subparte de EPP, possivelmente [*uFoc*]. Não é interesse nesta tese expandir a análise para construções com preenchimento de Spec-CP por expletivos. Assim, não especifico exatamente qual o traço envolvido da sonda C° que será valorado por meio de expletivos na posição de especificador deste nível sintático, ficando essa proposta de trabalho também para investigação futura.

condição anti-V1, que, segundo as autoras, trata-se de um requerimento do componente fonológico, e não puramente do componente sintático, para preencher lexicalmente a posição de sujeito. Para elas, isso significa que qualquer XP pode aparecer em Spec-TP, não necessariamente o sujeito temático. Em outras palavras, um **sujeito expletivo sintático** pode aparecer nessa posição com a função precípua de valorar o traço fonológico [*uP*].

Para validar o XP sujeito não-canônico que valora o traço [*uP*] como **expletivo**, acompanho Vangsnes (2002, p.62), que afirma que, em islandês, V-finito não tem o traço “dêixis”; deste modo, um DP precisa sempre ocorrer na posição de especificador de T°. Pronomes sujeitos precisam, nessa língua, ser realizados em Spec-TP. E, no caso de sujeitos não-definidos, um elemento contendo [Caso] ou [dêixis] precisa aparecer nessa posição. Para o autor, um expletivo é suscetível para se juntar a essa posição, no lugar do sujeito, pois **expletivos têm o traço [dêixis]**⁵⁵. Vangsnes (2002, p. 62) ainda afirma que

as origens etimológicas de expletivos são tipicamente ou pronomes (*it*, do inglês, p.ex.), ou advérbios dêiticos (*there*, do inglês, p.ex.), e uma vez que pronomes carregam traços [dêixis] e advérbios dêiticos também, a conjectura de que expletivos carregam esse traço parece não-problemática.⁵⁶

⁵⁵ Grifo nosso.

⁵⁶ No original: “*The etymological origins of expletives are typically either pronouns (it, pad) or deictic adverbs (there), and since pronouns carry the feature [deixis] and deictic adverbs arguably do so, too, the conjecture that expletives carry this feature appears unproblematic.*” (VANGSNES 2002, p.62)

Vangsnes (2002) declara que isso explica a razão por que pronomes e adverbiais dêiticos estão na base da origem de expletivos nas línguas. Essa teoria me permite utilizar o mesmo raciocínio para fornecer a interpretação dos itens XPs que estou denominando de expletivos sintáticos. Mesmo que ainda haja resquícios de valor semântico, isso se deve à natureza “dêitica” dos elementos que recebem essa classificação.

As sentenças seguintes, com dados de fala espontânea, exemplificam o preenchimento de Spec-TP por sujeito convencional e por expletivo sintático, para a devida valoração do traço [*u*P]:

(21) A Maria telefonou pro Paulo agora. —> SUJEITO CONVENCIONAL

(22) Você tem muita plantação de café aqui —> EXPLETIVO SINTÁTICO

No exemplo em (21), o XP na posição de sujeito recebe a categorização de **sujeito convencional**, uma vez que é semanticamente selecionado pelo verbo. Já em (22), o XP em Spec-TP é categorizado como **sujeito expletivo sintático**, já que o verbo ‘ter’, no sentido de haver, tem características de um verbo impessoal. Embora o pronome ‘você’ não seja um expletivo prototípico, nesse

Em (24), tanto o XP ‘a menina’ quanto o pronominal ‘ela’ ocupam Spec-TP. O XP ‘a menina’ valora o traço [u Top], enquanto o pronominal ‘ela’ valora o traço [u P]. Ambos os traços estão ativos em T^o.

5.2.4 Do estatuto do traço de margem [u D] em PB

O traço de margem [u D] poderá estar ativo ou não-ativo⁵⁷ nos núcleos C^o ou T^o, dependendo do tipo de concordância do XP na posição de especificador com o verbo finito, ou com a presença de um elemento dêitico (locativo, por exemplo) na sentença. Como já afirmado, o traço [u D] não é capaz de motivar *Merges* (internos ou externos) sozinho. Por isso, seu comportamento se difere dos demais traços de margem analisados com relação ao preenchimento de Spec-CP/TP. Em outras palavras, se houver concordância não-*default* (isto é, diferente de concordância de 3^a pessoa), ou se estiver presente um elemento de natureza dêitica na sentença, significa que o traço [u D] está ativo em C^o ou em T^o. Assim, o XP na posição de especificador de CP/TP será de qualquer natureza (tópico

⁵⁷ Já que assumo o Princípio de Uniformidade Forte (cf. MIYAGAWA 2010), um traço pode estar ativo ou não-ativo numa mesma língua. Se ativo na sonda (ou seja, ininterpretável), deverá ser valorado de alguma maneira, e estará visível na sintaxe. Caso não esteja visível, estará inativo. É exatamente o que acontece com o traço [u D] em línguas de sujeito nulo parcial, orientadas para tópico: quando há concordância D-marcada ou elemento dêitico, o traço [u D] está ativo; se a concordância é *default* e não há elemento dêitico, o traço [u D] não está ativo.

prototípico, sujeito convencional, expletivo sintático ou tópico-sujeito), a depender do tipo de traço de margem presente em C^o/T^o, além do traço [*u*D].⁵⁸

Por outro lado, considerando que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial (cf. HOLMBERG 2010), pode ser que o traço [*u*D] apareça sozinho em T^o (ativo ou não-ativo)⁵⁹, derivando construções com sujeitos nulos. Se ativo, motivará construções com sujeito nulo referencial (como em (25), a seguir), com morfologia verbal D-marcada, ou seja, com morfologia de 1^a pessoa, ou com elemento dêitico pós-verbal. Nesse caso, o traço [*u*D] ativo será valorado pela concordância do verbo (que funciona como sujeito, no sentido de KATO 1999)⁶⁰ ou pelo elemento dêitico, como é visível em (25), a seguir:

(25) _____ Cheguei cedo **da escola**. → SUJEITO NULO REFERENCIAL

⁵⁸ Consoante Carvalho (2017), o traço [*u*D] assim pode ser subespecificado: [D [específico [definido [dêitico [distal]]]]]. Em PB, devido à deficiência do traço de pessoa na concordância, o traço [*u*D] não tem mais a propriedade de referencialidade/especificidade.

⁵⁹ Um exemplo de que um traço pode estar ativo ou não-ativo em determinada língua vem do espanhol. Nessa língua, de sujeito nulo obrigatório, verbos de alçamento têm um traço-EPP ativo (cf. SHEEHAN 2006, p.245). Isso quer dizer que, em outros contextos, na mesma língua, esse traço não está ativo, haja a natureza *pro-drop* do espanhol. Fernández-Soriano (1999; *apud* SHEEHAN 2006, p. 242) também afirma que locativos preenchem a posição de predicados atmosféricos no espanhol. Em suma: existe um traço de margem ativo no espanhol nos contextos citados que força o preenchimento da posição de Spec-TP, mesmo essa língua sendo de sujeito nulo obrigatório.

⁶⁰ “Uma proposta que vem sendo discutida no âmbito da literatura gerativa dos últimos anos [cf. Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) e Kato (1999, 2000b, 2002)] é a de que os morfemas (afixos e clíticos) de concordância em LSNs possuem propriedades morfossintáticas capazes de verificar o traço EPP e de ter o Caso (nominativo) valorado pelo núcleo T^o. Nessas situações, Spec-TP não seria projetado” (DUARTE 2008, p. 49).

Se [*uD*] não estiver ativo em T°, teremos uma construção impessoal, sem traços de margem a serem valorados, e a posição de especificador não será projetada. Neste caso, o verbo apresentará concordância *default* e nenhum elemento dêitico estará presente na sentença, conforme (26):

(26) Vende picolé. → ORAÇÃO IMPESSOAL

Em síntese, assumo que construções impessoais sem elemento dêitico não projetam a posição de Spec-TP, pois nenhum traço de margem está presente em T°.

Para finalizar, consideremos ainda os exemplos (27) e (28). Em (27), a presença do locativo pós-verbal garante a projeção da posição de Spec-TP, já que o núcleo T° possui o traço [*uD*]:

(27) ___ Vende picolé aqui. → SUJEITO NULO DÊITICO

Em (28), a seguir, o locativo é juntado a Spec-TP, atraído pelo traço de margem [*uP*] ativo em T°. Nesse exemplo, o locativo deve ser interpretado como **sujeito expletivo sintático**:

(28) Aqui vende picolé. → SUJEITO EXPLETIVO SINTÁTICO

Na seção seguinte, apresento o resumo do capítulo.

5.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentei minha proposta para explicar como ocorre a valoração de traços de margem no PB. Adicionalmente, explicitarei como devem ser categorizados os variados XPs que preenchem a posição de Spec-CP ou de Spec-TP nessa língua.

Em relação à forma de valoração de traços no PB, argumentei que o que motiva a ativação de traços de margem no núcleo T° nessa língua é a perda da capacidade de referencialidade do traço $[\mu D]$ em T° . Essa deficiência de $[\mu D]$ deve-se ao enfraquecimento por que passou a morfologia de concordância dessa língua desde a segunda metade do século XX. Como efeito colateral da ativação de traços de margem em T° , elementos XPs de natureza sintática diversificada passam a ocupar a posição de especificador de TP em contextos não esperados.

Dependendo do tipo de traço de margem ativo no núcleo C° ou T° , os XPs nas respectivas posições de especificadores desses núcleos recebem categorizações sintáticas distintas. Se valora o traço $[\mu Top]$ em C° , o XP deve ser compreendido como um tópico prototípico, ocupando a posição de Spec-CP. Se valoram o traço $[\mu P]$ do núcleo T° , o XP pode ser categorizado como sujeito convencional ou como sujeito expletivo sintático, a depender do tipo de s-seleção

do verbo, e ocupa a posição de Spec-TP. Se valora o traço [$u\text{Top}$] de T° , transferido do núcleo C° , o XP em Spec-TP será um tópico-sujeito.

Considerando ainda que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, ficou assentado que a possibilidade de sujeitos nulos nessa língua conecta-se diretamente com as propriedades intrínsecas ao traço [uD]. Isso significa que só há sujeitos nulos no PB em contextos nos quais o único traço de margem presente é o traço [uD], que não é capaz de suscitar *Merges* sozinho. No caso de esse traço ainda carregar resquícios de referencialidade, o sujeito nulo será referencial. Se não tem mais a capacidade referencial, mas há a presença de elemento dêitico na sentença, o sujeito nulo será dêitico. Caso não haja referencialidade e nem dêixis na sentença, essa será uma verdadeira construção impessoal, sem a projeção da posição de Spec-TP.

No próximo capítulo, o objetivo é aplicar a proposta teórica aqui retratada aos dados do PB que apresentam o preenchimento de Spec-TP por sujeitos, sejam eles convencionais ou expletivos sintáticos.

CAPÍTULO 6: ESTATUTO DE SUJEITOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, o objetivo é discutir o estatuto dos XPs que ocupam a posição de Spec-TP no PB, categorizados como sujeitos. Em conformidade com o que foi apresentado no capítulo anterior, há duas categorias de sujeito em Spec-TP no PB – **sujeitos convencionais/semiconvencionais** e **sujeitos expletivos sintáticos**. Outro objetivo é apontar as propriedades morfossintáticas envolvidas nas derivações das construções com esses sujeitos.

Sujeitos convencionais são s-selecionados pelo verbo e, por isso, mantêm uma propriedade temática. Nesta tese, o foco recai sobre sujeitos mais ou menos convencionais, isto é, aqueles sujeitos que são s-selecionados pelos verbos, mas apresentam algumas características que os distinguem dos sujeitos tradicionalmente aceitos no PB.

Sujeitos expletivos sintáticos não são s-selecionados pelos verbos. No entanto, para atender a um requerimento da GU, ou seja, a valoração do traço de margem [*uP*] em T^o, eles aparecem ocupando a posição de sujeito, i.e., Spec-TP, quando outro elemento argumental prototípico não estiver presente na oração.

Este capítulo se organiza nas seguintes seções: na **seção 6.1**, apresento o estatuto dos sujeitos convencionais ou semiconvencionais, os quais denomino de

TEMÁTICOS; na **seção 6.2**, examino os SUJEITOS EXPLETIVOS SINTÁTICOS; na **seção 6.3**, insiro o resumo do capítulo.

6.1 SUJEITOS TEMÁTICOS

Construções com sujeitos temáticos sempre possuem os traços [*uP*] e [*uD*] ativos. O traço [*uD*] está ativo em razão de esses sujeitos ainda manterem propriedades referenciais. Para ilustrar os sujeitos temáticos, selecionamos, dentre as construções em estudo nesta tese, aquelas que apresentam pronominais em Spec-TP. Como já descrito no capítulo 2, elementos pronominais inusitados têm ocupado a posição de sujeito na sentença em PB. Para os objetivos desta tese, retomamos, nas subseções seguintes, os dados relevantes desses contextos para a devida análise: na **subseção 6.1.1**, analisamos os pronomes fracos; e, na **subseção 6.1.2**, damos evidência aos pronomes genéricos/arbitrários.

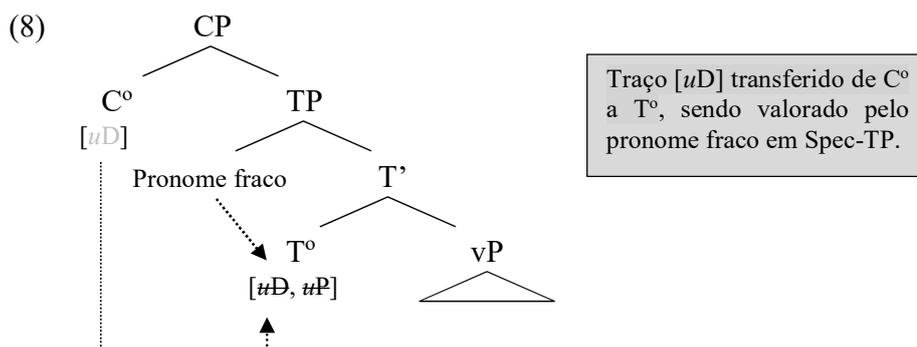
6.1.1 Pronomes fracos

Kato (1999) afirma que pronomes fracos emergem na gramática do PB para suprir a deficiência dos traços de pessoa no paradigma flexional dos verbos. Para a autora, esses pronomes funcionam como clíticos, dada a sua possível contiguidade aos verbos, conforme mostram os dados abaixo.

- (1) *Ês* tá morano tudo em Santa Gestrude memo... São Paulo (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (2) Que *êi* já evém de lá pra cá... que *êi* evem pegano pontuação... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (3) ...*Êa_i* teje na igreja e tudo... que *ela_i* vê *ela₁* garra ne quarqué pessoa de mais idade que é vó... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (4) E *ê* já evem pegano os ôtro ritmo que num teim nada a vê... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (5) *Ocê* chegar nesse bandido e falar, você matou. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (6) Se *ocêis* me insiná... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (7) Não...*cê* tem que aprendê é desse jeito... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Ramos (2006) e Vitral e Ramos (2006) também investigam o estatuto gramatical dessas formas fracas e assumem que elas são clíticos pronominais, ocupando a posição de sujeito. Butchers (2009) analisa essas formas pronominais e conclui que sua ocorrência em Spec-TP se justifica pela necessidade de valoração dos traços [*uP*] e [*uD*] do núcleo T^o. Tendo em conta essas

considerações, a teoria que assumirei, doravante, é a de que o surgimento do paradigma dos pronomes fracos tem estreita relação com a necessidade de valoração dos traços de margem da sonda T^0 . Será preciso assumir que, em contextos com esses pronomes, os traços $[uP]$ e $[uD]$ estão ativos no núcleo T^0 . Por serem de natureza argumental, os pronomes valoram o traço $[uP]$ de T^0 . Esses pronomes valoram também o traço $[uD]$ em T^0 , pois compensam a deficiência de pessoa no paradigma flexional dos verbos. Vejamos a estrutura sintática a seguir:



A derivação em (8) pressupõe que a sonda T^0 contém os traços de margem $[uP]$ e $[uD]$ ativos, os quais precisam ser valorados. Para valorá-los, o pronome fraco, então, é juntado a Spec-TP para que a operação de valoração dos traços ocorra.

Na próxima subsecção, apresento a análise do par pronominal ‘eles/es’, empregados com sentido genérico/arbitrário.

6.1.2 Pronomes genéricos/arbitrários

Para a proposta de investigação com pronomes genéricos/arbitrários manifestando-se em posições pré-verbais no PB, valho-me das observações teóricas elaboradas por Souza (2007, 2013) para o pronome arbitrário ‘eles’ e sua forma fraca ‘es’. Em relação a pronomes desse tipo, assumo que a posição que ocupam é Spec-TP. Souza (2007, 2013) afirma que o par ‘eles/es’ é sempre **referencial**, embora em diferentes graus. A autora também considera que podem ocupar a posição sintática de sujeito em construções com indeterminação do sujeito, como se vê nos dados a seguir:

1. Construções indeterminadas, iniciados por locativo:

- (9) a. Na Bahia, **eles** num temperam feijão. (SOUZA 2007, p. 32)
b. Na Bahia, não se tempera feijão.

2. Construções indeterminadas, encabeçadas por coletivo:

- (10) a. Esse povo de antigamente, **eles** eram severos demais. (SOUZA 2007, p. 113)
b. Esse povo de antigamente, era-se severo demais.

3. Construções indeterminadas, com um referente genérico:

- (11) a. Universitário num qué ganhá pouco **ês** qué ganhá muito. (SOUZA 2007, p. 115)

b. Universitário não quer ganhar pouco, quer ganhar muito.

4. Construções indeterminadas, cujo referente é indefinido:

- (12) a. **Eles** falam que amizade de boteco não vale nada. (SOUZA 2007, p. 68)
b. Falam que amizade de boteco não vale nada.
c. Fala-se que amizade de boteco não vale nada.

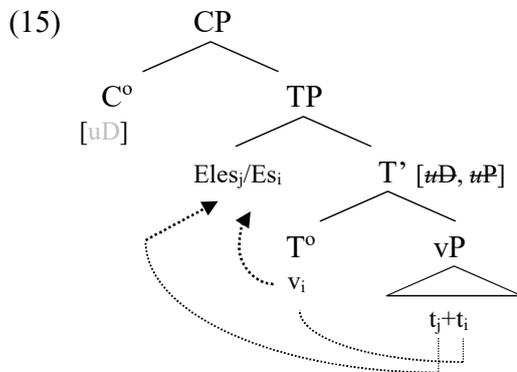
Outra observação pertinente levantada por Souza (2007, 2013) é que, em construções sintáticas com o pronome fraco ‘es’, o grau de referencialidade é bem menor. Nesses contextos, não ocorre concordância de número entre o verbo e os traços- ϕ do sujeito, conforme fica evidente pelo contraste nos dados a seguir:

- (13) Os alunos da escola, **eles** sempre **fazem** bagunça.
(14) Aqui na escola, **es** sempre **faz** bagunça.

Souza (2007, 2013) realiza testes quantitativos para demonstrar a diferença no grau de referencialidade de dados como (13) e (14). Ancorando-me nas conclusões da autora sobre os sujeitos arbitrários representados por ‘eles/es’, proponho o seguinte para a classe de pronomes arbitrários/genéricos:

- (i) São sujeitos convencionais, dada sua natureza ainda referencial;
- (ii) Ocupam Spec-TP, como consequência da ativação do traço [*uP*] da sonda T°;
- (iii) Ocorrem em contextos nos quais o traço [*uD*] está ativo.
- (iv) Se os pronomes não estão reduzidos, o traço [*uD*] é valorado pela flexão de pessoa do verbo, que ainda apresenta concordância; e o traço [*uP*] é valorado pelo sujeito genérico/arbitrário em Spec-TP;
- (v) Se os pronomes estão reduzidos, ocupam Spec-TP e, *per se*, valoram o traço [*uP*] e também o traço [*uD*], já que, estando reduzidos, satisfazem a deficiência de morfologia de concordância do verbo (cf. KATO 1999).

Tendo por base essa proposta, as sentenças que contêm os pronomes *eles/es* na posição de sujeito possuem as seguintes etapas derivacionais: o pronome é juntado a Spec-TP para valorar os traços [*uD*] e [*uP*] do núcleo T°. Se o pronome aparece em sua forma fraca ‘es’, ele mesmo pode ser interpretado como concordância de pessoa do verbo. Como concordância do verbo, tem a matriz fonológica atraída pelo traço [*uP*] do núcleo T° para a posição de Spec-TP. Assim sendo, o par *eles/es* é juntado a Spec-TP para valorar os traços [*uP*] e [*uD*], conforme mostra a estrutura a seguir:



Na seção seguinte, analisamos o estatuto das construções com XPs categorizados como sujeitos expletivos sintáticos.

6.2 SUJEITOS EXPLETIVOS SINTÁTICOS

Os XPs categorizados como sujeitos expletivos sintáticos correspondem a DPs ou a locativos em Spec-TP nos quais um argumento externo não é requerido ou não está expresso. Por isso, sujeitos expletivos sintáticos ocorrem em predicados IMPERSONAIS, como nos **existenciais**, nos **atmosféricos** e nos **transitivos/inergativos** sem agente; ou **inacusativos**, sem o argumento interno expresso. Ou, ainda, em construções com REDOBRO, seja de **locativos** ou de **sujeitos**. Assumo que, com qualquer um desses predicados, o sujeito não estabelece concordância de PESSOA com o verbo, embora possa apresentar concordância de número em alguns contextos. Entretanto, mesmo sem

concordância de pessoa, o sujeito expletivo sintático tem a capacidade de atribuir definitude/deiticidade à sentença ao valorarem o traço [*uD*], que está presente em T°, embora tenha perdido a propriedade referencial. Em Spec-TP, sujeitos expletivos sintáticos são inseridos diretamente nessa posição por meio de *Merge* externo, especificamente para valorar o traço [*uP*] ativo no núcleo T°.

Nas subseções seguintes, analisamos os contextos que apresentam sujeitos expletivos sintáticos em Spec-TP, conforme o seguinte: na **subseção 6.2.1**, apresento construções com redobro de sujeito; na **subseção 6.2.1**, retomo construções com predicados existenciais; na **subseção 6.2.3**, investigo os sujeitos de predicados atmosféricos; na **subseção 6.2.4**, analiso os sujeitos de predicados sem agente/tema ou inergativos sem agente; e, na **subseção 6.2.5**, finalizo a seção com a análise de construções com redobro de locativo.

6.2.1 Pronomes em construções com redobro de XP

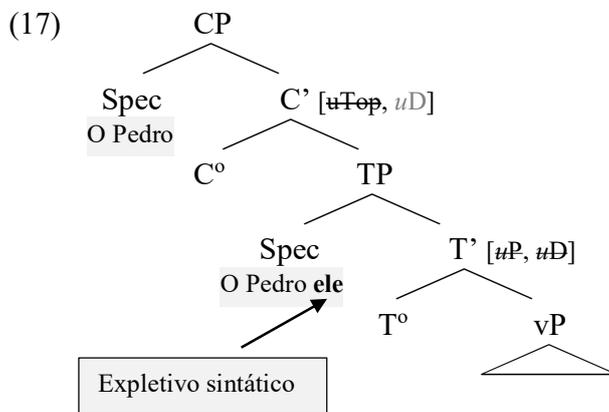
Segundo os estudos de Costa, Duarte e Silva (2006) e Kato e Duarte (2014), o PB apresenta construções nas quais dois XPs ocupam posições antepostas ao verbo, como em (16), abaixo:

(16) a. **O Pedro ... ele** acabou de telefonar. (PB/PE)

- b. **Essa competência ... ela** é de natureza mental. (PB/PE)
- c. **O Pedro_i ele_i** acabou de telefonar. (PB/*PE)
- d. Eu acho que **o povo brasileiro_i ele_i** tem uma grave doença.
(PB/*PE)

Dialogando com os autores e em conexão com a proposta que assumo, os dados em (16) devem ser interpretados de maneira distinta. A distinção entre as construções deriva da pausa prosódica existente entre os XPs, como em (16a) e (16b), em oposição a (16c) e (16d). A presença da pausa prosódica entre os XPs à esquerda do verbo culmina em categorização distinta do XP que inicia a sentença.

Não obstante, para o propósito desta subseção, a distinção entre os XPs antepostos ao verbo é indiferente, pois nossa atenção é sobre o pronome de 3ª pessoa que pode ou não redobrar o XP que antecede o verbo. Para as sentenças de (16), acima, assumirei que o XP iniciando a sentença é um tópico (como veremos no capítulo 7), dada sua leitura um pouco mais enfática em relação ao pronome. Já pronomes com os mesmos traços- ϕ do tópico são **sujeitos expletivos sintáticos**, pois são cópia dos traços- ϕ do XP iniciando a sentença, o qual é selecionados pelo verbo. Os pronomes sujeitos expletivos sintáticos valoram [μ P] e [μ D] concomitantemente, como se vê na estrutura seguinte:



6.2.2 Predicados com ‘ter’ existencial

O verbo ‘ter’ existencial pode apresentar a posição de sujeito preenchida. De acordo com Viotti (1998), o processo de gramaticalização do verbo ‘ter’, que envolve a gradativa mudança de valor possessivo para valor existencial, ainda não foi concluído. Devido a isso, o verbo ‘ter’ existencial ainda mantém uma estrutura subjacente de “posse” (cf. VIOTTI 1998; JORTVEIT 2010). Por isso, assumo que os XPs que antecedem predicados existenciais ocupam a posição de Spec-TP.

Acompanhando a proposta de Avelar (2009) e de Avelar e Callou (2011), o preenchimento da posição de sujeito nos predicados com ‘ter’ existencial pode se dar por meio do pronome ‘você’. Conforme os autores, o item ‘você’ não é um expletivo prototípico, mas um pronome indeterminado. Nessas construções,

‘você’ funciona como o sujeito gramatical da sentença, como se vê nos exemplos a seguir:

- (18) **Você** *tem* muitos castelos na Europa (AVELAR 2009, p.18)
- (19) **Você** *tinha* poucos computadores na década de sessenta. (AVELAR, p. 18)
- (20) ... em Kioto **você** *tem* aquela confusão na rua (...) (AVELAR; CALLOU p.252)

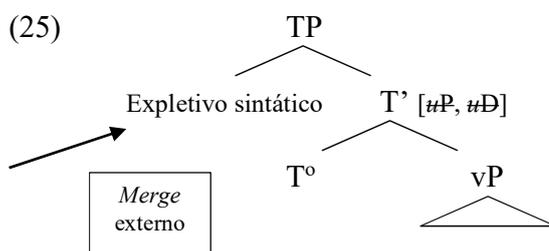
Além do pronome arbitrário ‘você’, advérbios leves, PPs e DPs locativos ou temporais também podem aparecer na posição de sujeito de predicados existenciais, conforme mostram os dados abaixo:

- (21) **Alagoas** não *tem* pessoas qualificadas. (VITÓRIO 2013, pp. 78-83)
- (22) **Aquela barraca** não *tem* ninguém não. (PONTES 1987, p.39)
- (23) **Londres** *tem* prédios lindos. (KATO; DUARTE 2008, p. 2, ex (7))
- (24) **Hoje** *tem* festa em Manhumirim (FALA ESPONTÂNEA).

Para dar conta da derivação das sentenças existenciais, proponho que o pronome ‘você’ e os XPs locativos ou temporais são juntados diretamente na posição de Spec-TP por meio de *Merge* externo, o que permite a valoração do traço [μ P] do núcleo T^o.

Neste tipo de construção, o verbo existencial apresenta morfologia *default*, permanecendo na 3ª pessoa do singular. Isso confirma nossa hipótese,

segundo a qual o traço [μ D] está deficiente no núcleo T° , mas não necessariamente inativo. Como é possível notar nos dados de (20) a (24), um elemento dêitico sempre está presente, na forma do pronome ‘você’, de um locativo ou de um elemento temporal. Esses itens dêíticos valoram o traço [μ D] e são juntados a Spec-TP para valorar o traço [μ P] ativo no núcleo T° . Caso o elemento locativo ou o temporal não sejam juntados a Spec-TP, o pronome ‘você’ sofre *Merge* externo nessa posição sintática. Dessa maneira, em Spec-TP, funcionam como **sujeitos expletivos sintáticos**, conforme mostra a estrutura sintática abaixo: ⁶¹



⁶¹Construções com a posição de Spec-TP vazia nos predicados existenciais com os verbos ‘haver’ ou ‘ter’ também são possíveis em PB, já que é considerado uma língua de sujeito nulo parcial:

___ [μ D] Há prédios lindos **em Londres**.

A posição de Spec-TP é projetada devido à presença do traço [μ D] em T° . E essa posição aparece vazia na oração por não haver traços no núcleo T° que exijam o preenchimento fonológico da posição de especificador. O único traço ativo em T° é [μ D], que é valorado numa relação *AGREE* com o PP locativo pós-verbal. A presença do PP locativo confere a leitura de deiticidade à sentença.

Passemos às construções com predicados atmosféricos.

6.2.3 Predicados atmosféricos

Predicados atmosféricos evidenciam outro contexto não convencional de preenchimento da posição de sujeito. Vejamos os dados abaixo, retirados de Costa, Augusto e Rodrigues (2014):

- (26) a. Sei que há lugares [que **chovem** menos do que outros]
b. ...esses são os lugares [que **nevam**]
c. ...o financiamento e o comando vem dos países [que **nevam**]

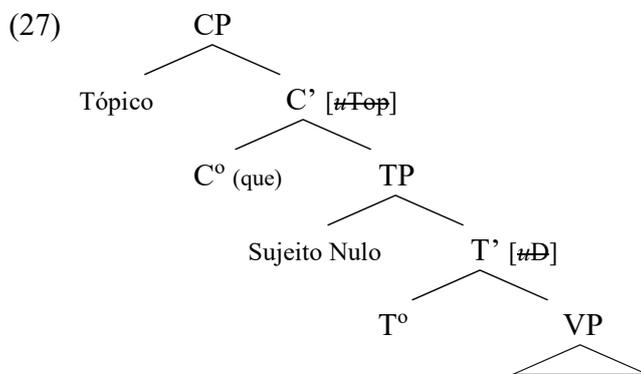
(COSTA; AUGUSTO; RODRIGUES 2014, p. 258)

A explicação dada pelos autores para dados como em (26) é que os locativos ocupando a posição à periferia esquerda do verbo atmosférico são tópicos em Spec-CP. Nesses termos, esse tipo de construção revela concordância do verbo com o tópico (cf. TEIXEIRA DE SOUZA 2010). Acompanhando o essencial da proposta dos autores, assumo que o locativo está em Spec-CP para valorar o traço [*u*Top] do núcleo C°. Admitirei assim que esses XPs são classificados como **tópicos** prototípicos.

É pertinente lembrar que o fato de haver a possibilidade de a posição de sujeito estar vazia justifica-se porque o PB é uma língua de sujeito nulo parcial.

Isso ocorre porque o traço [uD] está presente em T^o nesse contexto, como já argumentado na introdução desta seção. Tomando por base essa teoria, a sentença (26a) tem a derivação de sua parte relevante mostrada em (27):

(26) a. [...] LUGARES_{TÓPICO}... QUE ___ CHOVEM.



Na estrutura em (27), o traço [μ Top] não é herdado de C^o para o núcleo T^o . No núcleo C^o , esse traço é valorado pelo elemento tópico prototípico. O sujeito nulo é validado porque o único traço ativo no núcleo T^o é [μ D].

Há, no entanto, contextos com verbos atmosféricos em que a posição de sujeito vem preenchida por itens locativos diversos, conforme mostram os exemplos abaixo, também retirados de Costa, Augusto e Rodrigues (2014):

- (28) a. Essas janelas **ventam** muito (PONTES 1987)
 b. As cidades do litoral paulista **chovem** muito (AVELAR 2009)

(29) Petrópolis_i é uma coisa. Aquilo_i **chove** demais! (BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA 2009)

- (30) a. ...uns verões_i **chovem**, outros_i **fazem sol**...
b. Caro Renato, em várias partes da Argentina, Bolívia, Chile e Peru **nevam**, sendo que algumas regiões **caem neve** até no verão.
c. ...tem uma certa época em que alguns países **nevam** e outros não.

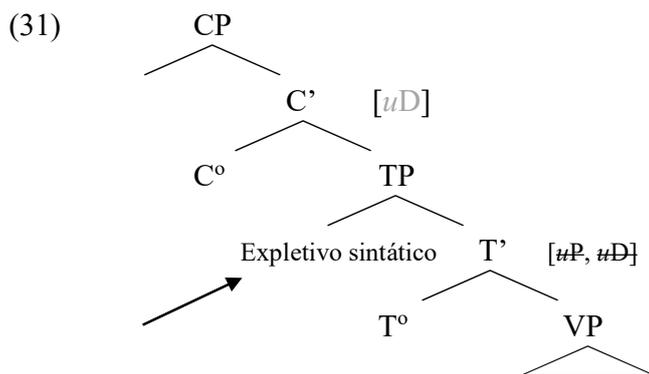
(COSTA; AUGUSTO; RODRIGUES 2014, p. 258)

Minha proposta é a de que os locativos antecedendo predicados atmosféricos flexionados no plural são sujeitos expletivos sintáticos, inseridos em Spec-TP. Assim, o aparecimento desses locativos é motivado pela presença do traço [*uP*] no núcleo T°. Chomsky (1982, pp. 323-325, *apud* SHEEHAN 2006, p. 241) afirma que sujeitos de verbos climáticos são quase-argumentos. Em consonância com o autor, verbos climáticos selecionam argumentos locativos. O mesmo é observado por Fernández-Soriano (1999), que argumenta que predicados atmosféricos têm sujeitos locativos visíveis no espanhol⁶².

⁶² Exemplo com sujeitos locativos de predicados atmosféricos, retirado de Fernández-Soriano (1999), é o que segue:

“En Madrid llueve”
In Madrid rains. (Em Madri chove)

Em síntese, assumirei que XPs locativos em predicados atmosféricos estão em Spec-TP para valorar o traço [*uP*]. Como são dêiticos, valoram também o traço [*uD*] em T°, conforme demonstra a estrutura sintática a seguir:



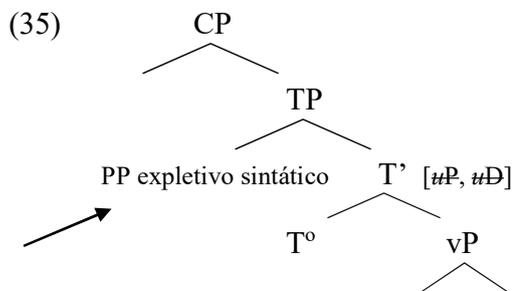
Em suma, para os dois contextos analisados por Costa, Augusto e Rodrigues (2014), temos o seguinte: (i) com predicados atmosféricos no plural, em orações relativas, o XP em Spec-CP estabelece concordância com o verbo e é interpretado como **tópico prototípico**; (ii) em orações simples, com o verbo atmosférico no plural, um **sujeito expletivo sintático** ocupa Spec-TP.

6.2.4 Predicados transitivos sem agente/tema e inergativos sem agente

Em construções transitivas ergativizadas, transitivas sem tema/agente ou inergativas sem agente, o PP locativo pré-verbal valora os traços [μ D] e [μ P] de T°. As sentenças seguintes ilustram, respectivamente, esses contextos:

- (32) **Nas cidades do interior** não *sequestra* tanto como nas grandes capitais.
- (33) **Na casa do João** *cozinha* todos os dias.
- (34) **Naquele rio** *nada* muito.

Construções como as exemplificadas em (32) a (34) são formadas a partir de predicados transitivos ou inergativos; entretanto, o argumento agente não está presente. O verbo também exibe concordância *default*, com leitura não-referencial, o que sugere que essas construções devem ser interpretadas também como impessoais (cf. AVELAR; CYRINO 2009). No entanto, a posição de Spec-TP é projetada para receber o XP requisitado para valorar o traço de margem [μ P], como ocorre com predicados existenciais e atmosféricos. Esse XP, porque tem propriedade dêitica, valora também o traço [μ D] de T°, conforme se vê na estrutura sintática a seguir:



6.2.4.1 Sobre a validação de construções a partir de um locativo

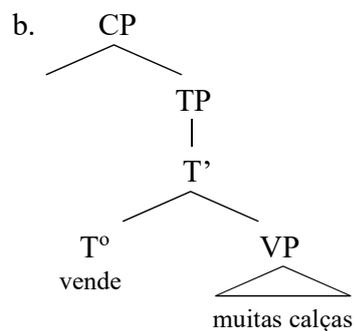
Construções transitivas em que o locativo pré-verbal não está presente, mas o argumento interno é pós-verbal, foneticamente realizado, têm leituras degradadas. Por outro lado, se há um locativo presente na sentença, a estranheza desaparece. Vejamos os exemplos a seguir:

- (36) ? vende muitas calças.
 (37) __ Vende muitas calças **naquela loja**.
 (38) **Naquela loja** vende muitas calças.

A construção em (36) tem leitura degradada porque ela não denota nem especificidade, nem definitude, nem deiticidade à sentença. Isso ocorre porque, nessa construção, o traço [*u*D] não está presente no núcleo T°. O verbo tem concordância *default*, e o DP pós-verbal é o argumento interno. Na sentença (36),

a posição de Spec-TP não é projetada, pois não há traços de margem ativos no núcleo T^o, conforme demonstra a derivação sintática a seguir:

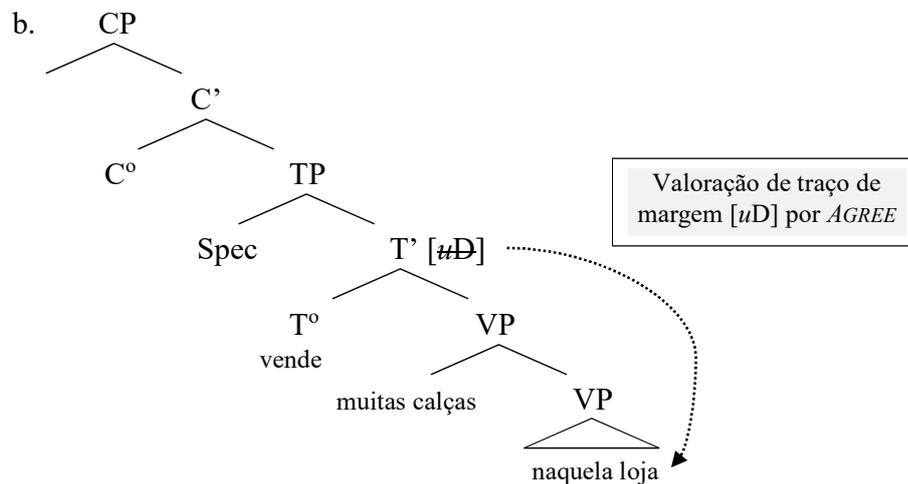
(39) a. ? Vende muitas calças.



Mesmo com leitura degradada, interpreto a construção (39a) como impessoal, uma vez que o verbo mantém características de verbos existenciais típicos, sem posição de especificador projetada em TP, como é possível verificar na estrutura em (39b), acima.

No entanto, numa construção diferente, com um locativo inserido pós-verbalmente, esse locativo tem o poder de valorar o traço [μ D] de T^o, por ser dêitico. Assim, a leitura se torna definida, como a construção em (37), repetida abaixo como (40a). O locativo, nesse caso, valoriza o traço [μ D] por meio de *AGREE*, como se vê em (40b):

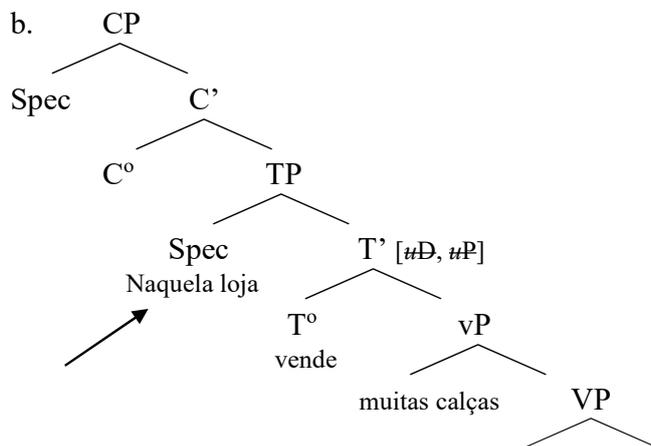
(40) a. *Vende* muitas calças **naquela loja**.



Como já várias vezes mencionado, o traço de margem [μ D] não é capaz de promover nenhum tipo de *Merge*, se não estiver junto a outro traço de margem. Por isso, assumo ser o dado em (40b) uma construção com sujeito nulo dêitico, com a posição de especificador de TP projetada, promovida pela presença do traço [μ D] em T°. Essa posição de especificador é projetada para receber um locativo ou um DP, caso haja outro traço de margem ativo em T°.

Quando um PP locativo é juntado externamente a Spec-TP, emerge a estrutura a seguir:

(41) a. **Naquela loja** vende muitas calças.⁶³



Na derivação sintática em (41), a posição de Spec-TP é projetada devido à presença dos traços de margem [*uD*] e [*uP*], que estão ativos no núcleo T°. Ao

⁶³ Uma ponderação faz-se importante neste momento com relação ao dado em (42) – **Naquela loja** vende muitas calças. Com esse predicado transitivo, mas não com os outros apresentados, é possível uma construção que não é preposicionada, mas se parece muito com a expressão locativa em escrutínio, como a seguir:

Aquela loja vende muitas calças.

Nesse tipo de construção, vou assumir que o DP ‘Aquela loja’ não é derivado do *Merge* interno do PP locativo (que perderia sua preposição em algum momento da derivação). Assumo que se trata de uma construção transitiva prototípica, em que dois argumentos são s-selecionados pelo verbo (um agente e um tema). Embora o agente, nessa construção com o verbo ‘vender’, não tenha o traço [+humano], ele se refere a uma entidade que representa agentes humanos. Segundo Santos Júnior (2010, p. 49, *apud* ROCHA 2014, p.11), em construções do tipo de ‘vender’ com agentes não humanos, “de fato, é possível dizer que não se cogita a identidade de quem vai praticar a ação; todavia, intui-se que a ação vai ser praticada por um ser humano”. Em consideração ao que os autores postulam, assumo que a presença do DP ‘Aquela loja’ faz parte da grade temática do verbo transitivo *vender*, e, como tal, é atraído da posição temática de Spec-vP para Spec-TP, como **sujeito convencional**⁶³, valorando o traço [*uP*] do núcleo T°, traço propício à valoração por sujeitos convencionais ou expletivos.

ser juntado externamente a Spec-TP, o PP locativo valora esses traços e é categorizado como **sujeito expletivo sintático**.

Na subseção seguinte, investigo construções com redobro de locativos.

6.2.5 O redobro de locativo

Em relação às construções com redobro de locativo, proponho que XPs locativos em Spec-TP devem ser interpretados como **expletivos**, conforme os dados de fala espontânea, arrolados abaixo:

- (42) Ah... **lá** vão **lá**... pa vê que que dá...
- (43) **Lá** vou **ali** de novo...
- (44) **Lá** vai **pro colégio**... eu ia pro boteco.
- (45) **Aqui** tem **na biblioteca** muito livro.
- (46) **Aqui** quebra **nessa casa** muita coisa.
- (47) **Ali** bate **na sala** muito sol.

Como se pode notar nos dados de (42) a (47), os locativos redobrados aparecem com verbos inacusativos primitivos ou derivados⁶⁴. Nesses tipos de predicado, um argumento externo não é requerido. No entanto, o preenchimento

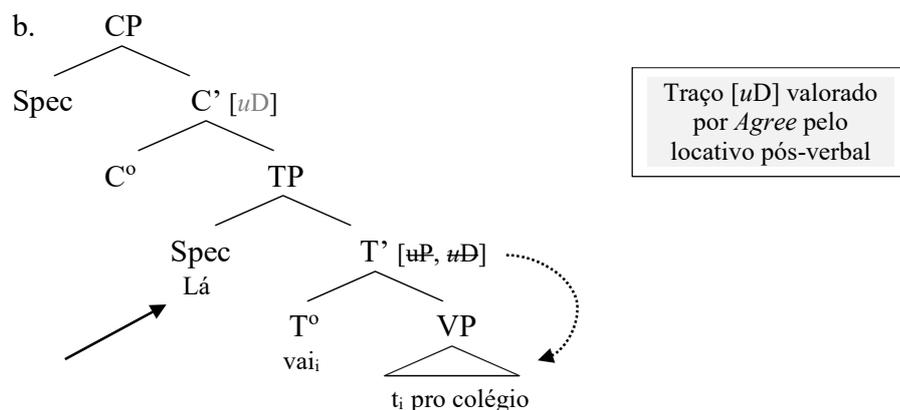
⁶⁴ A nomenclatura “inacusativos primitivos ou derivados” é apresentada por Nascimento (2004, pp. 248-253). Inacusativos primitivos não derivam de uma estrutura transitiva; inacusativos derivados vêm de verbos transitivos, por meio da supressão do argumento externo.

lexical da posição de sujeito precisa ser efetuado como uma operação de último recurso para satisfazer o traço [uP] de T° . Já o traço [uD] deverá ser valorado por meio da operação *AGREE* pelo argumento locativo (dêitico) que está em posição pós-verbal.

Nesta tese, a teoria que proponho é a de que o traço [uP] é valorado pelo locativo redobrançante. Esse locativo leve, sendo ou não um expletivo prototípico, salva a sentença da agramaticalidade. Assumo ainda que o locativo pode valorar qualquer um dos traços de margem evidenciados, não apenas o traço [uP]. Isso vai depender do contexto sintático no qual o locativo está inserido.

No contexto com redobro de locativos, os locativos leves devem ser interpretados como **sujeito expletivo sintático**, conforme demonstra a derivação sintática da sentença (44), repetida abaixo como (45):

(45) a. Lá vai pro colégio.



Na estrutura em (45b), o expletivo ‘lá’ é inserido externamente a Spec-TP, com função de valorar o traço [*u*P] do núcleo T°.

É importante salientar que são possíveis construções com redobro de locativo com o argumento interno DP dos verbos inacusativos explícito, conforme os dados a seguir:

(46) **Lá** vai *ele* pro colégio.

(47) **Lá** vou *eu* pra escola.

(48) **Eu** *lá* vou pra festa.

No entanto, esse argumento só pode aparecer na posição interna ao VP, como em (46) e (47); ou anterior ao locativo leve, como no exemplo (48). Se o argumento interno for deslocado para a posição imediatamente anterior ao verbo, o locativo não poderá ser juntado nessa posição, pois isso tornará a sentença agramatical, conforme mostram os exemplos abaixo:

(49) ***Lá** *ele* vai pro colégio.

(50) ***Lá** *eu* vou pra escola.

Observação pertinente relativa aos dados (49) e (50) é que, com o item ‘lá’ expletivo, há uma tendência à sua contiguidade ao verbo, analogamente a elementos clíticos. A agramaticalidade desses dados poderia ser explicada nesses termos, porque o argumento DP interno romperia essa adjacência, caso sofresse

Merge interno para Spec-TP, antes do *Merge* externo do XP locativo. Esta análise favorece a hipótese segundo a qual o locativo realmente está em posição de sujeito, i.e., Spec-TP.

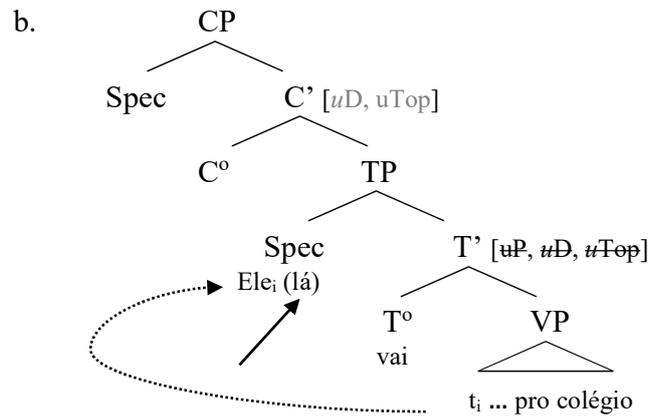
Por outro lado, se o DP aparecer antes do locativo, as sentenças tornam-se gramaticais, conforme ilustro a seguir:

(51) Ele **lá** vai pro colégio.

(52) Eu **lá** vou pra escola.

Os exemplos (51) e (52) servem de evidência adicional a favor da hipótese de que é apenas a matriz fonológica do locativo que é juntada a Spec-TP para valorar o traço de margem [*uP*] do núcleo T°. E, exatamente por isso, ele é considerado um **expletivo**. Uma vez que há outro XP lexicalmente realizado em Spec-TP, outro traço de margem tem que estar presente no núcleo T°. Esse traço corresponde ao traço [*uTop*], herdado do núcleo C° ao núcleo T°. No entanto, como o advérbio em Spec-TP é apenas um composto de traços fonológicos e, minimamente contém [*dêixis*], não está apto a valorar o traço [*uTop*]. Esse traço exige que o argumento interno ‘ele’ se mova de sua posição de base (Spec-VP) para a posição de Spec-TP, conforme se vê pela derivação da sentença (51), repetida abaixo como (53):

(53) a. Ele_{TÓPICO-SUJEITO} **lá**_{SUJEITO EXPLETIVO} vai pro colégio.



Em (53), o DP é juntado internamente a Spec-TP e é interpretado como **tópico-sujeito**, enquanto o locativo leve ‘lá’ se junta externamente a Spec-TP e é categorizado como **sujeito expletivo sintático**.

Na seção seguinte, apresento o resumo do capítulo.

6.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos o estatuto sintático dos XPs categorizados como sujeitos em Spec-TP no PB. Assumi que esses sujeitos são convencionais/semiconvencionais, os quais denominei de temáticos; ou são expletivos sintáticos. Sujeitos temáticos ou expletivos sintáticos são requeridos na gramática do PB para a valoração dos traços [*u*D] e [*u*P], ativos no núcleo T^o. Não obstante o fato de a morfologia de pessoa nos verbos do PB ter se enfraquecido, o traço [*u*D] continua ativo em T^o, devido às suas propriedades de definitude e deiticidade. Porém, porque perdeu a referencialidade de 2^a e 3^a pessoas, o traço [*u*P] se torna ativo inclusive em contextos onde um XP em Spec-TP é inusitado.

Os sujeitos convencionais/semiconvencionais têm como principal característica o fato de serem s-selecionados pelo verbo. Nesse sentido, mesmo que apareçam em contextos não-esperados de preenchimento de Spec-TP, devem ser considerados como temáticos. E, porque fazem parte da grade temática do verbo, ainda mantêm certa propriedade referencial. Esses sujeitos resumem-se a elementos pronominais fracos ou genéricos.

Os sujeitos expletivos sintáticos correspondem a DPs ou a locativos em Spec-TP, em contextos não-referenciais; e a pronomes redobrando XPs ou

locativos redobrando outros locativos no início da sentença. Sujeitos dessa natureza ocorrem em ambientes sintáticos nos quais um argumento externo prototípico está ausente, e por isso têm a função precípua de valorar o traço [*uP*] de T°. Os predicados nos quais sujeitos expletivos sintáticos ocorrem apresentam concordância *default* e equivalem-se a construções impessoais, como existenciais com o verbo ‘ter’ ou atmosféricos; a construções transitivas sem agente/tema, ou inergativas sem agente; ou, ainda, a construções com redobro de locativo e de sujeito.

No próximo capítulo, nossa atenção recai sobre as construções do PB que apresentam a posição de Spec-TP/CP preenchida por um elemento topicalizado.

CAPÍTULO 7: ESTATUTO DE TÓPICOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

O objetivo deste capítulo é analisar as construções que apresentam um XP topicalizado em Spec-CP ou em Spec-TP no PB.

Algumas dessas construções são inusitadas no PB, pois podem ser confundidas com construções de tópico prototípico ou com construções com redobro de sujeito. A análise das propriedades morfossintáticas que envolvem os dois tipos de construções permitirá estabelecer as distinções entre elas.

Outrossim, a proposta de estabelecer o estatuto de tópicos que aparecem em Spec-TP, posição não prevista para alocá-los, permite classificar o PB diferentemente de outras línguas românicas, como o PE. Nesse sentido, veremos que o PB se aproxima das línguas conhecidas como orientadas para tópico, já que XPs diferentes do sujeito canônico podem ocupar Spec-TP.

Este capítulo está dividido de acordo com os elementos XPs topicalizados que aparecem em Spec-CP/TP, como segue: na **seção 7.1**, examino as construções com XPs iniciando a sentença em construções com redobro de sujeito ou de locativo; na **seção 7.2**, analiso as construções em que PPs locativos preenchem a posição de Spec-TP em predicados inergativos e inacusativos; na **seção 7.3**, focalizo XPs locativos precedendo predicados inacusativos

biargumentais e genitivos antecedendo predicados inacusativos típicos; e, na **seção 7.4**, finalizo com o resumo do capítulo.

7.1 XPs INICIANDO CONSTRUÇÕES COM REDOBRO DE SUJEITO OU LOCATIVO

Para a análise proposta, subdivido esta seção em duas subseções: na **subseção 7.1.1**, examino os XPs em posição inicial nas sentenças com redobro de sujeito; na **subseção 7.1.2**, analiso os casos em que, nas construções com redobro de locativo, um elemento DP aparece anterior ao sujeito expletivo locativo.

7.1.1 XP redobrado por pronome em construções com redobro de sujeito

Para a análise de sentenças que exibem o redobro de sujeito, retomo os dados investigados por Costa, Duarte e Silva (2006) e por Kato e Duarte (2014). Meu objetivo, nesta subseção, é analisar os XPs que aparecem antecedendo o sujeito em Spec-TP. Revejamos os dados dos autores:

- (1) a. **O Pedro ... ele** acabou de telefonar. (PB/PE)
- b. **O Pedro ele** acabou de telefonar. (PB/*PE)
- c. Eu acho que **o povo brasileiro; ele;** tem uma grave doença. (PB/*PE)

(COSTA; DUARTE; SILVA 2006, p. 135)

- (2) a. [**Essa competência**]_i , **ela**_i é de natureza mental. (PONTES 1987)
 b. [**Mulher nenhuma**]_i **ela**_i pode querer dominar o homem. [**O homem**]_i **ele**_i é livre por natureza. [**A mulher**]_i **ela**_i tem que aceitar isso.
 c. [**Toda criança**]_i **ela**_i aprende rápido a gostar de coca-cola.
 d. [**O que é bom, o que é de qualidade**]_i **ele**_i fica; [**o que é ruim**]_i **ele**_i se perde.

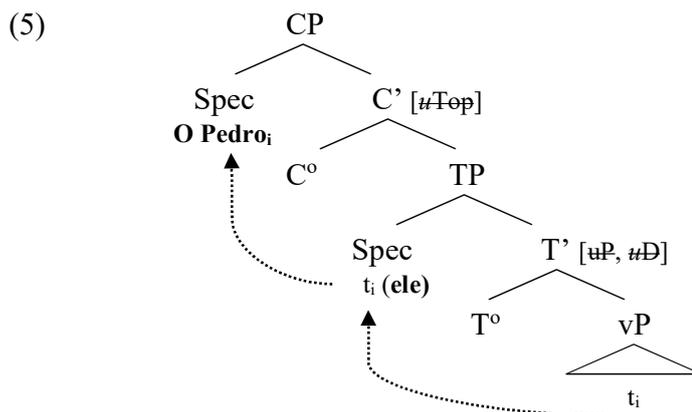
(KATO; DUARTE 2014, p. 157)

Os dados de (1) e de (2) devem ser interpretados como construções distintas. Para sentenças que apresentam pausa prosódica entre o XP iniciante e o sujeito, assumo que o XP ocupa a posição de Spec-CP. Já para os dados sem pausa prosódica entre o XP e o sujeito, argumento que o XP ocupa a posição de Spec-TP, juntamente com o elemento sujeito. Revejamos cada uma dessas situações:

- (3) **O Pedro... ele** acabou de telefonar.
 (4) [**Essa competência**]_i , **ela**_i é de natureza mental.

Nos contextos de (3) e (4), o XP é redobrado pelo pronome e apresenta pausa prosódica. Por essa razão, adotarei a hipótese de que o XP em posição inicial da sentença equivale a um **tópico prototípico** e, por isso, ocupa a posição de Spec-CP. Esse XP é s-selecionado pelo verbo e move-se para Spec-TP. No

entanto, há um traço de tópico no núcleo C° que precisa ser valorado. O XP, então, sofre *Merge* interno para Spec-CP, deixando um pronome-cópia na posição de Spec-TP. Como há um traço [*uP*] no núcleo T°, a posição de Spec-TP não pode ficar fonologicamente vazia. Assim sendo, o pronome em Spec-TP é interpretado como sujeito expletivo sintático; já o XP que o antecede é um tópico prototípico, pois, juntado a Spec-CP, valoro o traço [*uTop*], ativo no núcleo C°. Vejamos a derivação sintática em (5), que ilustra o dado em (3):



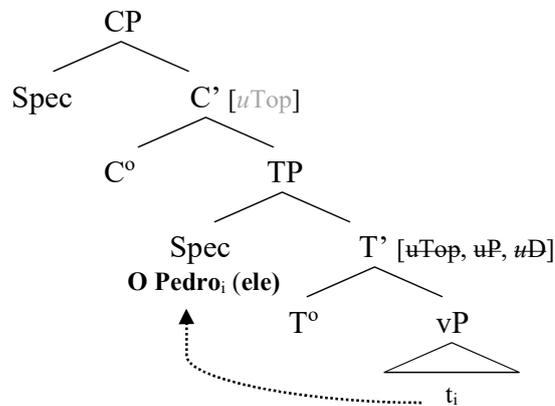
Já para os dados de (5) a (7), abaixo, assumirei que os XPs que introduzem as sentenças ocupam a posição de Spec-TP, juntamente com o pronome sujeito:

- (5) **O Pedro ele** acabou de telefonar.
- (6) Eu acho que **o povo brasileiro; ele;** tem uma grave doença.
- (7) [**Mulher nenhuma**]_i **ela**_i pode querer dominar o homem. [**O homem**]_i **ele**_i é livre por natureza. [**A mulher**]_i **ela**_i tem que aceitar isso.

Nas construções acima, há contiguidade entre o XP inicial e o pronome que o sucede (cf. COSTA; DUARTE; SILVA 2006). Por isso, defendo que o núcleo T^o apresenta os traços de margem [*uP*], [*uD*] e [*uTop*]. Com esses traços ativos, há o requerimento de preenchimento fonológico por dois XPs distintos⁶⁵. O XP anterior ao pronome de 3^a pessoa faz parte da s-seleção do verbo. Em tese, esse XP teria de ser juntado a Spec-TP para valorar o traço [*uP*] de T^o. Contudo, como o XP aparece contíguo ao pronome, propomos que esse XP valora o traço [*uTop*], herdado de C^o a T^o. O pronome seguinte, como já argumentado no capítulo anterior, equivale a um sujeito expletivo sintático, cópia dos traços- ϕ do XP que o antecede, valorando o traço [*uP*]. O XP que antecede o pronome em construções com redobro de sujeito recebe o estatuto de **tópico-sujeito**, pois valora o traço [*uTop*] de T^o. O composto [XP+pronome-cópia] compartilham o Caso nominativo (cf. KATO 1989, p. 127). Vejamos a estrutura (8), que ilustra o dado em (5):

⁶⁵ A possibilidade que assumo nesta tese de dois elementos ocuparem a mesma posição de especificador é consentida apenas se um dos traços a serem valorados por XPs numa mesma posição for o traço [*uP*], já que este requer apenas matriz fonológica. Sheehan (2006), citando Roberts e Rosseau (2001), afirma que o XP interpretável em Spec-TP, ou seja, a matriz fonológica dos traços- ϕ do primeiro XP, é um requerimento do componente fonológico.

(8)



Na próxima subseção, o objetivo é examinar os contextos com redobro de XPs locativos em Spec-TP, mas com um DP antecedendo o primeiro locativo.

7.1.2 DP antecedendo o sujeito expletivo em construções com redobro de locativo

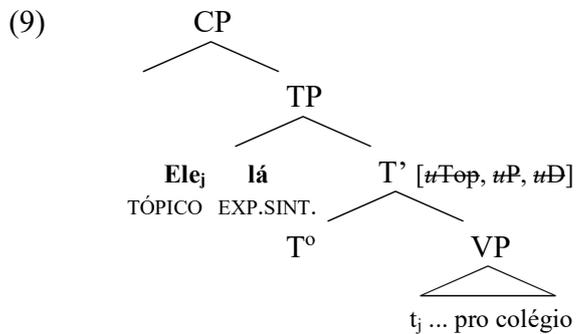
O contexto que é tema desta subseção já foi analisado no capítulo anterior, na seção que tratou do estatuto dos locativos em construções com redobro de locativo. No entanto, como este capítulo refere-se especificamente às construções em que há um elemento topicalizado presente, faz-se importante repeti-lo aqui.

Nas construções com redobro de locativo, é possível que um DP apareça antecedendo um sujeito locativo expletivo, como na sentença a seguir:

(9) **Ele lá** vai pro colégio.

Nesse contexto, o núcleo T^0 apresenta dois traços de margem requerendo o preenchimento lexical da posição de sujeito – os traços [uP] e [$uTop$]. O traço [uP], como visto no capítulo anterior, é valorado pelo expletivo ‘lá’ em Spec-TP. Já o traço [$uTop$], este é valorado pelo DP ‘ele’, introduzindo a sentença. Além de o traço [$uTop$] ser o único traço suscetível à valoração, já que [uP] já fora valorado, existe outra razão para considerar que o DP seja o elemento topicalizado. Conforme testes informais realizados com falantes do dialeto mineiro, há leitura enfática do DP em relação ao sujeito expletivo que o sucede. Essa ênfase do DP decorre da presença do traço [$uTop$] no núcleo T^0 . Como o traço [uP] já fora valorado pelo *Merge* do expletivo ‘lá’ em Spec-TP, o DP ‘ele’ é juntado internamente a essa mesma posição para valorar o traço [$uTop$]. Isso justifica sua categorização como um **tópico-sujeito**.

Vejamos como é realizada a derivação sintática do dado em (9):



Em (9), embora o DP ‘ele’ seja um argumento do verbo, ele é requerido como operação de último recurso para valorar o traço [$u\text{Top}$], herdado de C° a T° , e salvar a sentença da agramaticalidade.

Na seção seguinte, investigamos o preenchimento de Spec-TP por PPs locativos em predicados inergativos e inacusativos.

7.2 DERIVANDO CONSTRUÇÕES COM PPs LOCATIVOS

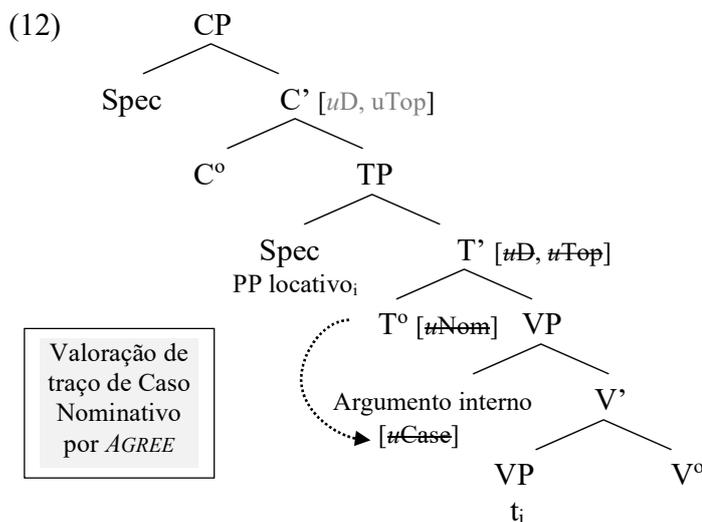
Nesta seção, assumirei que os PPs locativos ocupam Spec-TP e valoram os traços [uD] e [$u\text{Top}$] no núcleo T° das construções inacusativas e inergativas. Na sequência, apresento a análise correspondente a cada contexto.

7.2.1 Construções inacusativas

Atentemos para as sentenças seguintes:

- (10) **Na casa da Maria** *chegou* algumas cartas.
 (11) **Naquele documento** *consta* o nome da Maria.

Nas construções inacusativas (10) e (11), PPs locativos ocupam a posição de Spec-TP. Nesse tipo de predicado, nota-se que o DP argumento interno é projetado em Spec-VP, sua posição de base. Logo, se ele não se junta a Spec-TP, é porque um traço diferente de [*uP*] (traço argumental) está motivando o *Merge* de outro XP. Além disso, o traço de Caso do DP é valorado como nominativo por meio da operação *AGREE*. A estrutura sintática em (12) auxilia na compreensão de como se dá a derivação das sentenças em (10) e (11):



Em (12), o PP locativo valoriza o traço de margem [*uTop*] no núcleo T°, e valoriza também o traço [*uD*], uma vez que locativos são dêiticos. Embora sejam

tratados como argumentos do predicado inacusativo, os locativos não são inerentemente argumentais (AVELAR; CYRINO 2009, p. 5). Por isso, o traço [*uP*] não está ativo em T^o, uma vez que o elemento argumental prototípico não é o que ocupa a posição de Spec-TP. Se o traço [*uP*] estivesse presente, outro XP seria requerido para assumir a posição de sujeito gramatical da sentença.

Assim, PPs locativos em Spec-TP com predicados inacusativos se comportam como **tópicos-sujeitos** (ou tópicos argumentais).

7.2.2 Construções inergativas

PPs locativos ocupam a posição de Spec-TP em construções inergativas e valoram os traços [*uD*] e [*uTop*] de T^o. Vejamos os exemplos a seguir:

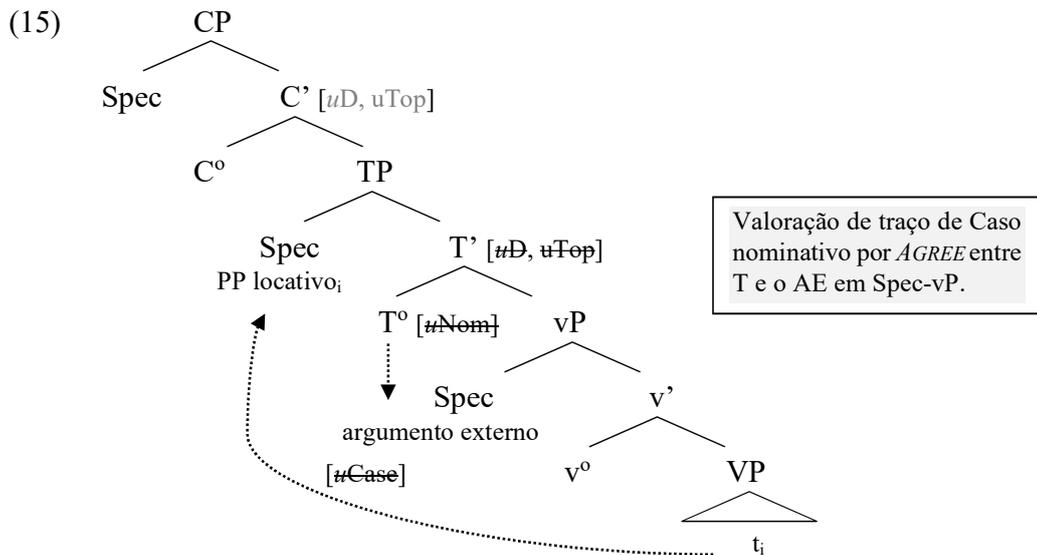
(13) **Na universidade** *estuda* a filha de uma amiga minha.

(14) **Naquela fábrica** *trabalha* muitos amigos meus.

A derivação de construções inergativas com a posição de sujeito ocupada por PPs locativos se dá de maneira similar à de construções com predicados inacusativos. A diferença é que, agora, o nível vP é projetado, devido ao fato de o verbo selecionar um agente.

Como se vê na estrutura sintática (15), a seguir, o núcleo T^o apresenta os traços [*uD*], [*uTop*] e de Caso nominativo ativos. O traço de Caso é valorado por

AGREE com o DP em Spec-vP. Esse DP permanece *in situ*, embora, como argumento verbal, poderia mover-se para a posição de Spec-TP e valorar o traço [*uP*] de T°. Entretanto, o traço [*uP*] não está ativo nesse contexto. Sua ausência justifica o *Merge* interno do PP locativo para Spec-TP. Já que o PP não é um argumento do verbo nessas construções, o PP se junta a Spec-TP para valorar o traço [*uTop*] do núcleo T°. Quando se junta a Spec-TP, o PP locativo valora também o traço [*uD*], a partir de suas propriedades dêiticas. Por essa razão, assumirei que o PP locativo em Spec-TP de construções inergativas é um **tópico-sujeito**.



7.3 DERIVANDO CONSTRUÇÕES COM LOCATIVOS E GENITIVOS

Com verbos inacusativos, nota-se que os XPs topicalizados são de natureza semântica divergente. Seguindo as intuições de Munhoz e Naves (2012), devemos ter uma postura mais atenta em relação aos dados. A primeira ponderação que deve ser feita se relaciona com a natureza semântica dos XPs na posição de Spec-TP, que podem ser genitivos ou locativos. A segunda observação se refere ao tipo de predicado inacusativo em que esses XPs ocorrem, que pode ser um inacusativo típico (monoargumental) ou um inacusativo biargumental.

Minha proposta coincide com a de Munhoz e Naves (2012) em alguns aspectos, principalmente naqueles de ordem semântica. Todavia, destoa em consideração a algumas particularidades sintáticas. Recobremos alguns dados que ilustram essas construções nas subseções seguintes.

7.3.1 XPs locativos

Nos exemplos a seguir, assumo que os XPs locativos ocupam a posição de Spec-TP:

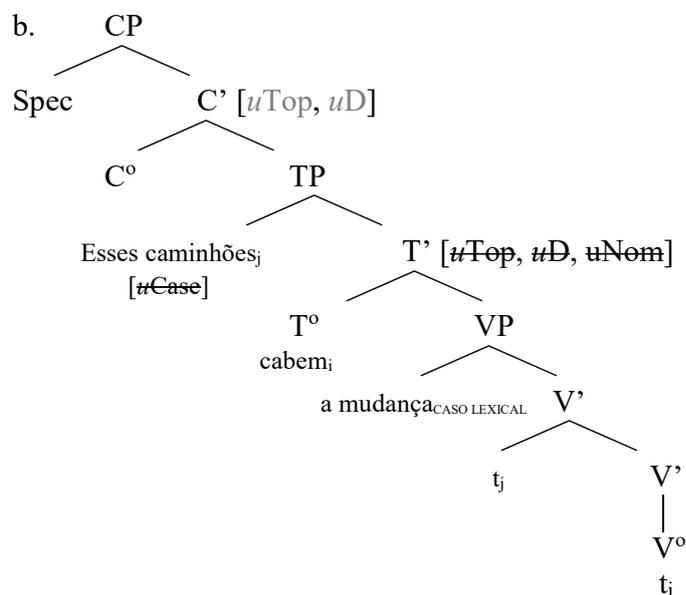
(16) **Essa casa** *bate* bastante sol. (p.254)

(17) **Esses caminhões** *cabem* a mudança. (p.256)

(MUNHOZ; NAVES 2012)

Em (16) e (17), os predicados inacusativos são biargumentais, ou seja, dois argumentos são s-selecionados pelo verbo – um tema e um locativo. Assumo que o argumento interno ‘tema’ s-selecionado pelo verbo inacusativo recebe Caso lexical nominativo. Já o argumento interno locativo tem seu traço de Caso valorado pelo núcleo T° como nominativo por meio da operação *AGREE*. O XP locativo é juntado a Spec-TP devido à necessidade de valoração do traço [*uTop*] presente em T°, e não por razões de Caso, conforme demonstra a derivação da sentença em (18):

(18) a. **(N)Esses caminhões** *cabem* a mudança.



Na estrutura sintática acima, representativa de predicado inacusativo biargumental, o traço [*uP*] não está ativo em T^o, já que o argumento preferencial para ocupar a posição de sujeito canônico nessas construções é o DP tema, já que está mais próximo do núcleo T^o. No entanto, esse DP permanece *in situ*, em Spec-VP. Isso sugere por que é o locativo que aparece em Spec-TP. Como o locativo não é o argumento prototípico do verbo, ele é juntado a Spec-TP para valorar o traço [*uTop*] de T^o. Assumo para esses dados que o XP locativo que antecede um predicado inacusativo biargumental é um **tópico-sujeito**, uma vez que ele valora o traço [*uTop*] de T^o.

7.3.2 XPs genitivos

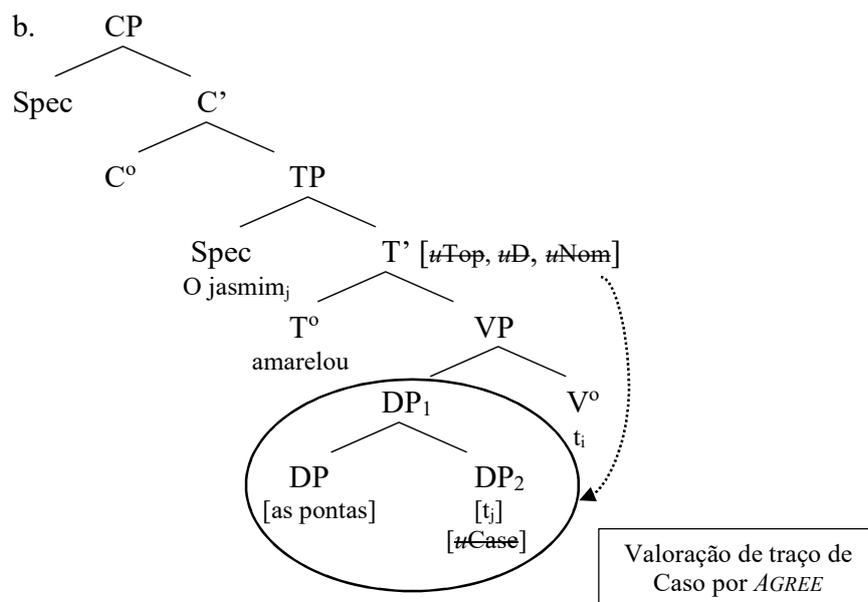
Abaixo, reapresentamos alguns dados com genitivos topicalizados, retirados de Pontes (1987), para delinear a proposta de análise:

- (19) **O meu carro** furou o pneu. (p.35)
- (20) **O jasmim** amarelou as pontas. (p.35).

Segundo Munhoz e Naves (2012), construções genitivas são comuns em predicados inacusativos típicos, com apenas um argumento (interno) sendo selecionado pelo verbo. Minha análise se conforma com a das autoras, que se baseiam em Lunguinho (2006) para assumir que o argumento do verbo

inacusativo é um DP₁ maior, que contém o DP₂ genitivo. O Caso do DP total (incluindo suas partes) é valorado de forma canônica pelo traço de Caso nominativo de T^o, por intermédio da operação *AGREE*. Como se trata de um DP₁ contendo outro DP₂, o DP₂ genitivo é atraído pela sonda T^o para Spec-TP, conforme (21b):

(21) a. **O jasmim** amarelou as pontas



Em (21b), o DP₂ genitivo é movido para Spec-TP para permitir a valoração dos traços [*uTop*] e [*uD*] da sonda T^o. Assim, em construções

topicalizadas com o XP genitivo em Spec-TP, este recebe o estatuto sintático de **tópico-sujeito**.

Em suma, com elementos locativos e genitivos topicalizados com predicados inacusativos, os XPs tópicos ocupam a posição de Spec-TP. O *Merge* interno desses XPs é engatilhado para valorar o traço de margem [*uTop*] ativo na sonda T°. Na posição derivada de Spec-TP, esses XPs recebem o estatuto de **tópicos-sujeito**.

Na próxima seção, apresento o resumo do capítulo.

7.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, analisei as construções constituídas por XPs topicalizados em posição de Spec-CP e Spec-TP. Os XPs que ocupam Spec-CP são tópicos prototípicos, uma vez que constituem elementos do discurso, inclusive com pausa prosódica marcada. Tópicos prototípicos valoram o traço [*u*Top] do núcleo C°. Já os tópicos localizados em Spec-TP, categorizados como tópicos-sujeito, valoram o traço [*u*Top] no núcleo T°, que foi transferido do núcleo C°. XPs tópicos-sujeitos caracterizam-se por não serem s-selecionados pelos verbos, salvo em situações de último recurso. Nos contextos nos quais ocorrem, em geral há um elemento temático suscetível ao *Merge* para a posição de Spec-TP. No entanto, esse elemento permanece *in situ*. Em seu lugar, um locativo ou um genitivo são juntados à posição de sujeito gramatical. Nessa posição, valoram o traço [*u*Top].

Argumentamos, ainda, que o traço [*u*P] só se faz presente em contextos com XPs topicalizados em Spec-TP se, além deste XP, outro elemento argumental leve (como cópias de sujeito ou locativo) se fizer presente nessa mesma posição. Esse é o caso das construções com redobro de sujeito e de locativo. Nas construções com redobro, o primeiro XP é um tópico-sujeito,

enquanto o segundo XP, o pronominal ou o locativo, é um sujeito expletivo sintático.

Elementos topicalizados aparecem em contextos com redobro de sujeito, com redobro de locativo (quando um DP antecede o redobro), em construções inacusativas e inergativas com agente/tema expressos, e em construções inacusativas típicas e inacusativas biargumentais (quando o XP é um genitivo ou um locativo, respectivamente).

O fato de o PB apresentar elementos topicalizados na posição de Spec-TP sinaliza que essa língua se diferencia de outras línguas de concordância. Em línguas de concordância, apenas sujeitos convencionais ocupam a posição de Spec-TP, conforme afirmado no capítulo 4. Uma vez que, em PB, além de sujeitos convencionais, também sujeitos não-prototípicos ocupam Spec-TP, essa língua também se encaixa entre aquelas que apresentam orientação para o discurso. Nesse sentido, o PB é uma língua híbrida, ou seja, tem evidências de orientação para concordância e para o discurso, tal qual o finlandês.

No próximo capítulo, apresento as considerações finais desta tese.

PARTE V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese foi produzida a partir da hipótese de que XPs de natureza sintática diversificada aparecem em Spec-CP ou em Spec-TP no PB para valorar traços de margem ativos nos núcleos C^0/T^0 (ou mesmo v^0/V^0). Há contextos de preenchimento da posição de especificador de Spec-v/VP, mas nos detivemos sobre aquelas construções com XPs nas posições de sujeito – Spec-TP – ou de tópicos/focos – Spec-CP.

Num primeiro momento, em consonância com toda a literatura gerativista, conjecturei que os XPs são juntados nas posições de especificadores de CP/TP em razão da valoração do traço EPP. Entretanto, atribuir a um único traço o papel de justificar todos os tipos de preenchimentos possíveis nas línguas naturais é pouco explicativo. Os preenchimentos nessas posições incluem, por exemplo, XPs sujeitos, XPs topicalizados/focalizados, XPs variados juntados por fronteamto estilístico, *wh-*, *scrambling*, etc. Dessa maneira, ancorando-me nas teorias de Chomsky (2008), Holmberg (2000, 2009, 2016), Miyagawa (2010), e dando sequência à proposta de análise iniciada por Butters (2009), aventei que EPP deve ser interpretado como um epifenômeno, e não meramente como um traço independente presente nos núcleos funcionais. Isso significa que o efeito de EPP, o qual pressupõe que as posições de especificadores têm de ser preenchidas

foneticamente, é alcançado a partir de quatro traços distintos, os quais são [*u*D], [*u*P], [*u*Foc] e [*u*Top]. Esses traços estão ativos nos núcleos, naqueles contextos que exigem o preenchimento fonológico das posições de especificadores.

Para testar as hipóteses, descrevemos dados de preenchimento inusitados no PB, seja por sujeitos ou por elementos topicalizados. Esses dados são oriundos dos trabalhos de autores que analisaram o fenômeno ou são parte de um *corpus* de língua falada. Partindo das explicações teóricas dos linguistas que investigaram o assunto, construí a minha proposta teórica para a explicação dos fatos. Minha proposta se justifica pelo fato de ainda não haver consenso entre os linguistas sobre as razões gramaticais que suscitam o preenchimento da posição pré-verbal no PB por XPs inusitados. Outra motivação para a proposta conecta-se com a insuficiência das explicações existentes para justificar os preenchimentos lexicais das posições de especificadores dos núcleos funcionais, não só no PB, mas também nas línguas em geral.

Para explicar os resultados alcançados a partir das hipóteses deste trabalho, divido essas considerações finais em duas seções. Na seção 1, apresento as previsões possíveis para as línguas naturais a partir da proposta de fatoração delineada nesta tese. Na seção 2, exponho o resultado encontrado para explicar os contextos com preenchimento lexical pré-verbal inusitado no PB, além de

propor uma classificação dessa língua quanto à possível configuracionalidade para a concordância ou para o discurso.

1 PREVISÕES DA FATORAÇÃO DE EPP PARA AS LÍNGUAS NATURAIS

A proposta assumida por Holmberg (2010) de fatoração de EPP em [*u*D] e [*u*P] para o fronteamto estilístico em línguas escandinavas não é capaz de sustentar os tipos de preenchimentos lexicais pré-verbais em línguas com deficiência de concordância e com orientação para o discurso. Com deficiência de concordância, o traço [*u*D] é defectivo, i.e., é desprovido de seus valores referenciais. Mesmo com propriedades dêiticas, esse traço não promove *Merges* sozinho, como assumi alhures. Nessas línguas, um XP diferente do sujeito canônico aparece em Spec-TP. Assim, o traço [*u*P] não pode ser valorado por esse XP. Para ocorrer a convergência da estrutura, o núcleo T^o precisa apresentar outro traço de margem, que assumimos ser o traço [*u*Top], transferido do núcleo C^o.

A proposta de Miyagawa (2010) para a fatoração de EPP nos traços [*u*- ϕ], [*u*Top] e [*u*Foc] também não consegue explicar línguas do tipo do PB. Pela proposta do autor, o preenchimento lexical por sujeitos canônicos em Spec-TP é justificado pela presença de traços- ϕ em T^o; ou, em línguas com orientação para

o discurso, o preenchimento de Spec-TP é motivado pela presença do traço [u_{Top}] ou do traço [u_{Foc}] nesse núcleo. Novamente, línguas do tipo do PB não alcançam suporte teórico apenas a partir desses traços. Como há contextos em que a morfologia é não-referencial em PB, o traço- ϕ de pessoa não está no núcleo T^o. Restaria, então, justificar o preenchimento por meio do traço [u_{Top}]. Todavia, há sujeitos preenchidos em Spec-TP que não são referenciais, nem tampouco são elementos topicalizados. Por conseguinte, outro traço, além de [$u-\phi$] e de [u_{Top}], tem de justificar o preenchimento dessa posição. Esse traço corresponde ao traço fonológico [u_P]. Esse traço argumental exige que o preenchimento de Spec-TP seja feito por um sujeito, mesmo desprovido de propriedade referencial.

Como consequência da insuficiência das propostas de fatoração de EPP dos autores supracitados, assumimos, então, que EPP deve ser fatorado nos traços [u_P], [u_D], [u_{Foc}] e [u_{Top}]. A consequência direta da fatoração de EPP em traços de margem que podem estar ativos nos núcleos funcionais é que postulamos que o traço EPP, na verdade, não existe. A nomenclatura “EPP” é apenas mnemônica. O EPP é compreendido como um epifenômeno, cujo efeito é o de que as posições de especificadores dos núcleos funcionais têm de ser preenchidas lexicalmente. Os traços de margem que são produto da fatoração de EPP garantem esses preenchimentos. Nesse sentido, esta proposta é mais

econômica do que aquelas que assumem que todos os núcleos funcionais possuem um traço EPP “abstrato”, motivando os preenchimentos.

Esta proposta garante explicação teórica para todos os tipos de preenchimento nas línguas naturais, inclusive dos contextos problemáticos de preenchimento da posição pré-verbal no PB, que suscitaram a investigação proposta nesta tese. De acordo com a fatoração assumida nesta tese, propomos que a divisão das línguas com relação à proeminência para sujeito ou para tópico seja assim delineada:

- (i) Línguas com proeminência para o sujeito (ou para concordância) apresentam apenas sujeitos temáticos em Spec-TP. Nessas línguas, o núcleo T^o contém os traços [*u*D]-referencial e [*u*P] ativos.
- (ii) Línguas com proeminência para o tópico (ou para o discurso) apresentam tópicos-sujeito ou focos-sujeito em Spec-TP. Nessas línguas, o núcleo T^o pode ou não apresentar o traço [*u*D]-dêitico ativo. Já os traços [*u*Foc] ou [*u*Top] sempre estão ativos em T^o.
- (iii) Línguas com proeminência para o sujeito (ou para concordância) e para o tópico (ou para o discurso), concomitantemente, apresentam sujeitos temáticos e expletivos (comuns ou sintáticos)

ou tópicos-sujeito e focos-sujeito em Spec-TP. Nessas línguas, o núcleo T^o pode ou não conter o traço [*uD*] referencial ou dêitico ativo. Esse núcleo apresenta ativos os traços [*uP*], [*uFoc*] ou [*uTop*].

As possibilidades de sujeito nulo nas línguas naturais relacionam-se com as propriedades do traço [*uD*] no núcleo T^o. Nesse caso, apenas esse traço de margem está presente no núcleo, já que ele não é capaz de motivar nenhum tipo de *Merge*. Se [*uD*] não estiver ativo em T^o, teremos verdadeiras construções impessoais, sem, sequer, que a posição de Spec-TP seja projetada. Por outro lado, se o traço [*uD*] estiver ativo em T^o, teremos contextos com sujeito nulo. Se o traço [*uD*] ainda mantém propriedades referenciais, teremos construções com sujeito nulo referencial. Se o traço [*uD*] possui apenas propriedades dêiticas, como nas línguas sem morfologia de concordância, teremos sujeitos nulos não-referenciais, os quais eu nomeio, nesta tese, de sujeitos nulos “dêiticos”.

Na seção 2, apresentamos os resultados encontrados para justificar os contextos de preenchimento pré-verbal no PB por XPs de natureza sintática diversificada.

2 O PB E O PREENCHIMENTO DE SPEC-CP/TP

Já para os dados de preenchimento de Spec-CP ou de Spec-TP específicos do PB, os resultados da análise permitem-me concluir que, nesta língua, os traços de margem podem estar ativos no núcleo C^o ou no núcleo T^o. Quando ativos em C^o, produzem preenchimentos lexicais em Spec-CP por XPs tópicos prototípicos. O núcleo T^o pode apresentar, além do traço do [*uP*], os traços de [*uFoc*] ou [*uTop*], estes últimos transferidos de C^o. A ativação desses traços em T^o produz sentenças com preenchimento de Spec-TP por sujeitos convencionais ou expletivos, além de tópicos-sujeitos.

Para os casos de preenchimento da posição de Spec-TP, discutimos que, em razão do enfraquecimento da morfologia de concordância verbal, o traço [*uD*] perdeu sua capacidade de referencialidade em alguns contextos. Nesses contextos, como consequência da deficiência referencial de [*uD*], outros traços de margem se ativaram no núcleo T^o, que são os traços [*uP*], [*uTop*] e [*uFoc*].

Nesta tese, os dados selecionados para a investigação não apresentaram contextos de preenchimento de Spec-TP por XPs focalizados, muito embora eles existam no PB. Os XPs que ocupam a posição Spec-TP equivalem-se a sujeitos convencionais/semiconvencionais, a expletivos sintáticos e a tópicos-sujeito (ou

tópicos argumentais). Sujeitos convencionais/semiconvencionais são chamados de TEMÁTICOS e valoram os traços [*u*D]-referencial e [*u*P] de T°. Sujeitos EXPLETIVOS SINTÁTICOS valoram [*u*D]-dêitico e [*u*P] de T°. Já os TÓPICOS-SUJEITO (tópicos argumentais), estes valoram os traços [*u*D]-dêitico e [*u*Top] de T°, ambos herdados do núcleo C°.

O fato de Spec-TP em PB poder alocar elementos diferentes de sujeitos prototípicos sinaliza que essa posição é híbrida nessa língua. Essa hibridez se relaciona diretamente com a capacidade referencial do traço [*u*D]. Sem a referencialidade, o traço [*u*D] faculta a sua valoração por elementos não-referenciais. Além disso, se esse traço está em T°, mas sem referencialidade, esse núcleo também não apresenta um traço de Caso nominativo (cf. FERREIRA 2000, p. 294).

O preenchimento de Spec-TP faz-se relevante naqueles contextos que, em PB não-contemporâneo, apresentam sujeito nulo expletivo. Nesses contextos, os predicados são considerados impessoais. No entanto, XPs locativos/temporais e alguns DPs com leitura genérica têm ocupado atualmente essa posição. Esse fato sugere que esses elementos têm características de expletivos. Nesta tese, categorizo XPs que ocupam Spec-TP nesses contextos como SUJEITOS EXPLETIVOS SINTÁTICOS.

Os sujeitos expletivos sintáticos referem-se àqueles XPs que, embora não totalmente desprovidos de valores semânticos, ocupam Spec-TP em contextos não-referenciais ou com redobro de locativo ou de sujeito. Isso sinaliza que sua única função é contribuir com a convergência da sentença, valorando o traço [*u*P] de T^o. A ocorrência de XPs com esse estatuto também permite reconhecer que existe um processo de expletivização em andamento no PB. Esse processo deriva principalmente da ativação do traço [*u*P] em contextos não-referenciais ou com redobro de locativo ou de sujeito. Em função de ainda não existirem sujeitos expletivos prototípicos em PB, tem ocorrido um processo gradativo de expletivização de itens. Nesse sentido, retomo a previsão de Greco e Vitral (1999) acerca de expletivização do locativo ‘lá’ em determinados contextos e expando para todos os outros elementos classificados nesta tese de expletivos sintáticos, acrescentando um nível anterior à expletivização categórica:

Item lexical > item funcional > **(quase) expletivo** > expletivo

O item que chamo na ilustração acima de ‘(quase) expletivo’ refere-se a todos os elementos que emergem na gramática para proceder à valoração do traço [*u*P] do núcleo T^o, sendo essa sua exclusiva função. Esses elementos podem, outrossim, apresentar perda de valores semânticos em etapas distintas no

processo de gramaticalização. Além disso, não é coincidente o fato de que os XPs que ocupam Spec-TP em construções impessoais ou com redobro sejam pronominais ou adverbiais. Segundo Vangsnes (2002, p. 62), essas categorias estão sempre na base do surgimento de expletivos, que minimamente contêm traços dêiticos. Isso quer dizer que expletivos não são totalmente vazios de valores semânticos.

Em suma, as características morfossintáticas delineadas nesta tese em relação aos dados do PB podem sinalizar microvariações da sintaxe dessa língua. Embora esta tese não seja de natureza variacionista, os resultados encontrados podem indicar que o PB encontra-se entre aquelas línguas que, segundo a divisão apresentada na primeira seção desta parte do trabalho, acionam XPs sujeitos e XPs topicalizados na posição de Spec-TP. Nessa perspectiva, somos instigados a sugerir a classificação do PB como uma língua com proeminência para concordância (já que ainda apresenta sujeitos temáticos em Spec-TP) e também para o discurso (uma vez que elementos topicalizados também podem ocupar Spec-TP). Testes adicionais ainda precisam ser realizados para assegurar essa classificação. Não obstante, o fato de elementos topicalizados aparecerem na posição canonicamente reservada para o sujeito canônico, Spec-TP, sinaliza que há, de fato, transformações ocorrendo na sintaxe do PB.

Todavia, pode ser que as propriedades morfossintáticas do PB que são distintas daquelas propriedades de outras línguas românicas (o português europeu, por exemplo) sejam reflexo apenas de “microvariação sintáctica [...] explicada em termos de micro-parâmetros abstractos, que não envolvem outras componentes da gramática” (COSTA 2010, p. 139)⁶⁶. Ainda assim, a minha expectativa é que os aspectos morfossintáticos do PB que foram descritos nesta tese ofereçam suporte às investigações futuras dos expedientes sintáticos que podem estar correlacionados a esses microparâmetros.

⁶⁶ Essa citação de Costa (2010, p. 139) aparece no texto em que o autor defende que contextos que vêm sendo investigados por vários linguistas como evidência de que o PB tem se tornado uma língua com proeminência para tópico também são encontrados no PE, uma língua que não contém tal propriedade. Esse se constitui em problema para ser resolvido no futuro.

*Tenho a impressão de ter sido uma
criança brincando à beira-mar,
divertindo-me em descobrir
uma pedrinha mais lisa ou uma
concha mais bonita que as
outras, enquanto o imenso oceano
da verdade continua misterioso
diante de meus olhos.*

Isaac Newton

REFERÊNCIAS

ABAURRE M. B. ; GALVES, C. “Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica”. In: CASTILHO, A. e BASÍLIO M. (Orgs). *Gramática do Português Falado*. Vol IV: Estudos Descritivos, p. 267-312. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. “Parametrizing AGR: word order, V-movement, and EPP-checking”. In: *Natural Language & Linguistic Theory* 16, 1998. Pp. 491-539.

AVELAR, J; CYRINO, S. “Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro.” *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 3, 2009, pp. 55-76.

AVELAR, J. *Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro*. Matraca 16, 2009, pp. 232-252.

_____.; GALVES, C. “Tópico e concordância em PB e PE”. In: COSTA, A.; BARBOSA, P.; FALÉ, I. (Orgs.) XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos selecionados. Lisboa: APL, 2011. p. 49-65.

_____. CALLOU, D. “Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca”. In: SILVA, A.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). *Línguas Pluricêntricas - Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*. Braga: Aletheia, 2011, p. 287-300

BAKER, M. “Agreement, dislocation, and partial configurationality”. In: Andrew Carnie, Heidi Harley, and MaryAnn Willie, eds., *Formal approaches to function in grammar*, 107–132. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

BENVENISTE, E. "Subjectivity in language." *Problems in general linguistics* 1 (1971).

BERLINCK, R. A. ; DUARTE, E. ; OLIVEIRA, M. “Predicação”. In: KATO, M. A. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil – Vol. 3: A construção da sentença*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

- BHAT, D. N. S. (2004). *Pronouns*. Oxford: Oxford University Press.
- BUTHERS, C.M. *Emergência da ordem [XP V (DP)] no Português Brasileiro Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo: uma abordagem minimalista*. Belo Horizonte, MG, 2009. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2009.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y.; KATO, M.; OLIVEIRA, C. T. de; COSTA, E.; ORSINI, M.; RODRIGUES, V. Topicalização e Deslocamento à esquerda: Sintaxe e Prosódia. In: CASTILHO, A. T. (org). *Gramática do Português Falado Volume III: As Abordagens*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 315-360, 1993
- CARDINALETTI, A. “Towards a cartography of subject positions”. In: RIZZI, L. (ed.) *The Structure of CP and IP: the cartography of syntactic structures*, vol 2. New York: Oxford University Press, 2004. p. 115-165
- CARSTENS, V. “Rethinking complementizer agreement: Agree with a casechecked goal”. *Linguistic Inquiry* 34:393–412, 2003.
- CARVALHO, D. S. “Uma proposta de estrutura interna para os pronomes pessoais no Português Brasileiro.” *Signótica*, Goiânia, v.29, n.2, p.455-481. Julho/dez 2017.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- _____. “Derivation by Phase”. In: Kenstowicz, Michael (ed.) *Ken Hale. A Life in Language*, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1999, p. 1-52.
- _____. “Derivation by phase”. In: Michael Kenstowicz, ed., *Ken Hale: A life in language*, 1–52. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001
- _____. *On Phases*. Ms. MIT, Cambridge, MA. 2005.
- _____. 2008. “On phases”. In: Robert Freidin, Carlos Otero, and Maria Luisa Zubizarreta, eds., *Foundational issues in linguistic theory*, 133–166. Cambridge, Mass: MIT Press.

CINQUE, G.; RIZZI, L. “The Cartography of Syntactic Structures”. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: OUP, p. 51-65, 2010.

COSTA, I. O.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A. “Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras”. *ReVEL*, edição especial n. 6, 2012. [www.revel.inf.br].

COSTA, J. “Orientação para o discurso importa? (BP and EP: does discourse orientation matter?)”. In: *Estudos da Língua(gem)*. v. 8, n. 1 p. 123-143. Vitória da Conquista, 2010.

CUNHA, L. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L. & KATO, M. “Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese”. In: KATO, M. & NEGRÃO, E. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 2000. p. 55-74.

DINIZ, C. R. *Eu te amo você: o redobro de pronomes clíticos sob uma abordagem minimalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte, 2007.

DUARTE, F. B. *Distribuição de pronomes fortes, fracos e afixos em línguas de sujeito nulo*. Revista do GEL (Araraquara), v.1, pp. 31-56, 2008.

DUARTE, M. E. L. *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1995. Tese de Doutorado.

_____. “Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1993.

_____. “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: Ian Roberts & Mary Kato (eds.), *Português Brasileiro – Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 107-128, 1996.

_____. “A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos”. In: PAIVA, M.C.; DUARTE, M.E. (Orgs). *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

FERNANDÉZ-SORIANO, O. “Two types of impersonal sentences in Spanish: Locative and Dative Subjects”. *Syntax* 2:101-140, 1999.

FERREIRA, M.B. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. UNICAMP: Dissertação de Mestrado, 2000.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

FONSECA, A. A.; BRANDÃO, A. C. M.; DA SILVA, A. C. O da. “Prosódia e sintaxe: um estudo perceptivo sobre estruturas de tópico e sujeito no português brasileiro”. In: *Diadorim*, Rio de Janeiro, Revista 17, vol. 2., p. 90-106, 2015.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. “Manual para normalização de publicações técnico-científicas”. In: *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 2003.

FUß, Eric. *The Rise of Agreement: A formal approach to the syntax and grammaticalization of verbal inflection*. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2005. Citado em: ROCHA, 2010.

GALVES, C.M.C. “O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro”. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

_____. “Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 34, 19-31, 1998.

_____. “Agreement, Predication, and Pronouns in the History of Portuguese”. In: COSTA, J. (Org.). *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GIVÓN, T. 1976. "Topic, pronoun and grammatical agreement". In: Charles Li, ed., *Subject and topic*, 149–188. New York: Academic Press, 1976.

GONÇALVES, P. "O papel das línguas Bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais". *Papia 14*, pp. 7-30, 2004.

GRECO, D.; VITRAL, I. "O advérbio 'lá' e a noção de gramaticalização. 1999. 15 p." *Monografia (Iniciação Científica-CNPq) – Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte* (1999).

GROLLA, E. B. "A aquisição da periferia esquerda da sentença em Português Brasileiro." (2000).

GUILHERME, M. R. C. "Preenchimento do sujeito no português do Brasil: colocação pronominal e satisfação do Princípio de Projeção Estendido". In: *Odisseia*, n. 12, p. 58-75, Natal, RN, 2014.

HASEGAWA, N. 2005. "The EPP materialized first, Agree later: Wh-questions, subjects and mo 'also'-phrases". *Scientific Approaches to Language* 4:33–88, 2005.

HOLMBERG, A. "Scandinavian Stylistic Fronting: How Any Category Can Become an Expletive". *Linguistic Inquiry*, v. 31, n. 3, 2000.

_____, A.; Nikanne, U. "Expletives, subjects, and topics in Finnish". In: Peter Svenonius, ed., *Subjects, expletives, and the EPP*, 71–106. Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. "Is there a little pro? Evidence from Finnish." *Linguistic Inquiry* 36:533–564, 2005.

_____; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. "Three Partial Null-Subject Languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi." *Studia Linguistica* 63(1), 59-97, 2009.

KATO, M. Z. "Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe?". *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas (17): 109-131, julho-dez 1989.

_____. "Strong pronominals in the null subject parameter". *Probus*, 11, p. 1-37, 1999.

_____; DUARTE, M.E.L. *Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese*. Comunicação apresentada no NWAV32, Universidade da Pensilvânia, 2003.

_____. "Indefinite subjects in Brazilian Portuguese, a topic and subject-prominent language". Comunicação apresentada no *VII Workshop on Formal Linguistics*, Curitiba-PR, 2008.

_____. "Mudança paramétrica e orientação para o discurso." *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* 2008b.

_____, M. A.; NUNES, J. "A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese". In: NUNES, J. *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing CO, 2009.

_____. "A variação entre construções finitas pessoais e impessoais no português brasileiro". *Web-Revista SOCIODIALETO*. U EM S, Campo Grande, vol. 4, número 12, 2014.

KISS, K. É. *Two positions in English*. *The Linguistic Review* 13, 1996. Pp. 119-142. In: SVENONIUS, P. *Subjects, Expletives and the EPP*. New York: Oxford University Press, 2002.

KOIZUMI, M. *Nominative object*. In Shigeru Miyagawa and Mamoru Saito, eds., *The Oxford handbook of Japanese linguistics*, 141–164. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KUNO, S. *The structure of the Japanese language*. Cambridge, Mass.: MIT Press., 1973.

KURODA, S.-Y. *Generative grammatical studies in the Japanese language*. Doctoral dissertation, MIT, 1965

_____. "The concept of subject in grammar". In: SHIBATANI (ed). *Syntax and Semantics: Japanese Generative Grammar*. New York: Academic Press, 1976.

LI, C.; THOMPSON, S. *A functional reference grammar of Mandarin Chinese*. 1981.

LUNGUINHO, M. V. da S. “Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas”. In: SILVA, D. E. da (Ed.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cânone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, p. 133-147, 2006.

LYONS, J. "Semantics." (1977).

MAIA, F.P.S. *A Variação Nós/A Gente no dialeto mineiro: investigando a transição*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte, 2003.

MARTINS, D. D. “O Processo de Gramaticalização nas Preposições”. In: *Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15, Nº 31*, 2014

MIYAGAWA, S. *On the EPP*. In Martha McGinnis and Norvin Richards, eds., *Perspectives on phases*, 201–236. MIT Working Papers in Linguistics 49. Cambridge, Mass.: MIT, MIT Working Papers in Linguistics, 2005.

_____. Why agree? Why move? Unifying agreement-based and discourse configurational languages. *Linguistic Inquiry Monograph 54*, MIT Press, 2010.

MODESTO, M. *Sujeitos Nulos em Línguas de Tópico Proeminente*. São Paulo: Revista da ABRALIN, vol. III, n. 1 e 2, pp. 121-148, 2004.

MORAES, J.A. de; ORSINI, M.T. “Análise prosódica das construções de tópico no português do Brasil: estudo preliminar. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p.261-272, dez. 2003.

MUNHOZ, A. T. M.; NAVES, R. R. Construções de Tópico-Sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. In: *Signum: Estudos de Linguagem*, v. 15, p. 245-265, Londrina, 2012.

NOMURA, M. *Nominative Case and AGREE(ment)*. Doctoral dissertation, University of Connecticut, Storrs, 2005

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2007.

PEREIRA, B.K. "Lá'pós-nominal na cartografia do DP: questões sobre especificidade e identificação." *ALFA: Revista de Linguística* 55.1, 2011.

PILATI, E.; NAVES, R. R. Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito no português brasileiro. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Linguística Histórica, São Paulo: USP, 2012.

_____; LIMA-SALLES, H. *Alçamento de possuidor/locativo, pronomes dêiticos (locativos/ temporais) na posição de sujeito no PB*. Comunicação oral no GT-TG da Anpoll. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

_____; NAVES, R. R.; LIMA-SALLES, H. M. M. "Locative DPs and deictic adverbs/pronouns in subject position in Brazilian Portuguese". *Boundaries, Phases and Interfaces: Case studies in honor of Violeta Demonte*, v. 239, p. 63, 2017.

_____; "On The Syntax of Subjects in Brazilian Portuguese: Using the 'SPLIT' Pronominal Sytem as the Basis for an Alternative Analysis". *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 19, p. 99-139, 2017.

_____. "Uma análise unificada para sujeitos inovadores (nulos e manifestos) na gramática do português brasileiro". *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 46, p. 65-82, 2018.

PONTES, E. *Sujeito: Da Sintaxe ao Discurso*. São Paulo: Ática; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

_____. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RADFORD, A. *Syntatic Theory and the Structure of English: A Minimalist Approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *English Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

RAMOS, J. O uso das formas Você, Ocê e Cê no dialeto mineiro. In: DA HORA (Org). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa, PB, 1997.

RIZZI, L. “The fine structure of the left periphery”. In: Liliane Haegeman, ed., *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*, 281–337. Dordrecht: Kluwer, 1997.

ROBERTS, I. *Clitics, head movement, and incorporation*. Ms. University of Cambridge, 2007.

ROCHA, L. H. P. “Os argumentos dos verbos *comprar* e *vender* em contextos de uso. In: *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 107-128, 2014.

ROCHA, R. M. *Morfossintaxe de Caso nos Pronomes Pessoais do PB/MG atual*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2010.

RODRIGUES, C. *Impoverished morphology and A-movement out of Case domains*. Tese de Doutorado, Universidade de Maryland, 2004.

SANTOS JÚNIOR, A. J. *A indeterminação do sujeito em português: do verbo ao discurso*. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

SHEEHAN, M. *The EPP and null subject in Romance*. Doctoral Tesis, Newcastle University, 2006.

SIBALDO, M. A. “Sobre os Expletivos”. In: MOURA, D. *Os Desafios da Língua* (Pesquisas em língua falada e escrita). Maceió: EDUFAL, 578 p., 2008.

SIEWIERSKA, A. From anaphoric pronoun to grammatical agreement marker: why objects don't make it. *Folia Linguística*, 33/2 : 225-251, 1999. Citado por: ROCHA, 2010.

SILVA, C.R.T. *A Natureza de Agr e suas implicações na ordem V-S: um estudo comparativo entre o Português Brasileiro e o Português Europeu*. Dissertação de Mestrado: UFAL, Maceió, 2004.

SILVA, H.S. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: confronto entre o Português e o Espanhol*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras da UFRJ: Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, E. M. *O uso do pronome 'eles' como recurso de indeterminação do sujeito*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2007.

_____. *Sujeitos de Referência Arbitrária: uma classe homogênea?* Belo Horizonte, MG, 2013. 133f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2013.

TEIXEIRA DE SOUSA, L. "Sujeito, tópico e concordância no português brasileiro." In: MARÇALO, LIMA-HERNANDES, ESTEVES *et.all.* (Org.). *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010; v.1, p.53-73.

VANGSNES, Ø. A. "Icelandic Expletive Constructions and the Distribution of Subject Types". In: SVENONIUS, P. *Subjects, Expletives and the EPP*. New York: Oxford University Press, 2002.

VIOTTI, Evani. Uma história sobre "Ter" e "Haver". In: LUZ, Geraldo et al (Org.). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, n. 34, 1998.

VITÓRIO, E. "Ter e haver existenciais: gramática versus uso." *Revista Urutáguia* 21: 90-98, 2010.

VITRAL, L. A evolução do SE reflexivo em português na perspectiva da gramaticalização. In: LOBO, Tânia *et al* (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006b, v. 6, p. 107-133.

_____; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. 1a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

WOOLFORD, E. "Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure". In: *Linguistic Inquiry*, v. 37, Number 1, Winter, p. 111–130. the Massachusetts Institute of Technology, 2006.